

CEDI - P. I. B.  
DATA 20 / 10 / 86  
COD PND 01



ESTE TRABALHO SÓ FOI REALIZADO, GRAÇAS A COLABORAÇÃO  
SUBSTANCIAL DO DR. PEDRO TERCIO OLIVETTI E DE MEUS  
AMIGOS.

O EMBASAMENTO TEÓRICO PARA TAL EVENTO FOI CONSEGUIDO  
COM OS MESTRES DA UNICAMP, NOS CORREDORES DESTA UNI-  
VERSIDADE.

Uma consciência participante, uma ritmica religiosa.

\* \* \*

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. É a mentalidade prológica para o Sr. Lévi Bruhl estuadas.

\* \* \*

Queremos a revolução Carálba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade do ouro anunciada pela América. A idade de ouro. É todas as girls.

\* \* \*

Filiação. O contato com o Brasil Carálba. *Os Villegambos print terra*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e à Barbare recalcada de heurística. Condições.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonambuloso. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

\* \* \*

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor de nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fêz-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

\* \* \*

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de ocridiano. E as inquisições exteriores.

\* \* \*

Só podemos atender ao mundo oracular.

\* \* \*

Tabernas a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em *Glenn*.

\* \* \*

REVISTA DO LIVRO

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Caçaverizadas. Top do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Ante das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

\* \* \*

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

\* \* \*

O instinto Caraíba.

\* \* \*

Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Kosmos* ao *Kosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropologia.

\* \* \*

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

\* \* \*

Nunca fomos entequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

\* \* \*

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A de de ouro.

Catiti Catiti  
Imara Notia  
Notia Imara  
Ipejú.

\* \* \*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens os, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o sério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

\* \* \*

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que a parantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se li Matias. Comi-o.

\* \* \*

Só não há determinismo, onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

\* \* \*

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

\* \* \*

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

\* \* \*

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

\* \* \*

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropólogo, o Visconde de Cairú; -- é a mentira muitas vezes repetida.

\* \* \*

Mas foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboti.

\* \* \*

Se Deus é a consciência do Universo Incrêdo, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

\* \* \*

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

\* \* \*

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios, e o tédio especulativo.

\* \* \*

De William James a Veronoff. A transfiguração do Tabu em tótem. Antropofagia.

\* \* \*

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a pro-curiosa.

\* \* \*

REVISTA DO LIVRO

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia dos  
deuses. Mas o caratão não precisava. Porque tinha Cláudio.

\* \* \*

O objetivo criado renge como os Anjos de Quênia. Depois Molinês  
e a. Que temos nós com isso?

\* \* \*

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha desco-  
bido a felicidade.

Contra o índio de torcheiro. O índio filho de Maria, afilhado de  
Carolina de Médiéis e genro de D. Antônio de Mariz.

\* \* \*

A alegria é a prova dos nove.

\* \* \*

No matriarcado de Pindorama.

\* \* \*

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renge

\* \* \*

Somos concretistas. As idéias tomam conta, zangam, queimam gente  
praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralismas. Pelos  
deuses. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas es-

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Uiclé de D. João VI.

\* \* \*

A alegria é a prova dos nove.

\* \* \*

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura-Iustrada pela  
condição permanente de homem e o seu Tabu. O amor quotidiano  
modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo  
e. Para transformá-lo em lótem. A humana aventura. A terre-  
malidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antro-  
pia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos  
os males identificados por Freud, mães catequistas. O que se dá não é  
sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do ins-  
tinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e evita a amizade.

Ativo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao acilamento. A bolsa antropofagia aglomerada nos pecados de catolicismo — a inveja, a usura, a cobardia, o assassinato. Peste dos chamados quatro vícios e vícios vizinhos, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Alencarte cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Inocência — o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: — Minha filha, põe essa corda na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragançino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, venal e opressora, cadastrada por Freud a realidade sem complexos, sem burocracia, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Uindorama.

OSWALDO DE ANDRADE

Em Piratininga.

Ano 374 da Deglutição do Bispo Sacolinha.

Revista de Antropofagia, nº 1, ano 1, maio de 1928

Este trabalho foi elaborado com uma pesquisa de campo em 1977 e 1979, sobre os índios PAKAA-NOVA. Foi utilizado o relatório enviado à FUNAI em 1977 feito por mim e Tadeu Giglio. A idéia do trabalho foi concebida desde 1973, quando fui chefe de Posto em Sagarana e foi utilizada para que aprimorasse o meu processo educativo durante meu curso de graduação na UNICAMP.

O trabalho está ausente de análises teóricas e categorias conceituais e muito mais voltado para a minha preocupação sobre a real situação dos índios.

A grande dificuldade foi a inexistência de qualquer literatura sobre esta tribo.

E tudo começou de novo.

A fim de ter uma "luz" comecei a analisar o 7º relatório de uma viagem a Região Guaporé de Etta Becker, em 1930, onde ela visita uma aldeia vazia dos PAKAA-NOVA.

O outro ponto de apoio foi com "Desbravadores" de Vitor Hugo.

Como os PAKAA-NOVA são do grupo linguístico "Chapacura", também foi analisado o trabalho de Alfred Métraux - "The native tribes of Eastern". (Anexo I)

A primeira menção em que consta a nação PAKAA-NOVA data de 1843 (Vitor Hugo - 59) e foi feita por Frei José Maria Macerato, prelado e administrador da jurisdição eclesiástica de Cuiabá, Mato Grosso.<sup>1</sup>

Porém sabemos que em 1879, D. Pedro II mandou uma comissão de engenheiros a fim de fazer estudos completos sobre a exploração e o projeto da "The Madeira-Mamoré Railway Company", isto depois do empreendimento ter falido nas mãos de americanos. Em 1903 inicia-se o trabalho da estrada de ferro que só termina em 30 de abril de 1912 e, inaugurada em 7 de setembro de 1912. A Madeira-Mamoré teve grandes problemas com os índios da região, parecendo-nos que o contato foi intenso e nada amistoso como vemos na carta do Gerente Geral da Madeira-Mamoré R.C., sr. Kresse King, a Paulo Saldanha, administrador em Guajará-Mirim da Guaporé Rubber Co. -

"É-nos grata a notícia de não terem sido os mesmos índios perseguidos apesar do ataque. Consideramos muito regular o modo de proceder de V.S. quanto a usar de todos os meios possíveis, no sentido não só de evitar perseguições aos índios e represálias aos seus ataques (...) mas também de procurar a amizade deles. Estamos resolvidos, neste assumpto, a influir criando premios para os seringueiros que conseguirem (...) viver em completa harmonia com os silvícolas e atraí-los por esse meio, à sua convivência."



7

Paulo Saldanha responde laconicamente "nao há necessidade de fazer assim..." a sugestao de premios.

É muito viva na memória dos "ururam'tohen", uma das linhagens do PAKAA-NOVA, os ataques nao só aos seringueiros mas também a Estrada de Ferro Madeira Mamoré e, a população da região diz que para reprimir os ataques dos índios à estrada de ferro a Companhia electrocutava os trilhos.

Assim podemos concluir que a estrada Madeira-Mamoré, que nao só matou muitos Homens Brancos mas, também como todo empreendimento na Amazonia, contribuiu para aniquilamento dos índios.

E as pessoas que iam para o El Dorado nao eram as mais inocentes. Conforme vemos em "Nova era de um Porto Velho" (Vitor Hugo). (Anexo 2)

Na década de 30 Etta Becker visita uma aldeia PAKAA-NOVA no rio Pakas-Nova, porém a aldeia estava vazia e Etta Becker nao teve contato com os índios. (Anexo 3)

Vitor Hugo volta a falar dos PAKAA-NOVA citando Darci Ribeiro em um levantamento dos índios da Prelazia de Porto Velho, onde coloca os índios fora dos limites atuais da Prelazia em número de 500 a 1000.

Porém é de nosso conhecimento que o contato com os PAKAA foi na década de 40 conforme reportagem do Cruzeiro. (Anexo 4)

Um dado interessante é que Roquete Pinto em sua Carta Etnográfica de Rondônia nao cita os PAKAA-NOVA em 1934.

1 - "Paca-Nóva - nação que reside na margem direita do rio do mesmo nome, que deságua no Mamoré, nao hé tão valente, mas sempre ig que de ter comércio com os negociantes do Pará" (Os Desbravadores - Vitor Hugo).

Os PAKAA-NOVA estão localizados no Território de Rondônia, na região do Manoré, fronteira com a Bolívia.

Divididos em nove aldeias<sup>1</sup>, oito sob a tutela da FUNAI, e uma sob a tutela de missionários católicos (Sagarana). Das oito aldeias, seis dividem a tutela da FUNAI com missionários protestantes da New Tribes.

Essas nove aldeias estão contidas em cinco Postos Indígenas (P.I.) dos quais quatro são da FUNAI (Ribeiras, Lage, Rio Negro Ocidental e Pakaa Nova) e uma da Igreja Católica (Sagarana). Todas sob a jurisdição da 8ª D.R. Sagarana não é reconhecida pela FUNAI como área indígena. (Anexo 3)

As aldeias Tanajura, Cachoeirinha e Graças a Deus, no P.I. Pakaa-Nova, estão situadas no longo do rio Pakaa-Nova. A aldeia Sagarana, na Baía da Coca às margens da Foz do Guaporé com Manoré.

A aldeia Pitop (do P.I. Pakaa-Nova) está a seis Km da margem do Rio Pakaa-Nova, a partir de Tanajura. Dois Irmãos, também do P.I. Pakaa-Nova está às margens do Rio Dois Irmãos. As aldeias Igarapé Ribeiras e ainda Lage e Rio Negro Ocidental situam-se às margens dos rios que dão nome as mesmas e seus respectivos P.I.s.

As aldeias de Lage e Ribeiras tem acesso por via terrestre, as outras por via fluvial, e Sagarana, além da via fluvial, tem um campo de pouso.

Em 1979 as aldeias de Pitop e Cachoeirinha foram desativadas e os índios dessas aldeias se repatriaram para as margens do rio Pakaa-Nova, Tanajura e Graças a Deus.

A aldeia de Dois Irmãos também foi desativada pela FUNAI, alegando difícil acesso a mesma e os índios vieram para a margem do Pakaa-Nova formando a aldeia de Castanheira. Esses índios são em número de mais ou menos 100.

É interessante notar que a FUNAI ao invés de construir um campo de pouso para as emergências da aldeia, transferiu os índios para a margem do Pakaa-Nova onde eles tem maior acesso a civilização branca e conseqüentemente maiores doenças. A aldeia de Dois Irmãos tinha fartura em árvores frutíferas, caça e pesca, sendo tudo abandonado pela FUNAI. A aldeia de Lage, devido ao grande surto de doenças endêmicas (malária, tuberculose) está em vias de mudança.

1 - Essa situação de nove aldeias, foi mantida até 1979, quando tivemos remoção de aldeias por parte da FUNAI.

POLITICA

Todas as aldeias estão diretamente sob a orientação da Ajudância de Guajará-Mirim, cujo chefe atual é o sr. Nilcio Graçiliano de Oliveira. É interessante notar que de 1977 a 1979 a Ajudância de Guajará passou por quatro chefes. Em todos os postos há 1 chefe de posto, enfermeiro. Não há enfermeiro apenas no P.I. Ribeirão. Nos postos de Pakaa-Nova e Rio Negro Ocala vamos encontrar os missionários da "New Tribes", que são responsáveis pela educação indígena. Na aldeia Castanheira não há chefe de posto e o missionário da New Tribes (Royal) é o chefe de posto e a sua esposa, a enfermeira. Estava para ser enviado o chefe de posto.

Sagarana: em Sagarana há um chefe de posto, um francês casado com uma boliviana, sustentado pela Prelazia de Guajará-Mirim. A aldeia de Sagarana não é reconhecida como área indígena e não é demarcada.

O restante dos P.I.s. já estão demarcados.

P.I. Lage e Ribeirão - 152.000 hectares

P.I. Pakaa-Nova - 220.000 hectares

P.I. Rio Negro Ocala - 97.000 hectares

Em 1977 havia um chefe de posto no Lage e Pakaa-Nova, porém nenhum no Ribeirão e contava-se com missionários da New Tribes em Rio Negro Ocala.

Os trabalhadores braçais: um no Lage contratado pela FUNAI, nos outros P.I.s. são os índios que trabalham e são remunerados pelo chefe de posto.

EDUCACIONAL

Em 1977 encontramos escolas em Lage, Pitop e em Rio Negro Ocala. A escola de Lage estava em péssimas condições, entretanto existe uma outra em construção<sup>1</sup>. A escola de Pitop abrangia as aldeias de Graças a Deus, Tanajura e Cachoeirinha; entretanto a avaliação do raio de ação da mesma, não pode ser constatado. Observou-se, a grande distância entre as aldeias servidas por esta escola.

Em 1979 só existiam escolas em Rio Negro Ocala e Pakaa-Nova.

A escola no Rio Negro Ocala, em 1977, estava muito bem instalada e, a mesma servia para cultos religiosos da missão New Tribes.

1 - A escola do Lage em 1979 já estava concluída porém fechada por falta de professor.

MÉDICA E RELIGIOSA

10

Em 1977 as instalações próprias para atendimento médico só foram encontradas na aldeia de Rio Negro Ocaia, porque só essa aldeia possuía condições de abrigar dois leitos, além de uma farmácia. As outras aldeias (Pitop, Lage, Tanajura), estavam em condições insatisfatórias e provisórias. As aldeias de Graças a Deus e Cachoeirinha eram atendidas por Pitop.

Encontramos também, junto à presença dos missionários New Tribes, construções para realizações de cultos protestantes em Rio Negro Ocaia e Pitop; salientando-se que de Pitop fazia parte Tanajura, Graças a Deus e Cachoeirinha.

Em 1979, encontramos farmácias com dois leitos em: Lage e Rio Negro Ocaia. Farmácias bem montadas em Graças a Deus e Tanajura.

COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE

Nas aldeias que estivemos presentes em 1977, constatou-se a exigência de um só rádio de transmissão e recepção - na aldeia de Rio Negro Ocaia, que era tocado a gerador de gasolina. As aldeias de Rio Negro Ocaia, Dois Irmãos e Pitop ( desta também usufruindo Tanajura, Graças a Deus e Cachoeirinha) possuíam um barco de alumínio cada uma, com motor de 15HP além deste, o Rio Negro Ocaia tinha também um motor de rabo<sup>1</sup> dos índios locais, que utilizavam em suas próprias canoas (feitas de tronco).

Além dessas embarcações havia, como transporte em Lage e Pitop, uma bicicleta, dois cavalos pertencentes aos índios de Graças a Deus.

Em 1979 encontramos em todas as aldeias, rádio de transmissão e recepção, tocados a gerador de gasolina. As aldeias de Lage, Rio Negro Ocaia estão com os rádios quebrados. Infelizmente, o rádio da agência de Guajará-Mirim somente é ligado na parte da manhã.

Encontramos também nos P.I. Pakaa-Nova e Rio Negro Ocaia dois (2) barcos de alumínio da FUNAI com motor de 15HP. No Rio Negro Ocaia os índios tem uma chata (barco de madeira-modelo boliviano) com motor de centro. No Lage os índios tem uma camionete C-14, cabine dupla. Há dois (2) cavalos no Lage e no P.I. Pakaa-Nova os índios tem motor de rabeta, que eles utilizam em suas próprias canoas.

1 - Durante nossa visita em 1979, não encontramos o motor de rabo, provavelmente o índio se mudou para o Pakaa-Nova.

## HABITAÇÕES

Dentre as habitações naturais dos indígenas (duas águas de urucuri trançadas, quatro estelos de sustentação, metade da área coberta com assoalho de paixiuba acima do solo), encontrou-se as casas de missão em Pitop<sup>1</sup> e Rio Negro Ocaia, ambas com características semelhantes a de civilizados e semelhantes entre si, isto é, a casa tinha distribuição interna (quarto, sala, cozinha), portas e janelas. Apenas o material utilizado era característico da região, paixiuba (madeira característica) e urucuri (folha de coqueiro), sendo que a casa da missão de Pitop diferenciava-se quanto ao seu assoalho de paixiuba acima do solo, que a do Rio Negro Ocaia não tinha, entretanto esta última tinha seu chão de cimento e também um escritório (paixiuba, palha) independente. Essas casas possuíam caixa d'água e poça com bomba.

As habitações dos chefes de posto nas aldeias de Pitop, Lage e Tanajura (ex moradia do chefe de posto e atual moradia do ajudante Aiai), tinham também características semelhantes as de civilizados e construída de paixiuba, recoberta de barro com teto de palha.

A casa do P.I. Rio Negro Ocaia é muito bem instalada, com jardim fronteiro, cercada de arame farpado e mourão, construída de adobe (tijolo de barro cru, secado ao sol) com alvenaria, chão cimentado e telhada, com sanitário (fossa) e banheiro (chuveiro) independentes da casa e entre si, também de adobe, alvenaria e telhada.

Na aldeia de Rio Negro Ocaia haviam quatro poços, com tampa de cimento sendo que um era em frente da missão, outro do P.I. e os outros dois da aldeia, e nesta mesma aldeia, para diversão havia meia quadra de basquete de chão batido. Encontrou-se em todas as aldeias a difusão da prática do futebol.

Isto nós encontramos em 1977. Atualmente como já citamos, Pitop não existe e casas acima do solo só existem nos P.Is. Pakaa-Nova<sup>2</sup>, Rio Negro Ocaia e Lage. Nos demais P.Is. as casas são iguais as dos civilizados. Os poços artesianos foram desativados, porém construíram uma farmácia de material de construção civilizado (as farmácias dos P.Is., vivem de remédios dos CEME e doações de particulares, o remédio em nenhum momento é vendido), com ambulatório e quatro(4) leitos. O campo de basquete do Rio Negro Ocaia não existe mais.

As habitações dos PAKAA-NOVA eram barracões de uma água. Somente depois do contato com o branco que passaram a ter casa com duas (2) águas.

- 1 - Esta casa hoje está em Tanajura, com as mesmas características.
- 2 - A casa do chefe de posto é feita de material de construção de civilizado, com jardim, quintal e cercada.

No Rio Negro Ocidental, as aldeias que ainda construíram para fazer a roça existe a casa de solteiro, porém em nenhum outro P.I. foi encontrado este tipo de casa e assim de ano a ano as habitações dos PAKAA NOVA mais se assemelham a dos "civilizados".

### ATIVIDADES ECONÔMICAS

A principal atividade econômica dos PAKAA-NOVA, encontra-se na agricultura, a caça e a pesca limitam-se a subsistência das aldeias. Na agricultura os principais produtos cultivados são:

Milho - produzido para subsistência

Macaxeira - cultivada para produção de farinha - subsistência e comércio

Feijão - cultivado para comércio

Arroz - cultivado para comércio

Na aldeia do Rio Negro Ocidental, os PAKAA-NOVA plantam melancia, abóbora, batata doce e cará.

A organização da produção agrícola divide-se em duas etapas: primeiro a derrubada e broca, depois o plantio.

Geralmente a derrubada e broca é feita em tempo de seca (verão) e o plantio em tempo de chuva (inverno). A primeira é um trabalho realizado por todas as mulheres da aldeia, o segundo é um trabalho individual (pois a roça é individual) realizado pelo homem com a ajuda da mulher e da criança, o mesmo acontece na colheita. As roças são longe das aldeias.<sup>1</sup>

Todo o trabalho realizado na produção agrícola, é feito com a utilização de instrumentos primários - terço, pala (enxada boliviana) enxada e machado.

Os homens realizam a derrubada, a broca, a caça, a pesca, fazem vassouras, cesta de cipó, artesanato (arco, flecha, burduna, flautas, cocar, colar e pulseiras).

As crianças ajudam na plantação, na colheita e na pesca.

As mulheres tecem, fazem o barro do tambor, chapéus, participam da colheita, fazem colares, pulseiras, cuidam da casa e das crianças.

Os velhos fazem artesanatos (vassouras, cestos, anéis, pulseiras colares) e também pescam. Na construção da casa feita pelos homens, as mulheres ajudam na cobertura da palha.

1 - Atualmente a FUNAI tenta implantar, além das roças individuais, uma roça comunitária em cada aldeia.

Além da agricultura, caça e pesca, os PAKAA-NOVA realizam o extrativismo em geral, incentivado pelo branco, constituindo-se também em importante atividade econômica:

- Castanha - subsistência e comércio
- Borracha - confecção de tambor e comércio
- Pealho - comércio.

Já afirmamos anteriormente, que a caça e pesca limitam-se a subsistência da aldeia. Essas atividades são realizadas frequentemente pelos homens, a maior incidência na caça é a presença da queixada e macaco. Na pesca sobressai o tukunaré, e piranha e mandi. Em épocas de desova, comem ovos do tracajá. Os instrumentos utilizados limitam-se a espingarda de cartucho (20) (12), linha de anzol, arco e flecha.

Os arcos e flechas que utilizam, são feitos para esse fim, assim como a cestaria, o panelo, continuam sendo feitos pelas mulheres (com a ajuda das crianças) para uso diário. As antigas panelas de barro, já não existem, estão substituídas pelas de alumínio, assim como também não fazem mais artesanato em barro ou cerâmica, e não ser em Lage onde fazem o barro utilizado no tambor (mulheres), para vender à Artífida<sup>1</sup>.

Praticamente a produção de artesanato, isto é, a confecção de artigos culturais, com características próprias encontram-se limitados nos utensílios (ainda em uso), os demais, aqueles que tinham significados temporais e religiosos deixaram de existir devido à proibição de seus rituais pelos missionários da New Tribes. Outro exemplo de interferência na cultura dos PAKAA-NOVA, por esses missionários, é a chicha azeda (bebida excitante fermentada a base de polpa de macaxeira), muito difundida em seus antigos rituais e não é permitida mais a sua produção<sup>2</sup>.

As aldeias do Rio Negro Ocaia, Lage e Dois Irmãos, eram as únicas que possuíam em 1977, casa de farinha sendo que a primeira tinha produção somente para o consumo e, as outras duas tinham excedentes para comercializar, apesar de que a produção-excedente era mínima, dado as dimensões pequenas dos fornos das respectivas casas de farinha.

Atualmente todas as aldeias contam com casa de farinha e foi abolida o comércio do produto devido a ausência do excedente de produção.

Paralelamente com a agricultura, a maior atividade econômica dos PAKAA-NOVA é a borracha e a castanha. Esses produtos são altamente incentivados pela FUNAI para o seu extrativismo. Com os 10% da venda,

- 1 - No Lage, encontramos algumas panelas de barro e um número insignificante de artesanato de barro (tijelas).
- 2 - Mesmo onde não tem missionário (atualmente) é muito difícil a produção da chicha azeda.

desses produtos, a FUNAI compra para os índios o que ela acha necessário para a aldeia. No Rio Negro Ocaia ela comprou uma chata para o transporte da borracha. No Lage foi comprada uma camionete para o transporte de doces e borracha. O mesmo acontece com o extrativismo da castanha.

Com a introdução dos alimentos do INAM em todas as PAKAA-NOVAS construíram as suas roças individuais. Com a mudança da alimentação ocasionou uma sub-nutrição, pois os alimentos do INAM não são os mesmos do seu passado alimentar, e carentes das características nutritivas naturais dos mesmos, haja vista o caso do arroz polido e açúcar refinado.

Com essa angia de "progresso" incentivada pela FUNAI as PAKAA-NOVAS passaram a trabalhar descontroladamente no extrativismo vegetal, a fim de adquirir supérfluo da nossa "civilização", quase deixando de ter tempo para ser índio.

### POLÍTICA E RELIGIÃO

Dentre as informações que obtivemos dos índios, dos missionários e dos funcionários da FUNAI e do pouco que observamos nos pareceu não haver marcantes lideranças a nível político, econômico e religioso entre os índios PAKAA-NOVAS.

A religião dos PAKAA-NOVAS, antes da pacificação nos foi descrita com cultos aos antepassados, aos animais, aos vegetais. Esse culto aos antepassados permitiu a prática da necrofilia (pelos membros da família) pois, através dela acreditavam que o espírito do morto, permanecia na família e também na tribo, portanto, em geral a praticavam para que o espírito do morto não saísse da tribo (a princípio isto caracteriza o rito da incorporação).

A interferência cultural dos missionários da New Tribes, nos impediu de assistir a algum ritual PAKAA-NOVA pois, hoje os índios se dizem "crentes" e, até mesmo alguns dizem ser "pastores" confirmando até pelos missionários; claro fica, portanto, caracterizado a grande mudança na vida cultural religiosa dos PAKAA-NOVAS. Em conversa com o missionário do P.I. Rio Negro Ocaia, Sr. Abílio, se referiu, etnocentricamente, que os índios em prática de seus cultos religiosos originais; viviam em trevas e, só a "luz da bíblia" os levará à salvação.

A característica do sistema de troca dos produtos indígenas com os civilizados, intermediado pelos missionários e chefes de postos e o estreito relacionamento entre os chefes de postos e chefe de Ajudância com os missionários da New Tribes (existem chefes de postos e o próprio chefe da Ajudância são protestantes e inferiores aos missionários



rios na hierarquia religiosa) faz com que esses aos índios para se manterem em boas relações com seus tutores (PUNAI e MISSÃO) e submissão aos ditames religiosos desses missionários.

### I. FAMÍLIA

Os PAKAA-NOVAS aparentemente são "monogâmicos".

O homem pode ter mais de uma mulher mas nunca na mesma casa. A maior parte dos PAKAA-NOVAS tem apenas uma esposa. Encontramos somente um velho com duas esposas na aldeia do Rio Negro Ocaia. O casamento não é insolúvel; o esposo abandona a família e aldeia e se casa com outra. Não encontramos nenhum caso dentro da mesma aldeia. Parece que antes do contato, os PAKAA-NOVAS tinham até três (3) esposas. Ainda não constatamos se essas esposas moravam ou não na mesma casa. É provável que esta estrutura familiar tenha influência dos missionários da New Tribes e dos católicos.

### II. PARENTESCO

Acreditamos que as linhagens dos PAKAA-NOVAS eram na realidade grupos independentes. Com o cruzamento das linhagens, os PAKAA-NOVAS foram perdendo as características de sua linhagem surgindo então, um processo aculturativo dessa nova nação.

### III. LINHAGEM

Os PAKAA-NOVAS estão formados em seis (6) linhagens: URUBUM, URURAM'TCHEN, URURAM, URUDÃO, URUAT, URUSU.

No P.I. Pakaa-Nova predominam os URUDÃO e URUBUM,

No P.I. Ribeirão predominam os URUBUM e URURAM'TCHEN,

No P.I. Lage predominam os URURAM e URURUM,

No P.I. Rio Negro Ocaia predominam os URUDÃO.

Os URUAT e URUSU estão nos P.I. Pakaa-Nova e Rio Negro Ocaia.

Como somente encontramos em apenas dois (2) postos indígenas a maior parte dos índios em uma só linhagem, as informações ainda estão para serem colhidas.

#### IV. ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Os PAKAA-NOVAS não tem propriedade privada, logo não encontramos uma estratificação social. Há grupos sociais de velhos, adultos, crianças e solteiros homens, que antigamente moravam em uma casa característica (casa de solteiro).

#### V. VIDA SOCIAL DO INDIVÍDUO

##### Matrimônio

Antigamente, e mesmo algumas vezes atualmente, os pais escolhem as esposas e os esposos para os filhos. Hoje, pela mesclagem de linhagem ou pela influência do branco, o noivo passou a escolher a sua esposa.

Pelo que contam os PAKAA-NOVAS, o homem levava ao pai da menina em casamento e o pai buscava o menino na casa de solteiro. Os dois dormiam juntos na casa dos pais dela. No dia seguinte o menino voltava a dormir com a "futura esposa", até que ela "gostasse". Os PAKAA-NOVAS contam que "a mulher nunca gosta da primeira vez", somente quando ela é muito "boa" é que ela se acostuma na primeira vez, porém, quando ela está acostumada com o ato sexual que se realiza o casamento, isto é, passam a morar em uma nova casa que o noivo construiu durante este período pré-matrimonial. O noivo, neste mesmo período, presentearia o sogro com caça, pesca, arco e flecha. Quando os noivos passavam a morar na nova casa estava constituída a família.

Segundo informações de 1974, a mulher poderia rejeitar o homem sexualmente. Quando isto ocorria, o homem voltava para a casa de solteiro e procurava nova esposa.

Atualmente, com a influência do branco e dos missionários, alguns PAKAA-NOVAS casam-se até com culto protestante, e a casa de solteiro não mais existe. O homem pede a mulher em casamento, depois informa o pai, que autoriza ou não e, passa a dormir com a noiva na casa dos pais dela; durante a construção da nova casa e automaticamente passam a morar nela quando está pronta.

##### Nascimento

Quando a mulher está grávida, ela não pode comer bicho do mato (porco do mato, urutu, quati, etc) e peixe grande. Ela come palmito, fruta, milho e feijão. O homem também segue a mesma dieta porém, ele pode comer peixe, porco, urutu, feijão, milho e frutas.

Os PAKAA-NOVAS não comem jacaré e tracajá. Segundo a mitologia, se assim o fizer tanto o homem quanto a mulher ficam grávidos do bicho.

Quando a mulher vai ter o filho, o homem sai para o mato e mata um bicho grande, para comemoração, onde participam a família e convidados.

Dois mulheres ajudam o parto, a tia mais velha do homem e a mãe da mulher. O parto é feito de cóccras. Atualmente, algumas crianças nasceram de parto a moda do "civilizado", feito pelas enfermeiras da FUNAI. Infelizmente, ainda não assistimos a nenhum parto, devido a impossibilidade do homem estar presente. Esta conduta atual do parto, sem observadores, pode ter sido influenciada pelo branco, porque em 1974, no P.I. Sagerana, as informações que tivemos foi que, o parto era um acontecimento social, isto é, assistido por toda a aldeia, menos pelo pai.

Nasce a criança. O homem volta do mato e não come nada, e quando se alimenta, come muito pouco, somente carne de macaco preto, jacu e nabu. O cordão umbilical é amarrado com tucum pela mãe e a tia, e cortado com ponta de flecha. Limpam a criança e dão um banho de urucum. Não é feita curetagem, a placenta é espelida, não sabemos que destino é dado a ela.

Cai o umbigo da criança e enterram ao sol.

Os URUEU nos informaram que a mãe da criança corta o umbigo em diversos pedaços e os entrega aos homens da aldeia (os parentes mais próximos), que os enterram sem nunca contar a criança onde foram colocados os pedaços, permanecendo como que tivessem posse de um segredo do indivíduo, do qual o umbigo foi removido.

Esta informação não foi testada e não sabemos se é uma característica só dos URUEU.

Neste período de nascimento o homem fica em casa descansando e, a mulher retorna a sua rotina normal.

A criança somente deixa de mamar, ou quando a mãe fica novamente grávida ou quando a criança começa a brincar com as outras crianças.

O pai ensina o menino a fazer flechas, caçar e pescar. A mãe ensina a menina a fazer pamonha, paneiro e esteira.

Antigamente o homem, mais ou menos entre 8/9 anos tinha o ritual de passagem de criança para adulto. Era pelo ritual de furar a orelha. Furavam a orelha com pena de jacu, cortavam um pedacinho de pau e colocavam no buraco. O menino/homen ia morar na casa de solteiro.

Atualmente este ritual não existe. Infelizmente ainda não sabemos que tipo de madeira era colocado na orelha.

Durante a permanência na casa de solteiro, o pai e o mais velho da linhagem ensinavam a criança a brigar, mster, a briga de pau e tudo sobre a vida do homem PAKAA-NOVA (era a Universidade).

Amenina ficava na casa dos pais e a mãe e a tia mais velha da li-

nhagam ou a avó, ensinavam tudo sobre a função da mulher na tribo.

### Velhice

Os velhos eram muitos, antes da pacificação<sup>1</sup>.

### Morte

Quando o PAKAA-NOVA morre, ele vai conhecer todos os bichos do mato (mitos) e vai viver com eles: "pai-do-mato, mãe-do-mato", não come não dorme. Depois ele volta para a sua casa e vai morar na água eternamente junto com os outros mortos<sup>2</sup>.

Existe a eutanásia na tribo dos PAKAA-NOVAS.

Quando o indivíduo fica muito doente e não morre, ele pede a um parente para que busque um remédio no mato, ele cheira e morre. Ao morrer chamam todos os parentes que ficam de cócoras em volta do morto, com as mãos nos ombros, chorando, contando os feitos em vida do morto. Depois enterram o morto e queimam todos os seus pertences; as vezes chegam a queimar a casa. Os pertences são queimados pelos parentes.

Antigamente eles moqueavam o corpo e os parentes comiam o morto, e enterravam os ossos junto as vísceras. As partes a serem comidas pelos parentes eram doadas em vida pelo falecido.

Esta prática já não existe mais. Pretendemos aprofundar mais neste ritual.

## VI. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

Os PAKAA-NOVAS não tem chefe (cacique). O mais velho da linhagem e a irmã mais velha dele, são aqueles que tem maior influência política na linhagem.

Atualmente a FUNAI designa um índio como chefe. Isto ocorre desde que ele tenha influência política só com o grupo. Os missionários da New Tribes designam um pastor que também tenha influência política sobre outro grupo. E as vezes, surge mais uma liderança política por um indivíduo que pratique alguns rituais.

- 1 - A problemática da velhice vamos tratar em "população".
- 2 - Em 1973, os índios de Sagarana nos informaram que o morto não ia para as águas, mas ficava na aldeia mesmo, em sua casa e no mesmo lugar, como que em outra dimensão.

## VII. LEI E JUSTIÇA

Nós só encontramos repressão ao ato sexual fora do casamento. O indivíduo (homem) quando é flagrado socialmente em um ato sexual fora do matrimônio é repreendido. Ocorre então, o ritual com o "pau de briga". O marido e os parentes do marido ficam em fila indiana com um pau de briga na mão. O mesmo acontece com o adúltero que se coloca na frente desse grupo com seus parentes e os da esposa adúltera. A mulher tem o direito de fugir para o mato, caso contrário ela é jogada no meio do grupo. Começa a briga e acaba imediatamente quando o adúltero se machuca. As pancadas tem como destino a cabeça. Após o término da briga todo o grupo passa a cuidar dos feridos e termina qualquer desavença do marido traído com aquele que o traiu, inclusive se a mulher ficar grávida o marido assume a paternidade.

Esse ritual é conservado até hoje, inclusive pelos pastores índios da New Tribes. Todos os maridos tem pau de briga em casa.

## VIII. RITUAIS E CRENÇAS

Os PAKAA-NOVAS estão sendo altamente influenciados pelos missionários da New Tribes (como os rituais são repreendidos pelos missionários, os índios estão abandonando os rituais). Nós só vimos um ritual na aldeia do Lage, que era a festa do homem e da mulher.

A festa da mulher se realiza quando há lua. Os PAKAA-NOVAS somente dançam com lua. O ritual da festa da mulher se processa da seguinte forma: durante o dia os homens e as mulheres se pintam com urucum e genipapo. Na festa da mulher, elas vão para o mato na parte da tarde. O homem faz chicha azeda e coloca esteiras na frente da casa que vai dar a festa. À noite as mulheres vem do mato tocando tracumi (flauta de taboca) com seus paneiros nas costas em fila indiana e se aproximam da esteira. Os homens estão escondidos atrás das casas. Elas colocam o que tem dentro dos paneiros nas esteiras, que são: peixes bem pequenos e cabeças de porco do mato, simbolizando a caça e pesca do homem. Os homens saem atrás das casas com recipientes cheios de chicha e ridicularizam os presentes da mulher e fazem com que as mulheres bebam a chicha, o que elas negam, porém são forçadas a tomá-la. Elas bebem chicha até que vomitem, (bebem de uma só vez). Quando a chicha termina, as mulheres sentam-se e os homens passam a dançar, tocando tud (tabor de cerâmica revestido de cauchê) e as vezes tocam tracumi e tracumia (dois tipos de flautas). A ridicularização, hoje em dia, chega ao ponto dos homens se vestirem de mulher. Nós calculamos que antes de contato eles deviam pintar de mulher.

Existe também a festa do homem, onde as mulheres ridicularizam o trabalho do homem. Esta festa é feita no intervalo de uma semana, infelizmente ainda não assistimos esta festa, pois passada uma semana morreu uma criança e foi suspenso o ritual.

As mulheres não dançam durante a festa, cantam sentadas ao som do tuá. Os PAKAA-NOVAS gostam muito de dançar, mesmo sem festa específica porém somente a noite com lua. Essa dança é repreendida pelos missionários da New Tribes.

#### IX. BRUXARIA E FEITICARIA

Os PAKAA-NOVAS ainda acreditam que certos mitos na forma de onça e anta se transformam em gente e carregam o indivíduo para a aldeia do pai do mato. Essas onças são repreendidas violentamente pelos missionários.

Os PAKAA-NOVAS podem enfeitiçar um ao outro até levá-lo a morte. O feitiço é feito por qualquer motivo (ex. inimigos naturais, etc) O "feiticeiro" faz um buraco bem fundo, colhe uma casa de caba (marimbondo) e um macaco preto, coloca tudo no buraco e entra nela. Em seguida começa a gritar o nome da pessoa que quer enfeitiçar. O feitiço é feito escondido, mas, tem que ser visto. O enfeitiçado ao saber do feitiço (como ele toma conhecimento nós não sabemos, pois o feitiço foi feito a 250 Kms do enfeitiçado) fica doente<sup>1</sup>. Ele diz que tem um estrepe no pé e outro no ombro que caminham para o coração e conhecemos um caso em que foi constatado febre alta. É isto o leva a morte. Só se consegue curar se um índio específico (o "doutor" da aldeia) vai conversar com o feiticeiro para retirar o feitiço. Ainda não sabemos como isto é feito. Pretendemos pesquisar mais sobre esses assuntos, e que nos tem sido muito difícil devido à interferência dos missionários.

#### X. CONHECIMENTO E TRADIÇÃO

Os PAKAA-NOVAS tem grande conhecimento em medicina. Não fazem cirurgia, porém já iniciamos um estudo de plantas medicinais, em número de 14:

Cachuquá - planta para dor de cabeça e fraqueza

1 - O feitiço foi feito na aldeia de Dois Irmãos e o enfeitiçado morava no Rio Negro-Oeste.

- Quitá - planta para dor de dente  
Piripi - planta para cicatrização de feridas  
Uan - planta anti-febril  
Cananuré - planta para curar qualquer doença  
Taxiquá - planta para prisão de ventre  
Caitani - planta para dor de cabeça  
Caie-macone' - planta para seduzir mulher - é um pó que se coloca na cabeça da mulher, sem ela perceber e ela se sente atraída sexualmente por quem o coloca.  
Xipain-trime - planta para dor de barriga  
Macu-temême - planta anti-febril  
Maie-macone' - planta para picada de cobra  
Quan (e) - planta para ferroadade de arraia  
Caramá (1) - planta diurética  
Caramá (2) - planta para eutanásia

#### AI. MITOS E LENDAS

Origem do "Urubum" (PÁLIA-NOVA).

Esta lenda foi colhida no aldeão de P. J. Ribelino e foi narrada por Miguel Urubum. Segue abaixo a narração original:

"Muita chuva, muita chuva. Chuva chuva. Aí velho esquenta mão no fogo. Chuva, chuva, chuva. Aí apareceu peixe na biqueira da casa, caiu peixe. O velho mata o peixe e come na maloca. Chuva, chuva, alaga tudo de noite. Alaga casa, acaba gente, acaba tudo. Um índio fugiu para o mato, com mulher e dois filhos, duas moças. Aí foi morar nas pedras. Depois procura gente, encontra macaco chupando mamão, macaco gente. E foi atrás dele. Na casa dele, na pedra, procura "tuckau" (chefe) e casa com filha de índio, que fugiu para o mato. O macaco casou com a moça. Nasce filho de rabo e coloca o filho dentro do panelo e corta rabo. Aí, nós nascemos sem rabo".

Lenda do homem branco, narrada por Miguel Urubum.

"Na hora que nasceu o menino vivia chorando, chorando. O cunhado pediu o menino e pagou. Aí pára de chorar. Aí o menino dorme (mantém relação sexual) com a mãe. Aí o papagaio conta para o irmão e briga com o menino e corta embira (cinto que a mãe usa para carregar a criança). O menino foge pro mato e leva toda a água. E foi embora pra cachoeira do rio grande, com toda a água. O irmão fica sem água pra beber. Aí o pai do menino manda ele fazer um tambor de pau para ele encher de água. Aí o menino vira homem e chover, choveu, choveu bastante

e leva água. Acabou a água e a meninada pede para tomar banho, mas não tem mais água. Aí, voltaram e não encontravam mais nada. Não tem água de cipó, nem nada. O irmão do menino pediu água para beber, prá criança o irmão dele: Onde foi meu irmão? ele pergunta prá mãe e ela responde: Seu irmão foi embora prá outro rio grande. Aí ele vai atrás do irmão. Foi, foi, foi. Ele levou panela de farinha, aí acabou farinha. Subiu no pau e escutou cachoeira. E voltou, fez mais farinha e foi na maloca com irmão. Aí encontrou o irmão e o irmão com raiva fica com a mulher, e faz casa. E a noite veio temporal. Chuva, chuva, chuva. Aí chegou água. Aí o menino já tem roupa no braço e perna. Aí deixou água pro índio e voltou prá trás. E parente foi dançar na aldeia. Aí, tinha machado, aí deu pro parente que tá no mato. Aí voltou prá maloca dele. E volta prá dançar com parente. Já tem chapéu e sapato. Aí voltou, flecha parente, aí o parente tem espingarda. Aí acabou. Fica civilizado e índio na maloca".

Lenda do "uruari" narrada pelo "doutor" da aldeia do P.I. Rio Negro Ocaia- Machuim'.

"Só tinha um homem e uma mulher. Daí andavam procurando outro uruari, prá fazer bastante "piés" (criança). Aí andou, andou e achou outro uruari, que morava num buraco. Aí chegou e falou, o outro uruari não entendeu a língua e tinha rabo. Aí uruari trapou (relação sexual) com outro uruari, e fizeram muitos piés. E os outros piés nasceram sem rabo. Aí ficou, muito uruari, pois antes era só um uruari. É como é agora".

Lenda do fogo narrada por Machuim':

"Tinha um velho que era dono do fogo. Aí criança chegou perto. Velho pega criança, assa no fogo e come. Aí os uruari foge do velho e sobe em cipó bem grosso. Sobe, sobe, sobe, sobe até o céu. Aí velho chega nas casas mas não tem mais uruari. Velho que tinha rabo e uruari também. Ve rastro de uruari. Segue e ve cipó, e começa a subir. Sobe, sobe, sobe. Uruari corta cipó e velho cai e morre. Aí uruari mora no céu e na terra não tem mais uruari. Aí uruari fica que nem fruta dependurada no céu, e cai sem rabo. Aí era tudo igual. Civilizado e uruari. Todo mundo era uruari. Daí uruari vai prá um lado e civilizado vai prá outro".

Um filho do "doutor" Machuim' diz que o nome do velho é Oroco e que ele deixou o fogo "tché" para os índios. É por esta razão que os PAKAA-KOVAS não sabem fazer fogo e sempre o conservam aceso conforme citamos.



## XII. LÍNGUA

A língua PAKAA-NOVA está sendo estudada pelos missionários da New Tribes. O resultado deles nas fomesem, para manter um poder político dentro da aldeia, não é dado tempo a FURAI. Segundo o Professor Aryon D. Rodrigues, os PAKAA-NOVAS são do grupo linguístico Chapacara.

## XIII. CULTURA MATERIAL

No contato os PAKAA-NOVAS não tinham sócras. Segundo reportagem do contato os PAKAA-NOVAS faziam fogo através de fricção de madeira, porém chegamos a conclusão, devido às lendas, que eles não sabiam fazer fogo, por esta razão mantêm o fogo aceso.

A alimentação tinha como base a mandioca, milho e carne (caça e pesca). Atualmente temos uma mudança nesta alimentação através dos alimentos do INAM, que são alimentos dos brancos e além de serem de baixa qualidade. Mesmo a alimentação dos índios, muitas vezes é complementada com leite do INAM. Achamos que esta é a grande causa da subnutrição que está ocorrendo com os índios (devido este tipo de alimentação não levar em consideração o passado alimentar do indivíduo).

Os PAKAA-NOVAS tem uma característica toda especial com mecanismo para fabricação da farinha de mandioca: primeiramente eles afundam uma canoa cheia de mandioca, depois tiram a casca espremendo a mandioca e fazem uma massa, em seguida eles colocam em uma prensa (veja desenho anexo). A massa é então colocada em um tacho aquecido por fogo, mexem, ela cozinha e está pronta a farinha.

Armas - os PAKAA-NOVAS tem flecha, arco e pau de briga. A borduna (clava) não é a mesma da época do contato, pois os PAKAA-NOVAS a copiaram dos Makurap, onde ela é mais enfeitada, por isso alcança maior preço no mercado da arte índia.

Cestaria - panela, cesta, esteira (fotos)

Cerâmica - panela de barro - atualmente ela quase não é mais usada (foto)

Canoa - eles fabricam as suas canoas de um tronco só, sem quilha (foto)

Dança - os homens ficam de mãos dadas um ao lado do outro, em linha reta, caminham para frente e para trás e também para os lados, abaixando o tronco e a cabeça. Cada um desses movimentos é acompanhado de canto e toque com tambor de cauchio (taé). As músicas são muito simples, assim como as letras que são também curtas:

Música do veado - "pula, pula, vem veado".

Música da piranha e traira - " Tu queres comer  
Vou comer piranha, vou comer traira".

Música da abelha - "Abelha doce, abelha doce  
nao fala, menina"

Música do macaco - "O homem falando ao macaco  
O bico da flecha nao está pronto ainda".

## SAGARANA OU " O FEUDO CATOLICO"

A população conta, que em 1964 os Pakaa estavam morrendo de doença e subnutrição e que o Bispo Dom Roberto e o padre Bendoratis (Médico e padre) fizeram a denúncia ao SPI.

O SPI nada resolveu, e o prelado com o padre / resolveram tomar uma posição. Construíram um hospital / em Gujara-Mirim e a medida que os índios ali fossem / internados eram mandados para Sagarana; assim se for- / mou a colônia Agrícola Sagarana.

No começo os índios estavam em tratamento médico, e não faziam nada, moravam em casas de madeiras - construídas pela Prelazia e comiam comida feita pelas freiras. A colônia tinha seus empregados brancos, e lá tudo produzia, do leite ao arroz.

Os índios saíram e o custo do projeto ficou - oneroso.

Bendoratis toma nova atitude, os índios teriam que produzir para comer. Monta uma serraria e colocam um boliviano para fazer os índios trabalharem. Isso foi feito debaixo de revólver e castigo, como, colocar os "preguiçosos" em um poço, para aprenderem trabalhar.

Dom Roberto, ao tomar conhecimento, retira o boliviano e assume Sagarana. Neste período, surge um - grande incendio e tudo que era da colônia agrícola, queima. Os índios fazem suas casas e começam as suas roças individuais.

A Prelazia entrega Sagarana a uma organização de leigos - OPAN - Operação Anchieta.

Os missionários, seguindo orientação do CIMI ( Conselho Indigenista Missionário), tenta reativar a cultura indígena e são duramente questionados pelos padres e principalmente pelo padre médico.

A OPAN se retira, retoma o poder Bendoratis, que coloca em Sagarana um francês casado com uma boliviana, para cuidar dos PAKAA-NOVAS.

Dáí então, nunca mais ninguém entrou na área, - nem FUNAI, nem CIMI, apenas os padres da Prelazia.

Isto ocorreu por volta de 1975 e continua até - hoje.

A FUNAI demarca as terras dos PAKAA-NOVAS e ignora Sagarana (as terras de Sagarana pertencem a Igreja Católica), não reconhecendo como território indígena.

As últimas informações que tivemos, são que como a Igreja não pagou os impostos da terra, essas passaram para o INCRA, cujo órgão tem um projeto de dividir este território em lotes e doá-los aos colonos.

A Igreja toma nova política, começa documentar os índios, - a fim de que eles também entrem nesta partilha.

SERÃO OS PRIMEIROS ÍNDIOS DO BRASIL A SEREM EMANCIPADOS.

RELAÇÃO ALIMENTAÇÃO-SAÚDE DENTAL

A situação da saúde dental dos PAKAA-NOVAS, assim como a saúde em geral, é atualmente inversamente proporcional ao tempo de contato com a civilização branca e ao acesso das aldeias às cidades, o que facilita o processo de aculturação à nível de hábitos alimentares e higiênicos introduzidos.

Partindo do princípio de que a função de um determinado órgão se mantém preservada quanto mais primitiva for mantida a função do mesmo e quanto mais original form mantido o equilíbrio nutricional através dos alimentos do passado alimentar do indivíduo, a situação dental dos PAKAA-NOVAS e da saúde em geral se encontra em estado lastimável.

Tomando como exemplo os órgãos da visão, percebemos que se fez necessário o uso dos óculos no homem moderno, pelas modificações de uso que sofreram os olhos, com a limitação do ângulo de atuação dos mesmos, como a leitura, a televisão, o ato de guiar, etc.

O mesmo portanto, acontece com todos os órgãos sujeitos a modificações de função, como os próprios dentes.

Antes da pacificação os hábitos alimentares eram de tal maneira primitivos, que provocavam um atrito constante dos dentes fazendo com que houvesse um desgaste das paredes dentais mantendo assim toda estrutura de função e estética. Hoje, com a introdução de meios civilizados de alimentação os índios já cozinham os alimentos, usam determinados produtos que não possuem a consistência daqueles usados anteriormente, anulando o processo atritivo que desgastavam os dentes e mantinham o complexo função-estética e conseqüentemente já contam com alterações na mastigação, dentes "encavalados", fonação desequilibrada e deformação nos caracteres faciais.

Além disto, o problema da cárie e da gengivite já se encontra presente no organismo indígena devido ao uso rotineiro do açúcar refinado, do arroz polido e outros alimentos cariativos introduzidos, que favorecem o aparecimento da placa bacteriana na boca.

Pedro Tercio Olivotti

POPULAÇÃO PAKAA-NOVA

Os PAKAA-NOVAS estão com uma mortalidade infantil de 4,35% o que nos leva a crer que em mais ou menos 15 anos não teremos nenhuma criança PAKAA, se continuar esse tipo de política indigenista.

Como seu crescimento populacional é negativo de 3,85% nos leva a triste realidade que daqui 20 a 25 anos não existirá nenhum PAKAA na face da terra.

Se pensarmos que os velhos estão morrendo a média de 8 (oito) indivíduos por ano, sendo que muito poucos velhos ainda resistem na nação PAKAA, muito antes será o seu extermínio.

Os velhos sendo "a Universidade" para os índios; são os indivíduos que tiveram o privilégio de viver boa parte de sua vida sem a interferência branca, retendo toda forma de conhecimento da cultura PAKAA, com o seu desaparecimento, sucumbe o índio PAKAA-NOVA. Provavelmente surgirá o boia-fria se tiverem muita sorte.

Se não ocorrer, um projeto que reconstitua pelos menos a integridade física dos índios, eles estão caminhando para o corredor da morte.

PAKAA-NCVAS

IDADES	1.977						1.979						DIFERENÇA		
	H.	%	M.	%	TOTAL	%	H.	%	M.	%	T.	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
00 - 05	112	13,49	107	12,89	219	26,38	88	11,12	79	9,98	167	21,11	-24	-28	-52
05 - 10	65	7,83	89	10,72	154	18,55	93	11,75	106	13,40	199	25,15	+28	+17	+45
10 - 15	39	4,70	32	3,85	71	8,55	35	4,42	41	5,18	76	9,60	-04	+09	+05
15 - 20	17	2,05	24	2,89	41	4,94	13	1,64	12	1,51	25	3,16	-04	-12	-16
20 - 25	35	4,22	30	3,61	65	7,83	22	2,78	23	2,90	45	5,68	-13	-07	-20
25 - 30	49	5,90	40	4,82	89	10,72	30	3,79	32	4,04	62	7,83	-19	-08	-27
30 - 35	16	1,93	22	2,65	38	4,59	29	3,66	29	3,66	58	7,33	+13	+07	+20
35 - 40	26	3,13	28	3,37	54	6,51	31	3,91	21	2,65	52	6,57	+05	-07	-02
40 - 45	17	2,05	17	2,05	34	4,10	23	2,90	22	2,78	45	5,68	+06	+05	+11
45 - 50	15	1,81	07	0,84	22	2,65	17	2,14	09	1,13	26	3,28	+02	+02	+04
50 - 55	11	1,32	04	0,48	15	1,81	12	1,51	04	0,50	16	2,02	+01	-01	+01
55 - 60	06	0,72	08	0,96	14	1,69	03	0,37	-0-	-0-	03	0,37	-03	-08	-11
60 ou +	12	1,44	09	1,08	21	2,53	05	0,63	12	1,51	17	2,14	-07	+03	-04
TOTAL	420	50,18	417	49,82	837	100,00	401	50,70	390	49,30	791	100,00	-19	-27	-46

P.I. PAKAA-NOVA - POPULAÇÃO

Como podemos notar de 1977 a 1979 os índios decresceram neste P.I. em menos 86 pessoas. Isto pode ser pelos motivos: mudança e morte.

O que nos mostra claro é que a diferença de menos 41 crianças de zero a cinco anos e o aumento de mais oito crianças de cinco a dez, demonstra que o índice de mortalidade infantil é altíssimo.

A situação dos velhos com mais de 60 anos, que em 1977 eram em número de sete, reduziu-se a tres, isto é muito prejudicial ao grupo, pois como já dissemos eles são a verdadeira "Universidade".



P.I. PAKAA-NOVA

IDADES	1977						1979						DIFERENÇAS		
	H.	%	M.	%	T.	%	H.	%	M.	%	T.	%	HOMENS	MULHER	TOTAL
00 - 05	49	11,58	62	14,66	111	26,24	35	10,38	35	10,38	70	20,77	-14	-27	-41
05 - 10	39	9,22	52	12,29	91	21,51	43	12,75	56	16,61	99	29,37	+04	+04	+08
10 - 15	26	6,15	25	5,91	51	12,06	20	5,93	20	5,93	40	11,86	-06	-05	-11
15 - 20	05	1,18	06	1,42	11	2,60	05	1,48	03	0,89	08	2,37	-0-	-03	-03
20 - 25	18	4,25	12	2,84	30	7,09	10	2,96	09	2,67	19	5,63	-08	-03	-11
25 - 30	15	3,55	18	4,25	33	7,80	09	2,67	18	5,34	27	8,01	-06	-0-	-06
30 - 35	09	2,13	13	3,07	22	5,20	09	2,67	06	1,78	15	4,45	-0-	-07	-07
35 - 40	13	3,07	14	3,31	27	6,38	13	3,85	10	2,96	23	6,82	-0-	-04	-04
40 - 45	08	1,89	08	1,89	16	3,78	07	2,07	08	2,37	15	4,45	-01	-0-	-01
45 - 50	06	1,42	05	1,18	11	2,60	06	1,78	04	1,18	10	2,96	-0-	-01	-01
50 - 55	07	1,65	02	0,47	09	2,13	07	2,07	-0-	-0-	07	2,07	-0-	-02	-02
55 - 60	02	0,47	02	0,47	04	0,94	01	0,29	-0-	-0-	01	0,29	-01	-02	-03
60 ou +	05	1,18	02	0,47	07	1,65	01	0,29	02	0,59	03	0,89	-04	-0-	-04
TOTAL	202	47,75	221	52,25	423	100,	166	49,26	171	50,74	337	100,	-36	-50	-86

P.I. PAKAA-NOVA

FAMÍLIAS = 59

SEM GRUPO FAMILIAR = 04

URUDÃO	X	URUDÃO	31
URUDÃO	X	URUBUM	06
URUDÃO	X	URUEU	03
URUDÃO	X	URUAT	03
URUDÃO	X	URURAM'TCHEN	01
URUDÃO	X	MACURAP	01
URUDÃO	X	CANOE	02
URUBUM	X	URUBUM	01
URUBUM	X	URUDÃO	04
URUEU	X	URUDÃO	02
URUAT	X	URUDÃO	02
URUAT	X	URUBUM	01
URURAM'TCHEN	X	URUDÃO	01
MACURAP	X	URUDÃO	01

P.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URUDÃO = IDADE DOS CASAIS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5			
5 - 10			
10- 15			
15- 20			
20- 25		3	3
25- 30	3	7	10
30- 35	5	3	8
35- 40	5	6	11
40- 45	7	2	9
45- 50	2	2	4
50- 55	3	1	4
55- 60	1	-	-
60 ou +	1	1	2
TOTAL	26	25	51

P. I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URUDÃO = IDADE DOS SOLTEIROS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	21	16	37
5 - 10	24	32	56
10- 15	11	10	21
15- 20	3	-	3
20- 25	3	1	4
25- 30	1	-	1
30- 35	-	-	-
35- 40	-	-	-
40- 45	-	-	-
45- 50	1	-	1
50- 55	-	-	-
55- 60	-	-	-
60 ou +	-	-	-
TOTAL	64	59	123

P.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URUDÃO = FAMÍLIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	21	16	37
5 - 10	24	32	56
10- 15	11	10	21
15- 20	3	-	3
20- 25	3	4	7
25- 30	4	9	13
30- 35	6	3	9
35- 40	5	7	12
40- 45	7	3	10
45- 50	3	2	5
50- 55	3	1	4
55- 60	-	-	-
60 ou +	1	1	2
TOTAL	91	88	179

P.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URUBUM = FAMÍLIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	4	8	12
5 - 10	3	5	08
10- 15	1	-	01
15- 20	-	-	01
20- 25	3	2	05
25- 30	-	4	04
30- 35	-	-	-
35- 40	3	-	03
40- 45	-	-	-
45- 50	-	-	-
50- 55	-	-	-
55- 60	-	-	-
60 ou +	-	-	-
			33

P.I. PAKAA- NOVA

URUDÃO X URUBUM = FAMÍLIAS

	URUDÃO		URUBUM		TOTAL
	H	M	H	M	
0 -5	2	4	4	-	
5-10	2	2	4	1	
10-15	1	-	-	1	
15-20	-	-	-	-	
TOTAL	5	6	8	2	21

URUDÃO X URUBUM = IDADE DOS CASAIS

	URUDÃO H	URUBUM M
20 - 25	2	2
25 - 30	4	1
35 - 40	-	3
TOTAL	6	6

PROPORÇÃO FAMÍLIA / FILHOS

01	família	com	03	filhos
01	"	"	02	"
01	"	"	07	"
01	"	"	04	"
01	"	"	02	"
01	"	"	03	"

P.I. PAKAA- NOVA

URUDÃO X URUEU = FAMÍLIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	2	3	5
5 - 10	2	2	4
10 - 15	1	3	4
15 - 20			
20 - 25			
25 - 30		2	2
30 - 35			
35 - 40	2		2
40 - 45			
45 - 50		1	1
50 - 55	1		1
55 - 60			
60 ou +			
			19

PROPORÇÃO FAMÍLIA / FILHOS

01 família com 04 filhos  
 01 " " 04 "  
 01 " " 05 "



P.I. PAKAA- NOVA

URUDÃO X URUEU = FILHOS

	URUDÃO		URUEU		TOTAL
	H	M	H	M	
0 - 5		3		3	06
5 -10		1		2	03
10-15		1		3	04
					13

F.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URUAT = FAMÍLIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	3	2	05
5 - 10	1	4	05
10 - 15	1	-	01
15 - 20			
20 - 25		1	01
25 - 30	1	1	02
30 - 35	1	-	01
35 - 40			
40 - 45		1	01
45 - 50	1		01
50 - 55			
55 - 60			
60 ou +			
			17

PROPORÇÃO FAMÍLIA / FILHOS

01 família	com	06	filhos
01	"	06	"
01	"	05	"

P.I. PAKAA--NOVA  
 URUDÃO X URUAT = FILHOS

	URUDÃO		URUAT		TOTAL
	H	M	H	M	
0 - 5	3	1		1	05
5 - 10	1	1		3	05
10 - 15	1				01
					11

P.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X URURAM'TCHEN = FAMÍLIAS

	URUDÃO- H	URURAM'TCHEN- M	TOTAL
0 - 5	1		01
5 - 10	1		01
10 - 15	1	1	02
15 - 20	1		01
20 - 25			
25 - 30			
30 - 35			
35 - 40	1	1	02
40 - 45			
45 - 50			
50 - 55			
55 - 60			
60 ou +			

07

PROPORÇÃO FAMÍLIA / FILHOS

01 familia com os filhos todos URUDAC

P.I. PAKAA - NOVA

URUDÃO X MACURAPE = FAMILIAS

	URUDÃO H	MACURAPE M	TOTAL
0 - 5		2	02
5 - 10	1		01
25 - 30	1	1	02
			05

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 03 filhos todos URUDÃO

P.I. PAKAA-NOVA

URUDÃO X CANOE = FAMILIAS

	URUDÃO H	CANOE M	TOTAL
0 - 5	1	2	03
5 - 10	3	1	04
10 -15		1	01
25 -30		1	01
30 -35	1	1	02
40 -45	1		01
			12

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 05 filhos todos URUDÃO

01 familia com 03 filhos - Homem URUDÃO (18 anos )

Mulheres CANOE ( 5 anos e 3 anos )

P.I. PAKAA-NOVA

URUBUM X URUBUM = FAMILIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5		1	01
5 - 10	1	1	02
10 - 15		1	01
30 - 35		1	01
35 - 40	1		01
			06

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 04 filhos

P.I. PAKAA-NOVA

URUBUM X URUDÃO = FAMILIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	1	2	03
5 - 10	3	3	06
10 - 15	1	3	04
20 - 25		1	01
25 - 30	1	2	03
30 - 35			01
35 - 40	2		02
55 - 60	1		1
			21

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia	com	04	filhos
01	"	"	05 "
01	"	"	06 "
01	"	"	06 "

P.I. PAKAA-NOVA

URUBUM X URUDÃO = FILHOS

	URUBUM		URUDÃO		TOTAL
	H	M	H	M	
0 -5		1	3		04
5-10	2		1	2	05
10-15			1	3	04
					13

URUEU X URUDÃO = FAMILIAS

	URUEU		URUDÃO		TOTAL
	H	M	H	M	
10 - 15	1		2		03
15 - 20	1				01
35 -40			1		01
45 -50	1		1		02
50 -55	1				01
					08

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

02 familias com 02 filhos cada todos URUDÃO



P.I. PAKAA-NOVA

URUAT X URUDAO = FAMILIA

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 - 5	1	2	03
5 - 10	1	1	02
10-15	3		03
20- 25			
25 -30	1		01
40 -45		2	02
45 -50	1		01
50 -55	1		01
			13

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 03 filhos todos URUDAO

01 " " 06 " " URUAT

P.I. PAKAA-NOVA

URUAT X URUBUM = FAMILIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 -5		1	01
5 -10	1	1	02
35-40		1	01
40-45	1		01
			05

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 03 filhos com criança de 04 anos (F) é URUBUM e as outras 02 URUAT.

P.I. PAKAA- NOVA

URURAM'TCHEN X URUDÃO = FAMILIAS

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 -5		1	01
5 -10	1		01
15-20		1	01
20-25	1		01

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 familia com 02 filhos - H URURAM'TCHEN  
M URUDÃO

P.I. PAKAA-NOVA

MACURAPE X URUDÃO = FAMILIA

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0 -5	1		01
15 -20		1	01
20 -25	1		01
			03

PROPORÇÃO FAMILIA / FILHOS

01 casal com 01 filho URUDÃO e uma mulher URUDÃO

P.I. LAGE - POPULAÇÃO

No fim de 1977, assume como chefe de posto o Sr. Evi de Paula e Souza e sua esposa como enfermeira. Neste período a mortalidade infantil foi zero e muitos índios mudaram para o Lage.

Em 1979 tivemos nove (9) casos de morte de zero a dez anos e uma incidência de tuberculose quase de 100%. Provavelmente hoje muitas famílias tenham mudado do Lage.

O Lage nos lança a incógnita. Uma equipe de saúde péssima é melhor que nenhuma? Os índios sem a "ajuda" da FUNAI, não utilizariam mais seus próprios remédios?

O mais interessante, que atualmente devido as doenças e mortes a aldeia do Lage se mudará para Bom Futuro, isto a pedido dos índios.

Eles nunca culpam o branco?ou, para o índio será o civilizado o mal necessário???

P.I. LAGE

IDADES	1977						1979						DIFERENÇA		
	H.	%	M.	%	T.	%	H.	%	M.	%	T.	%	HOMENS	MULHER	TOTAL
00 - 05	23	16,31	13	9,22	36	25,53	20	11,97	15	8,98	35	20,95	-03	+02	-01
05 - 10	06	4,25	21	14,89	27	19,15	14	8,38	21	12,57	35	20,95	+08	-0-	+08
10 - 15	10	7,09	02	1,42	12	8,51	06	3,59	11	6,58	17	10,17	-04	+09	+05
15 - 20	01	0,71	04	2,84	05	3,55	05	2,99	02	1,19	07	4,19	+04	-02	+02
20 - 25	02	1,42	05	3,55	07	4,96	01	0,59	06	3,59	07	4,19	-01	+01	-0-
25 - 30	10	7,09	08	5,67	18	12,76	05	2,99	08	4,79	13	7,78	-05	-0-	-05
30 - 35	04	2,84	05	3,55	09	6,38	07	4,19	06	3,59	13	7,78	+03	+01	+04
35 - 40	08	5,67	04	2,84	12	8,51	06	3,59	04	2,39	10	5,98	-02	-0-	-02
40 - 45	01	0,71	01	0,71	02	1,42	11	6,58	05	2,99	16	9,58	+10	+04	+14
45 - 50	04	2,84	01	0,71	05	3,55	06	3,59	02	1,19	08	4,79	+02	+01	+03
50 - 55	01	0,71	-0-	-0-	01	0,71	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-01	-0-	-01
55 - 60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
60 ou +	02	1,42	05	3,55	07	4,96	01	0,59	05	2,99	06	3,59	-01	-0-	-01
TOTAL	72	51,06	69	48,94	141	100,	82	49,10	85	50,90	167	100,	+10	+16	+26

P. I. LAGE

- 36 familias
  
- 11 familias URURAME X URURAME
- 04 familias URURAME X URUNBUN
- 07 familias URUNBUN X URUNBUN
- 02 familias URURAM'TCHEM X URURAM'TCHEM
- 03 familias URUNBUN X URURAME
- 01 familia CABIKI X URURAM'TCHEM
- 01 familia URUNBUN X URUNDÃO
- 01 familia URUNBUN X URURAM'TCHEM
- 01 familia URURAME X URUNBUN
- 01 familia URURAME X URURAM'TCHEM
- 02 familias URURAME X URUNDÃO
- 01 familia URURAM'TCHEM X URUNDÃO
  
- + 04 solteiros:-
  - 01 URURAME com 63 anos
  - 01 URUNBUN com 66 anos
  - 01 URUNBUN com 63 anos
  - 01 MULHER com 63 anos URURAME

P. I. LAGE

	URURAME	X	URURAME	
	HOMEM		MULHER	TOTAL
0-5	5		3	8
5-10	7		5	12
10-15	2		4	6
15-20	1			1
		CASADOS		
20-25			3	3
25-30	1		1	2
30-35	4		2	6
35-40	2		1	3
40-45	3		2	5
45-50				
50-55				
55-60				
60 ou +				
				47

- 01 familia com 1 filho
- 01 familia com 2 filhos
- 01 familia com 4 filhos
- 01 familia com 3 filhos
- 01 familia com 1 filho
- 01 familia com 4 filhos (SÓ TRAUMA)
- 01 mulher com 2 filhos
- 01 familia com 3 filhos
- 01 familia com 3 filhos
- 01 familia com 2 filhos
- 01 familia com 2 filhos

	URURAME X URUNBUN		TOTAL
	HOMEM	MULHER	
0-5	3	2	5
5-10	2	3	5
10-15	1	2	3
15-20	1	1	2
20-25	CASADOS		
25-30	2	2	4
30-35		1	1
35-40	1		1
40-45			
45-50	1		1
50-55			
55-60			
			22



P. I. LAGE

URURAME X URUNBUN

- 01 familia com 4 filhos
- 01 familia com 6 filhos
- 01 familia com 3 filhos
- 01 familia com 1 filho

	URURAME		URUNBUN		TOTAL
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	
0-5	3	3			6
5-10	2	2			4
10-15	1	2			3
15-20	1				1
					14

P.I. LAGE

URUNBUN X URUNBUN

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	2	3	5
5-10		8	8
10-15	1		1
15-20	2		2
20-25			

CASADOS

25-30		2	2
30-35	1	1	2
35-40	1	2	3
40-45	2		2
45-50	3	2	5
50-55			
55-60			
60 ou +			30

- 01 familia com 1 filho
- 01 familia com 2 filhos
- 01 familia com 5 filhos
- 01 familia com 3 filhos
- 01 familia com 1 filho
- 01 familia com 2 filhos
- 01 familia com 2 filhos

P.I. LAGE

	URURAM 'TCHEM	X	URURAM 'TCHEM	
	HOMEM		MULHER	TOTAL
0-5			2	2
5-10	1			1
10-15				
15-20	1			1
20-25				
25-30				

CASADOS

30-35			1	1
35-40				
40-45				
45-50	2		1	3

01 familia com 1 filho  
 01 familia com 3 filhos

P.I. LAGE

	URUNBUN	X	URURAME	
	HOMEM		MULHER	TOTAL
0-5			3	3
5-10			2	2
10-15			2	2
15-20				
			casados	
20-25			1	1
25-30	2			2
30-35				
35-40			1	1
40-45	1			1
				14

01 familia com 5 filhos  
 01 familia com 1 filho  
 01 familia com 1 filho

	URUNDUN	X	URURAME		TOTAL
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	
0-5				3	3
5-10		1			1
10-15				2	2
					6

P.I. LAGE

	CABIXI	X	URURAM'TCHEM	TOTAL
	HOMEM		MULHER	
0-5			1	1
5-10	2			2
10-15	1		1	2
40-45	1		1	2
				7

01 familia com 5 filhos, todos URURAM'TCHEM

URUNBUN X URUNDÃO

	URUNBUN	X	URUNDÃO	TOTAL
	HOMEM		MULHER	
0-5	1		1	2
5-10	1		1	2
20-25				
25-30			1	1
40-45	1			1

01 familia com 4 filhos, todos URUNBUN

P.I. LAGE

	URUNBUN HOMEM	X	URURAMTCHEM MULHER	TOTAL
0-5			1	
25-30			1	
30-35	1			3

01 família com 1 filho URURAMTCHEM

	URURAME HOMEM	X	URUNBUN MULHER	TOTAL
0-5	2			
05-10			1	
10-15			1	
35-40	1			
40-45			1	6

01 família com 4 filhos URUNBUN

	URURAME HOMEM	X	URURAMTCHEM MULHER	TOTAL
0-5	1			
20-25			1	
30-35	1			3

01 família com 1 filho URURAME

P.I. LAGE

	URURAME HOMEM	x	URUNDÃO MULHER	TOTAL
0-05	3		1	
10-15	1			
15-20	1			
20-25	1		1	
40-45	1		1	
				10

01 família com 02 filhos URURAME  
01 família com 04 filhos URURAME

	URURAM'TCHEM HOMEM	x	URUNDÃO MULHER	TOTAL
0-05	1			
05-10	1		1	
10-15			1	
30-35			1	
40-45	1			
				06

01 família com 04 URURAM'TCHEM

P.I. RIBEIRÃO - POPULAÇÃO

O P.I. Ribeirão ficou de 1977 a 1978 sem chefe de posto, enfermeiro ou mesmo missionário.

No fim de 1978 que a FUNAI mandou para lá um chefe de posto, que também fez o papel de enfermeiro.

Mas o interessante de Ribeirão que o índice de mortalidade infantil foi menor que os outros postos. Provavelmente tivemos inclusive famílias mudando-se para o Ribeirão, pois o P.I. teve um crescimento de 14 índios nestes dois anos.

Isto prova mais uma vez que o atentimento da FUNAI aos PAKAA-NOVAS é mais prejudicial que benéfico.

No P.I. onde não existe branco, os índios chegam a se mudar negando a famosa assistência branca.



P.I. RIBEIRÃO

IDADES	1977						1979						DIFERENÇAS		
	H.	%	M.	%	T.	%	H.	%	M.	%	T.	%	HOMENS	MULHER	TOTAL
00 - 05	06	7,59	08	10,13	14	17,72	10	10,75	05	5,37	15	16,12	+04	-03	+01
05 - 10	04	5,06	03	3,80	07	8,86	07	7,52	06	6,45	13	13,97	+03	+03	+06
10 - 15	01	1,26	01	1,26	02	2,53	04	4,30	03	3,22	07	7,52	+03	+02	+05
15 - 20	07	8,86	10	12,66	17	21,52	01	1,07	04	4,30	05	5,37	-06	-06	-12
20 - 25	07	8,86	03	3,80	10	12,66	09	9,67	04	4,30	13	13,97	+02	+01	+03
25 - 30	06	7,59	05	6,33	11	18,92	09	9,67	02	2,15	11	11,82	+03	-03	-0-
30 - 35	-	-	-	-	-	-	04	4,30	04	4,30	08	8,60	+04	+04	+08
35 - 40	03	3,80	04	5,06	07	8,86	04	4,30	02	2,15	06	6,45	+01	-02	-01
40 - 45	07	8,86	01	1,26	08	10,13	02	2,15	04	4,30	06	6,45	-05	+03	-02
45 - 50	-	-	-	-	-	-	02	2,15	01	1,07	03	3,22	+02	+01	+03
50 - 55	-	-	01	1,26	01	1,26	-	-	01	1,07	01	1,07	-	-	-
55 - 60	-	-	02	2,53	02	2,53	01	1,07	-	-	01	1,07	+01	-02	-01
60 ou +	-	-	-	-	-	-	01	1,07	03	3,22	04	4,30	+01	+03	+04
TOTAL	41	51,90	38	48,10	79	100,	54	58,06	39	41,94	93	100,	+13	+01	+14

POSTO INDÍGENA RIBEIRÃO  
CONSTITUIDO DE 23 FAMÍLIAS

URUBOM X URUBOM	6
URUBOM X URURAM'TCHEM	5
URUBOM X URUDÃO	1
URURAM'TCHEM X URUBOM	5
URURAM'TCHEM X URURAM'TCHEM	3
URURAM X URURAM	1
OROAT X UROM'TCHEM	1
	22

23 famílias - 13 solteiros sem família no P.I.  
e 2 solteiros com família

P.I. RIBEIRÃO  
SOLTEIROS

HOMEM	MULHER
1 - URUBUM - 29 anos	1- URURAM'TCHEM - 69 anos
1 - URUBUM - 27 anos	
1 - URUDÃO - 25 anos	
1 - URURAM'TCHEM - 30 anos	
1 - URUBUM - 38 anos	
1 - URURAM'TCHEM - 20 anos	
1 - URUBUM - 13 anos	
1 - URUBUM - 20 anos	
1 - URUBUM - 39 anos	
1 - URURAM'TCHEM - 30 anos	
1 - URUBUM - 22 anos	
1 - URUBUM - 12 anos	
TOTAL: 12	1

P. I. RIBEIRÃO

URUBUM X URUBUM = FAMILIA

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	2	1	03
5-10	2		02
10-15		1	01
20-25	3	1	04
25-30	1	1	02
30-35			
40-45		2	02
50-55			
55-60	1		01
60 ou +		2	02
			20

PROPOÇÃO FAMILIA / FILHOS

- 1 mãe 40 anos com 3 filhos - H + velho - 14 anos
- 1 casal com 1 filho mais uma mulher com 67 anos
- 1 casal sem filhos - H- 57 anos e M- 41
- 1 casal com 1 filho
- 1 casal com 2 filhos
- 1 mãe com 2 filhos

P. E. RIBEIRÃO  
IDADE DAS CRIANÇAS E SOLTEIROS  
URUBOM X URUBOM

07

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	3	1	04
5-10	1		01
10-15	1	2	03
15-20			0
20-25	1		01
25-30			
30-35			
35-40			
40-45			
45-50			
50-55			
55-60			
60 ou *		1	01
			10

IDADE DOS CASAIS  
URUBUM X URUBUM= INCLUI AS VIÚVAS  
P.I. RIBEIRÃO

	HOMEM	MULHER	TOTAL
15-20		1	01
20-25	2	1	03
25-30	1	1	02
30-35			0
35-40			0
40-45		2	02
45-50			0
50-55			0
55-60	1		01
60 ou +		1	01
			10

P.I. RIBEIRÃO

69

IDADE DOS CASAIS  
URUBUM X URURAM'TCHEM

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	4		04
5-10	2	1	03
10-15			
15-20	1		01
20-25	1	2	03
25-30	3	1	04
30-35		2	02
35-40			
40-45			
45-50			
50-55			
55-60			
60 ou +			17

5 casais - 1 com 4 filhos

1 com 2 filhos

2 sem filhos

1 com 1 filho

TOTAL: 7 crianças

P.I. RIBEIRÃO  
NOME DE CRIANÇAS

	URUBUM		URURAM'TCHEM	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
0-5	2			
5-10	1	1	1	

2 recém-nascido (meninos) sem nome

TOTAL: 7



P.I. RIBEIRÃO

	URUBUM	X	URUDÃO (geral)	
	HOMEM		MULHER	TOTAL
10-15			1	01
35-40	1			01
40-45			1	01
				03

CRIANÇA - URUBUM

1 casal com 1 filho

HOMEM: URUBUM

MULHER: URUDÃO

	URURAM'TCHEM	X	URURAM'TCHEM	
	HOMEM		MULHER	TOTAL
0-5	1		2	03
5-10	1		3	04
10-15	1			01
15-20			1	01
20-25				
25-30	1			01
30-35	2		1	03
35-40			1	01
40-45				
45-50				
50-55				
55-60				
60 ou +				
				14

1 família com 1 filho  
 1 família com 4 filhos  
 1 família com 3 filhos  
 TOTAL: 8

P.I. RIBEIRÃO

URURAM'TCHEM X URUBUM

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	2	1	03
5-10	1	1	02
10-15			
15-20		1	01
20-25	2	2	04
25-30	1		
30-35		1	01
35-40			
40-45	2	1	03
45-50	1		
50-55			
55-60			
60 ou +			

17

- 01 família com 1 filho
- 01 família com 01 filho
- 01 família sem filho
- 01 família com 01 filho + 1 solteiro com 67 anos
- 01 família com 02 filhos + 1 solteiro com 41 anos

	URURAM'TCHEM		URUBUM	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
0-5	2	1		
5-10	1	1		

P. I. RIBEIRÃO  
URURAME X URURAME

	HOMEM	MULHER	TOTAL
0-5	1	1	02
5-10	1	1	02
10-15	1		01
15-20			
20-25			
25-30			
30-35			
35-40	1	1	02
			07

P.I. RIBEIRÃO

URUAT                    X                    URURAM'TCHEM

HOMEM                    MULHER                    TOTAL

40-45                    1                    1                    02

01 familia sem filhos

P.I. RIO NEGRO OCAIA - POPULAÇÃO

O Rio Negro Ocaia tem como chefe de posto o Sr. Emi de Paula Leite (irmão do Sr. Evi, ex chefe de posto do Lage), desde 1977.

O Sr. Emi passou longo tempo em enfermeiro no posto e isto pode ser uma das causas da mortalidade infantil de menos de 11 crianças de zero a cinco anos.

Porém é um chefe de posto que tem a escolaridade até 2º ano de Sociologia e que respeita muito os índios. A sua política de administração progressista (é o posto que tem a maior produção de borracha) isto deve ser a causa de mudança dos índios de outros postos para o Rio Negro Ocaia. Ou talvez por ser o posto mais longe do contato do branco e o último posto a ser contatado pelo SPI.

A influência dos missionários da New Tribes prejudica muito a administração pois o Sr. Emi tem que dividir a administração do posto com o missionário Basílio. Apesar de ser maléfico ao índio, é também uma atração, pois aí o PAKAA pode jogar politicamente com a FUNAI e a New Tribes, para conseguir algum privilégio.

P.I. RIO NEGRO-OCAIA

IDADES	1977						1979						DIFERENÇA		
	H.	%	M.	%	T.	%	H.	%	M.	%	T.	%	HOMENS	MULHER	TOTAL
00 - 05	34	17,52	24	12,37	58	29,89	23	11,85	24	12,37	47	24,22	-11	-0-	-11
05 - 10	16	8,24	13	6,70	29	14,94	29	14,94	23	11,85	52	26,80	+13	+10	+23
10 - 15	02	1,03	04	2,06	06	3,09	05	2,57	07	3,60	12	6,18	+03	+03	+06
15 - 20	04	2,06	04	2,06	08	4,12	02	1,03	03	1,54	05	2,57	-02	-01	-03
20 - 25	08	4,12	10	5,15	18	9,27	02	1,03	04	2,06	06	3,09	-06	-06	-12
25 - 30	18	9,27	09	4,63	27	13,91	07	3,60	04	2,06	11	5,67	-11	-05	-16
30 - 35	03	1,54	04	2,06	07	3,60	09	4,63	13	6,70	22	11,34	+06	+09	+15
35 - 40	02	1,03	06	3,09	08	4,12	08	4,12	05	2,57	13	6,70	+06	-01	+05
40 - 45	01	0,51	07	3,60	08	4,12	03	1,54	05	2,57	08	4,12	+02	-02	-0-
45 - 50	05	2,57	01	0,51	06	3,09	03	1,54	02	1,03	05	2,57	-02	+01	-01
50 - 55	03	1,54	01	0,51	04	2,06	05	2,57	03	1,54	08	4,12	+02	+02	+04
55 - 60	04	2,06	04	2,06	08	4,12	01	0,51	-0-	-0-	01	0,51	-03	-04	-07
60 ou +	05	2,57	02	1,03	07	3,60	02	1,03	02	1,03	04	2,06	-03	-0-	-03
TOTAL	105	54,12	89	45,88	194	100,	99	51,03	95	48,97	194	100,	-06	+06	-0-

P.1. RIO NEGRO OCAIA

- total de 39 famílias
- 02 solteiros : 01 mulher com 60 anos  
01 homem com 28 anos
- 19 famílias URUDÃO X URUDÃO
- 04 famílias URUDÃO X URDEU
- 05 famílias URUEU X URUDÃO
- 02 famílias URUDÃO X URUMBUM
- 01 família URUAT X URUMBUM
- 01 família CANOÉ X CANOÉ
- 01 família URUEU X URUAT
- 01 família URUDÃO X URURAME
- 01 família URUREU X URURAME
- 01 família URUEU X CANOÉ
- 01 família URUDÃO X CANOÉ
- 02 famílias URUAT X URUAT

P.I. RIO NEGRO OCAIA

	URUNDÃO HOMEM	X	URUNDÃO MULHER	:-CASALS
25-30	1		1	
30-35	4		8	
35-40	7		3	
40-45	1		1	
45-50			1	
50-55	3		3	
55-60	1			
60 ou +	2		2	

37

06 famílias com 04 filhos  
 04 famílias com 05 filhos  
 04 famílias com 03 filhos  
 01 família com 02 filhos  
 02 famílias com 01 filho  
 01 família com 01 filho  
 01 família sem filhos  
 01 home de 32 anos com 03 filhos homens, mais velho 9 anos



P. I. R. N. OCAIA

	URUDÃO	X	URUEU
0-05	4		4
05-10	3		2
10-15			2
15-20			

CASADOS

20-25			1
25-30	1		
30-35	2		1
35-40			
40-45			2
45-50	1		
50-55			
55-60			
60 ou +			

23

01 família com 03 filhos  
 01 família com 04 filhos  
 01 família com 04 filhos  
 01 família com 04 filhos

FILHOS

	URUNDÃO		X	URUEU	
	HOMEM	MULHER		HOMEM	MULHER
0-05	4	3		1	
05-10	3	1		1	
10-15				2	
TOTAL:	15				

	URUEU	X	URUNDÃO
	HOMEM		MULHER
0-05	3		6
05-10	3		2
10-15			1
15-20			
20-25			
25-30	2		2
30-35	1		1
35-40	1		

24

- 01 família com 03 filhos
- 01 mãe-33 anos com 05 filhos
- 01 família com 02 filhos
- 01 família com 01 filho
- 01 família com 04 filhos

	URUEU		X	URUNDÃO	
	HOMEM	MULHER		HOMEM	MULHER
0-05		3		2	1
05-10		2		3	
10-15					1
02 meninas sem nome					

	URUNDÃO		X	URUNDÃO	
	HOMEM	MULHER		HOMEM	MULHER
0-05	10			13	
05-10	15			12	
10-15	05			03	
15-20	01			02	
20-25	01				
25-30	02			01	
30-35	04			08	
35-40	07			03	
40-45	01			01	
45-50				01	
50-55	03			03	
55-60	01				
60 ou +	02			01	

P.I. RIO NEGRO OCAIA

	URUNDÃO HOMEM	X	URUMBUM MULHER
0-05	1		1
05-10	2		1
10-15			
15-20			
20-25	CASADOS		
25-30			
30-35	1		2
35-40			
40-45	1		
45-50			
50-55			
55-60			
60 ou +			8

01 família com 01 filho  
01 família com 03 filhos

	URUNDÃO HOMEM	X MULHER	URUMBUM HOMEM	MULHER
0-05	1			
05-10	2		1	
10-15				

P.I. RIO NEGRO

URUAT	X	URUMBUM
HOMEM		MULHER

0-5	1		
5-10		1	
45-50	1	1	
			4

01 família com 02 filhos - todos URUAT

CANOÉ	X	CANOÉ
HOMEM		MULHER

0-5	1		
5-10	1	1	
40-45		1	
45-50	1		
			5

01 família com 3 filhos

URUEU	X	URUAT
HOMEM		MULHER

05-10	1		
15-20	1		
40-45		1	
45-50	1		
			4

01 família com 02 filhos 1 URUEU (9 anos)  
1 URUAT (16 anos)

	URUNDÃO HOMEM	X	URURAM MULHER
5 -10	3		
30-35	1		1

04

01 família com 3 filhos todos URUNDÃO

	URUEU HOMEM	X	URURAM MULHER
0- 05			1
05-10	1		2
35-40	1		1

06

01 família com 4 filhos (7 e 9 anos)  
 2 meninas - URURAM  
 1 menino (5 anos) URUEU  
 1 menina (3 anos) URUEU

	URUEU HOMEM	X	CANOÉ MULHER
0-05	1		1
05-10			1
20-25			1
25-30	1		

05

01 família com 3 filhos - 1 menino (3 anos) URUEU  
 - 2 meninas (4 anos) CANOÉ  
 (5 anos) URUEU

	URUNDÃO HOMEM	X	CANOE MULHER
0-05	1		
15-20			1
20-25	1		

01 casal com 01 filho - sem nome

	URUAT HOMEM	X	URUAT MULHER
05-10			1
10-15			1
25-30	1		
35-40			1
50-55			1

01 mulher com 02 filhos URUAT  
01 mulher com 01 filho URUAT

## VEGETAÇÃO

Floresta Subcaducifólia Amazônica - A região dos PAKAA-NOVAS é da Floresta Subcaducifólia Amazônica, como toda a Rondonia pertence a ela com algumas manchas de cerrado e campo.

De modo geral predomina a vegetação de árvores altas de 15 a 20 metros, troncos finos e copas pouco desenvolvidas. São inúmeras as palmeiras, como inajá (*maximiliana régia*), bacaba (*Oeno carpus disticus*), tucumá (*astrocaryum vulgare*), mumbaca (*astrocaryum mumbaca*), macajá (*acrocopia sdeócarpa*), pixiúba - também chamada de paxiuba (*uri artea exorrhiza*), pupunharama (*cocos speciosa*), jatá (*cocos syagus*), ubinguaçu (*geonoma maxima*), acaí (*enterpe oleracea*), meute (*mauritia flexosa*), babaçu (*orbignaya martiana*).

Inielizmente nao temos ainda os nomes desta vegetação dada pelos índios. Nós encontramos também seringueira (*hevea brasilienseis*), cag<sub>tanha</sub> do pará (*bertholletia excelsa*), cauchio (*castilloa ulei*), maça-randuba (*mimusops huberi*) e cupu-açu (*heobroma grandiflouem*).

Também nao sabemos os nomes que os índios dão a essas árvores. Posteriormente, pensamos dedicar uma pesquisa sobre o assunto.



SOLOS E PEDOLOGIA

LA - PV - HL - Associação: latossolo amarelo distrófico - podzólico vermelho amarelo distrófico - laterita hidromórfica distrófica. Essa associação de solo nde encontramos no Lage e Ribeirão. Essa associação são desprovidas virtualmente de reservas nutrientes para as plantas. Em consequencia, o manejo tradicional deste solo é limitado. Com a utilização de queimadas a melhoria é temporária, esgotando-se o solo rapidamente. O latossolo amarelo distrófico ocupa mais de 50% da área, o material dominante é mais argiloso ou mais arenoso, sua fertilidade é muito baixa.

A utilização deste tipo de solo numa agricultura de manejo desenvolvido, com uso de corretores e fertilizantes, pode apresentar níveis de produção relativamente elevados. No seu manejo primitivo o solo é restrito para cultura de ciclo curto e longo, com o manejo semidesenvolvido ele se torna regular para cultura de ciclo curto e logo com manejo desenvolvido ele tem aptidão boa para cultura de ciclo longo e regular para cultura de ciclo curto.

Como podemos notar a agricultura do Lage e Ribeirão, para ser desenvolvida será preciso uma grande soma para a correção do solo.

AQ-HL-HG - Associação Areias Quartzosas distroficas - Laterita Hidromórfica distrófica - Solo Gley Distrófico: sua ocorrência localiza-se no P.I. Rio Negro Ocaia e Pakaa-Rova. Os solos tem textura dominante arenosa. São excessivamente drenados, de alta permeabilidade e apresentam uma negligenciável reserva de nutrientes para as plantas.

A laterita hidromórfica utilizada com um manejo tradicional, apresenta uma fertilidade que em geral é baixa. A presença de concreções ferruginosas é, geralmente prejudicial para a planta, pois são um obstáculo a penetração das raízes.

O uso corretivo e fertilizantes pode melhorar os níveis de produção, entretanto o problema será o alto custo, para permitir sua utilização.

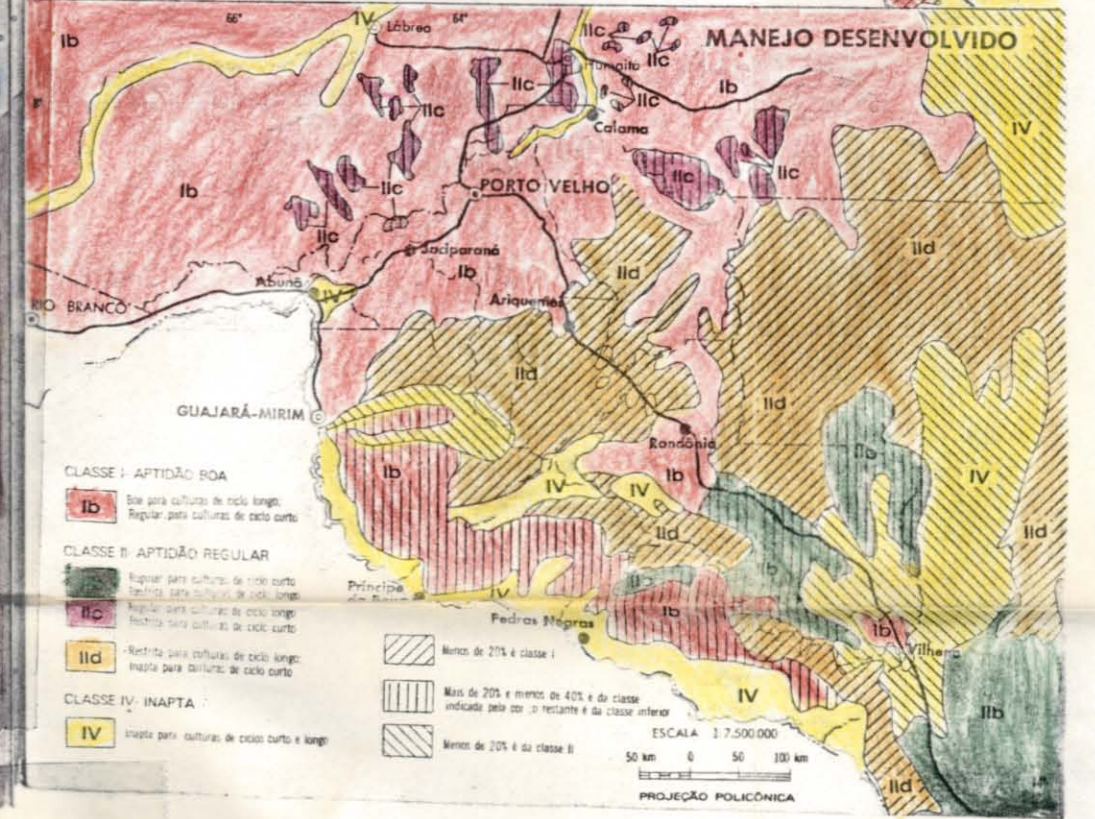
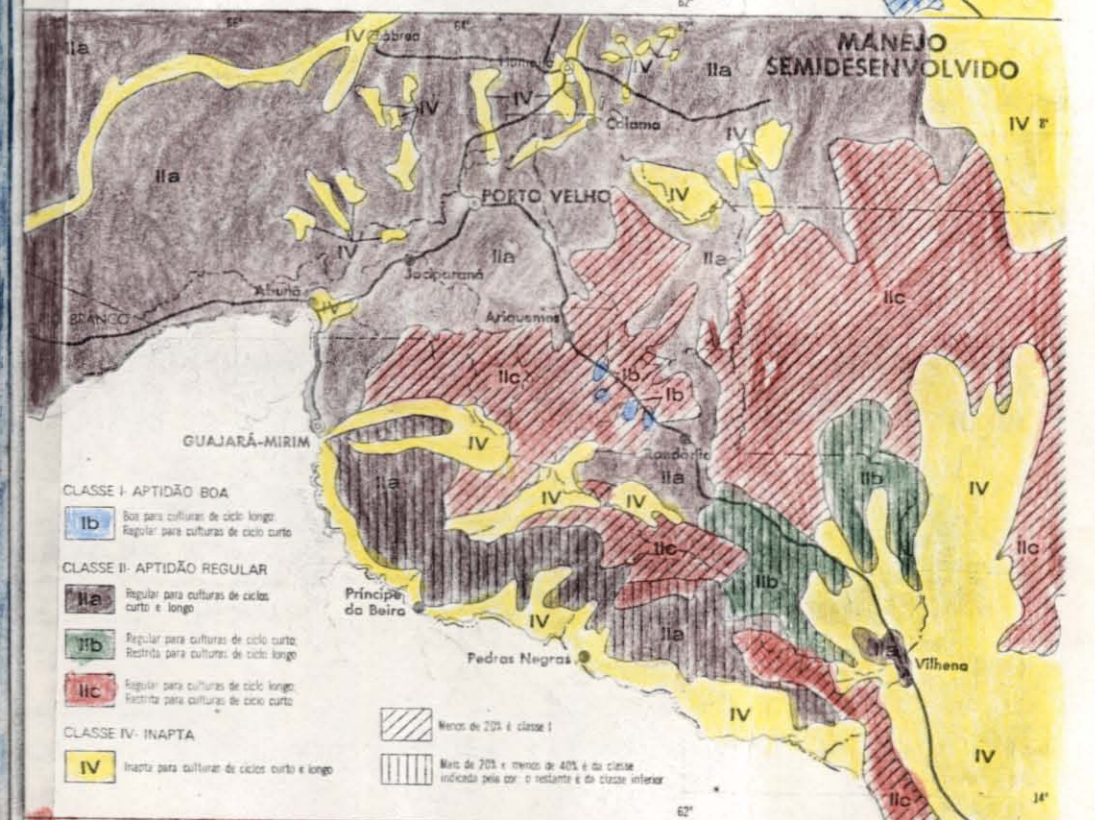
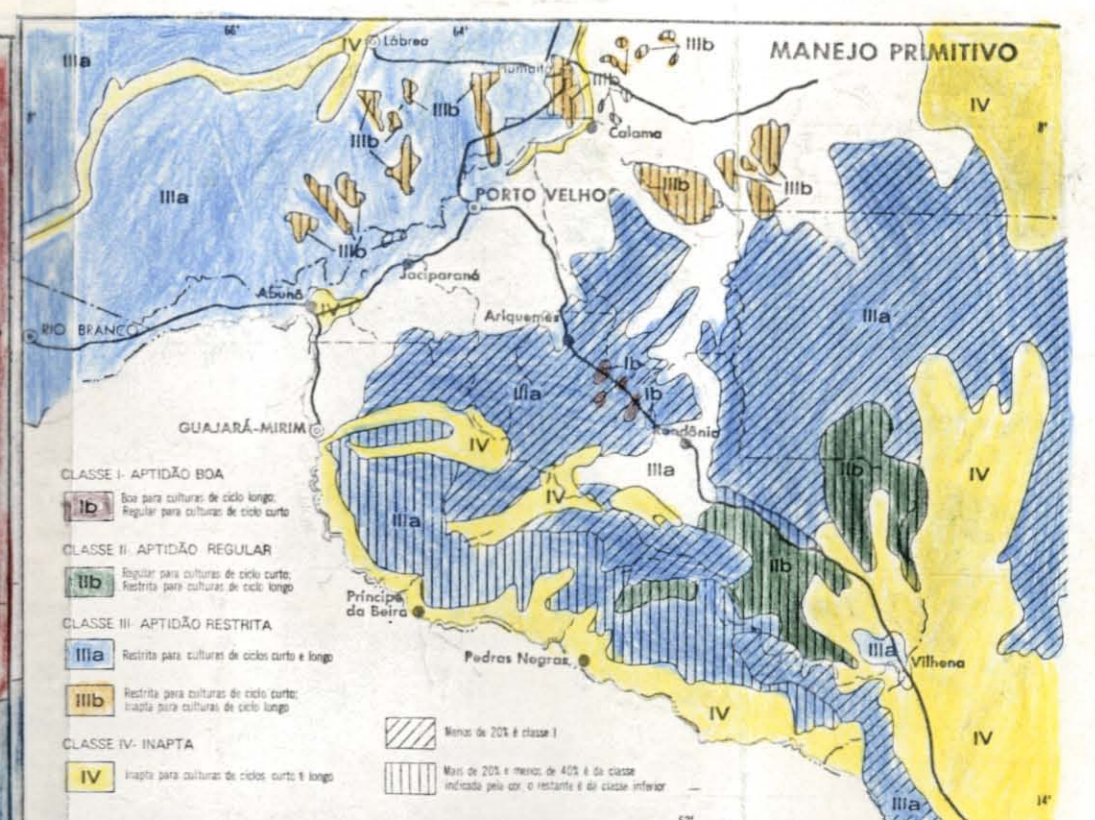
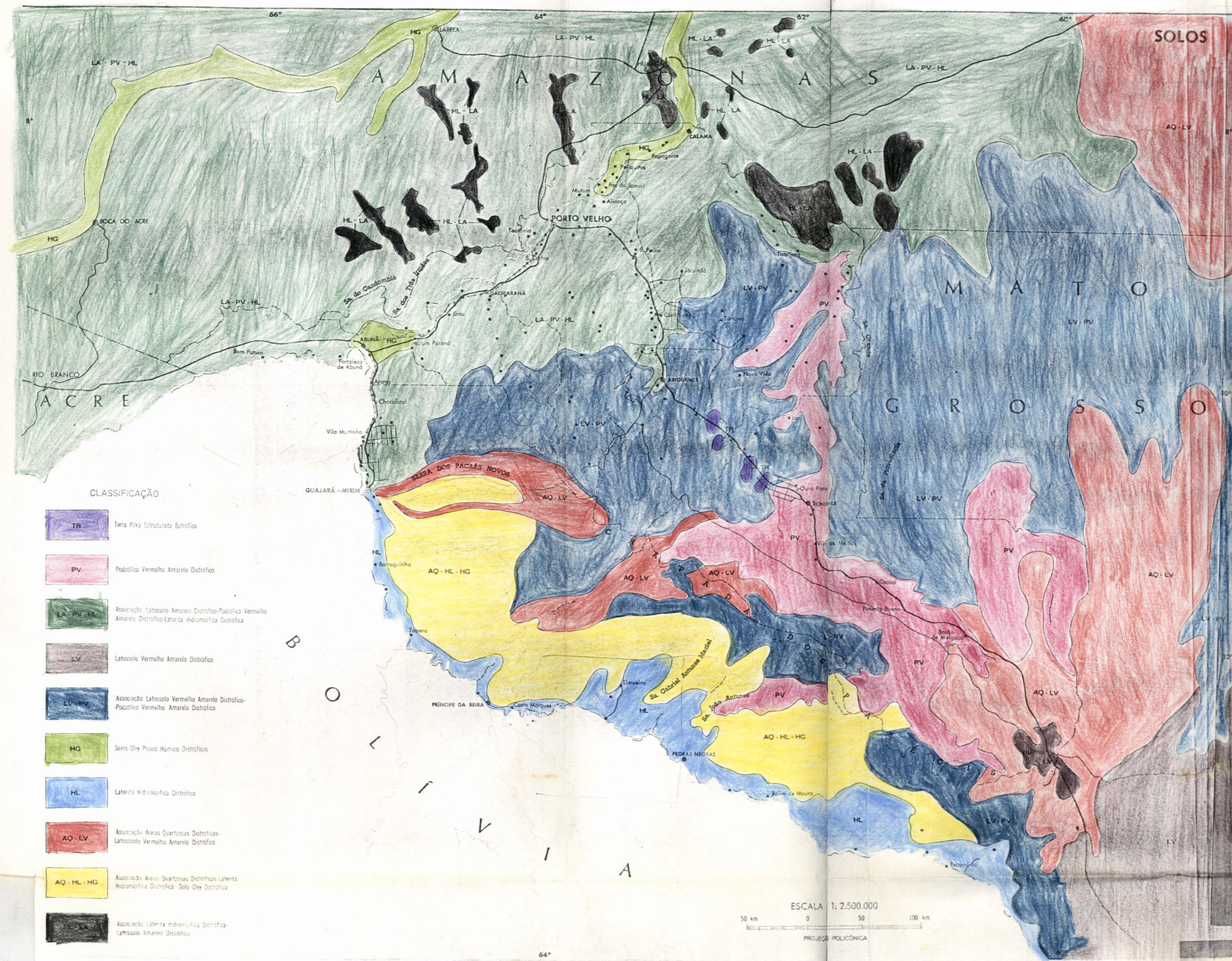
O solo Gley Distrófico apresenta uma textura fina e se desenvolve nas várzeas.

Mais de 20% e menos de 40% do solo da região é restrito para cultura de ciclo curto e longo e o restante é de classe inferior, isto no manejo primitivo. No manejo semidesenvolvido continua com esta porcentagem, sendo regular para cultura de ciclo curto e longo e no manejo desenvolvido, boa para cultura de ciclo longo e regular para cultura de ciclo curto.

Na região de Cagacana vamos encontrar solo Gley úmido distrófico que corresponde a solo de depósito fluviais das várzeas, depósitos re-

centes e textura fina, áreas inundadas temporariamente. São inaptos para cultura de ciclo longo ou curto, salvo espécies tolerantes ao excesso de água, como exemplo o arroz.

Os PAKAA-NOVAS conseguem tirar o necessário para sua sobrevivência deste solo, com a cultura de mandioca e milho, usando o solo uma só vez e mudando a roça de lugar sempre, nunca utilizando o mesmo solo. Se o avanço da civilização exigir do PAKAA-NOVA maior estabilidade do solo, isto dependerá de correções e fertilizantes, um investimento de alto custo, que é bem provável que seja impossível de realizar.



## ESTRUTURA AGRÁRIA

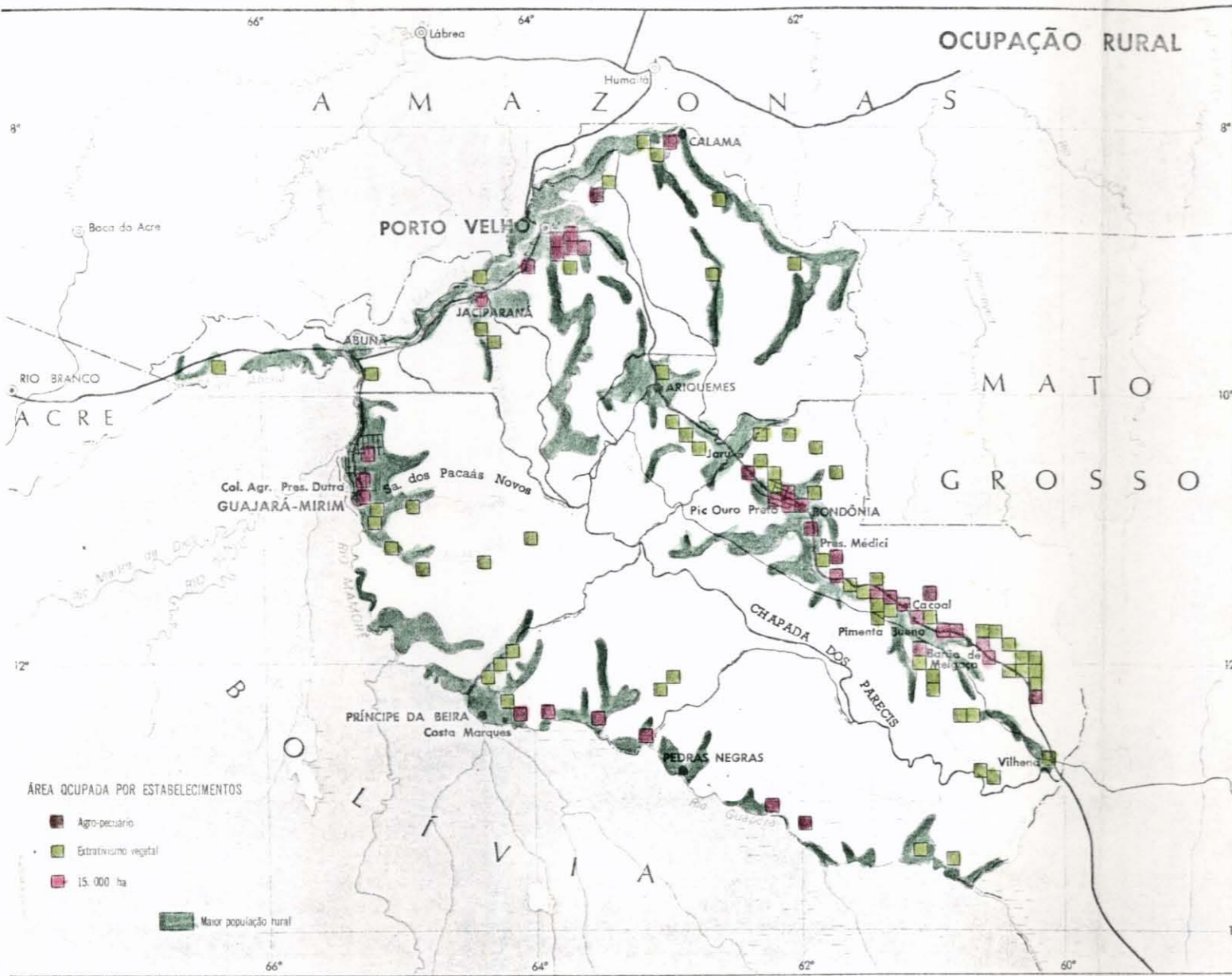
A ocupação mais antiga, corresponde ao extrativismo vegetal, principalmente a exploração da borracha, feita nos seringais, localizados ao longo dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e principalmente seus afluentes. Nestes vales os seringais são subdivididos em estabelecimentos rurais denominados "colocações" onde se processa a exploração da seringueira.

A ferrovia orientou a atividade agrícola, de uma maneira dispersa, apenas nucleando-a nos seus dois pontos extremos: entorno de Porto Velho e próximo a Guajará-Mirim, onde se localiza a região do Pakaa, Lage e Ribeirão.

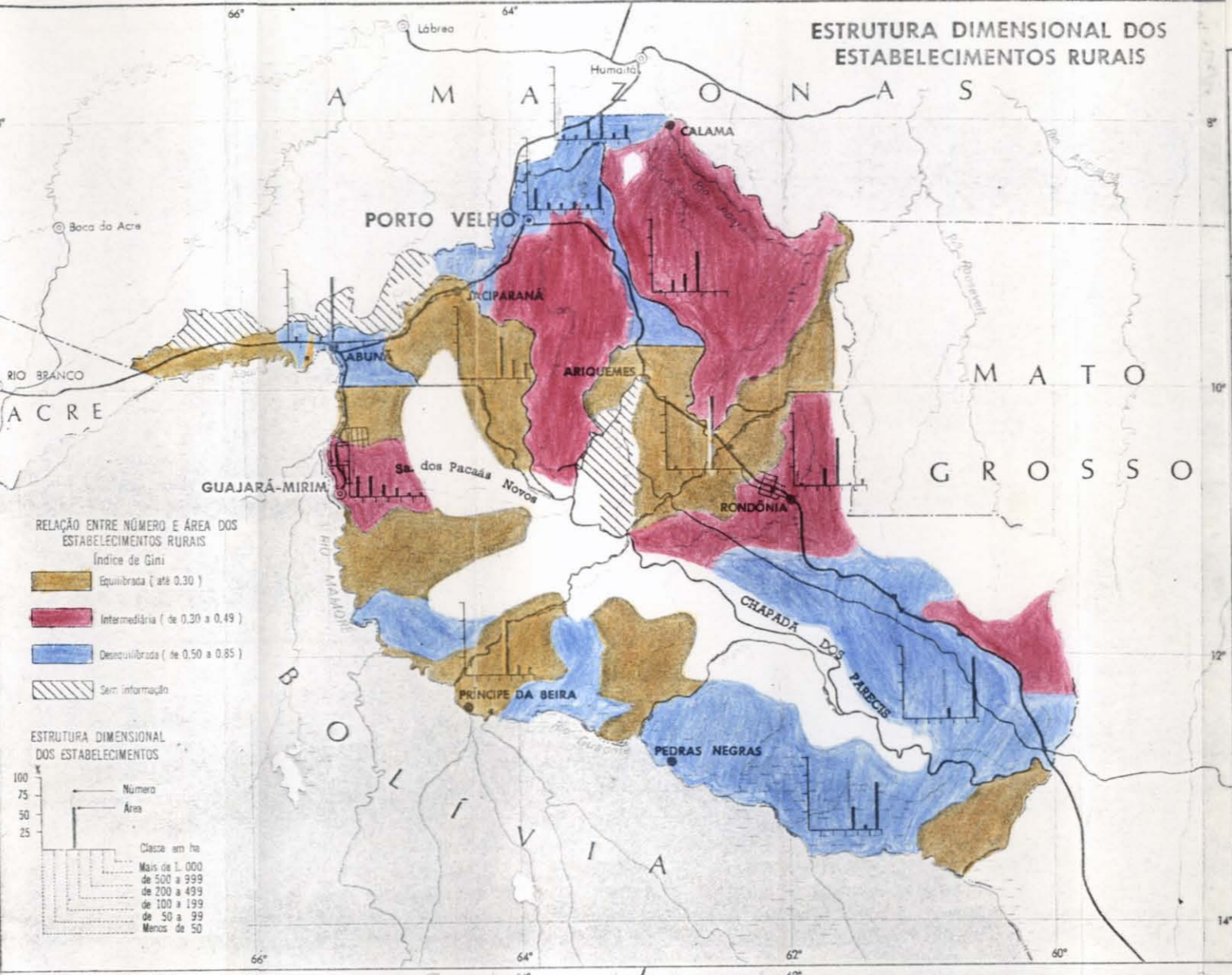
Recentemente a abertura da Br-364, estimulou a ocupação agrícola, de maneira dispersa, acompanhando seu traçado, que colocou a Rondônia com o maior crescimento relativo da Amazônia.

Porém na área dos Pakaa-Novas, principalmente em Sagarana, Pakaa e Rio Negro, além de uns insignificantes números de seringueiros, a área não foi ainda ocupada, porém com a criação de R.1 e R.2 (Br.421) de Guajará a Ariquemes e (Br.429), Príncipe da Beira a Rondônia, a região está ameaçada, ficando bloqueada pelo avanço da "civilização".

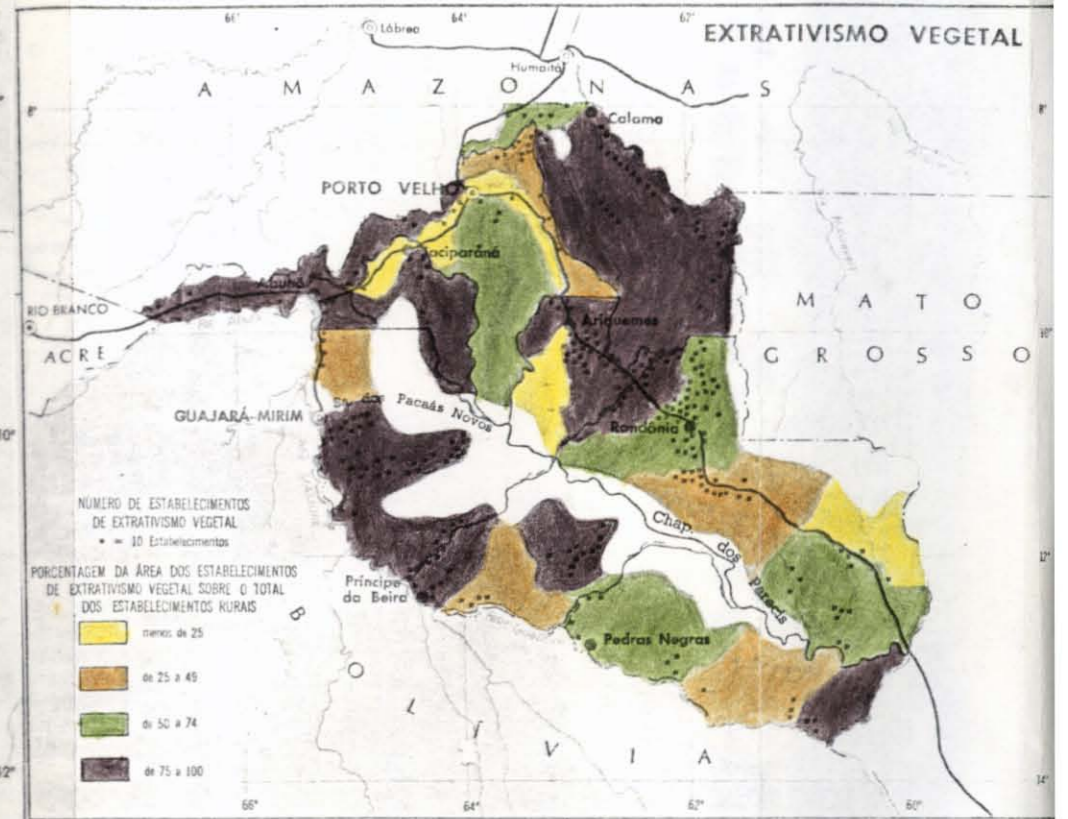
## OCUPAÇÃO RURAL



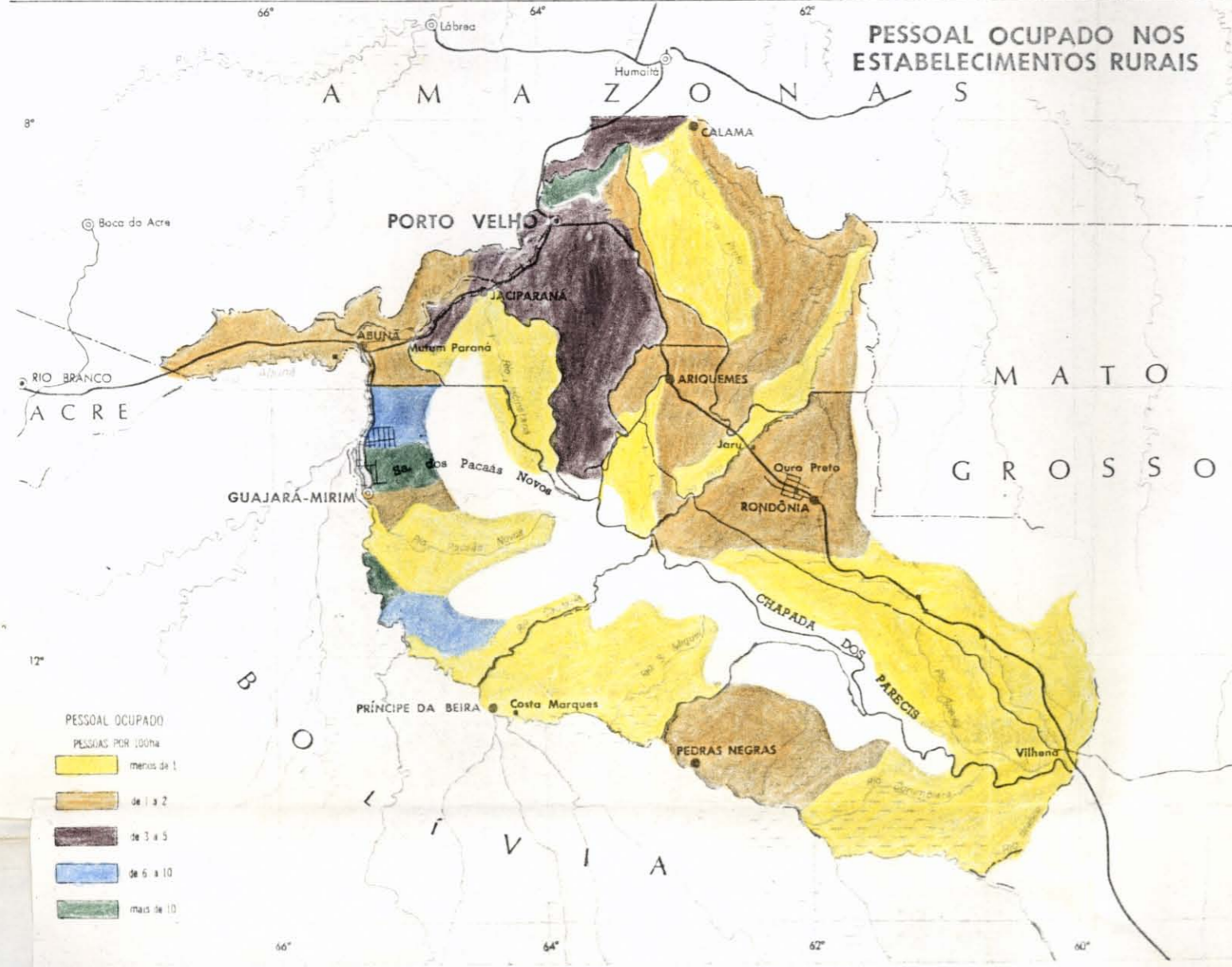
## ESTRUTURA DIMENSIONAL DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS



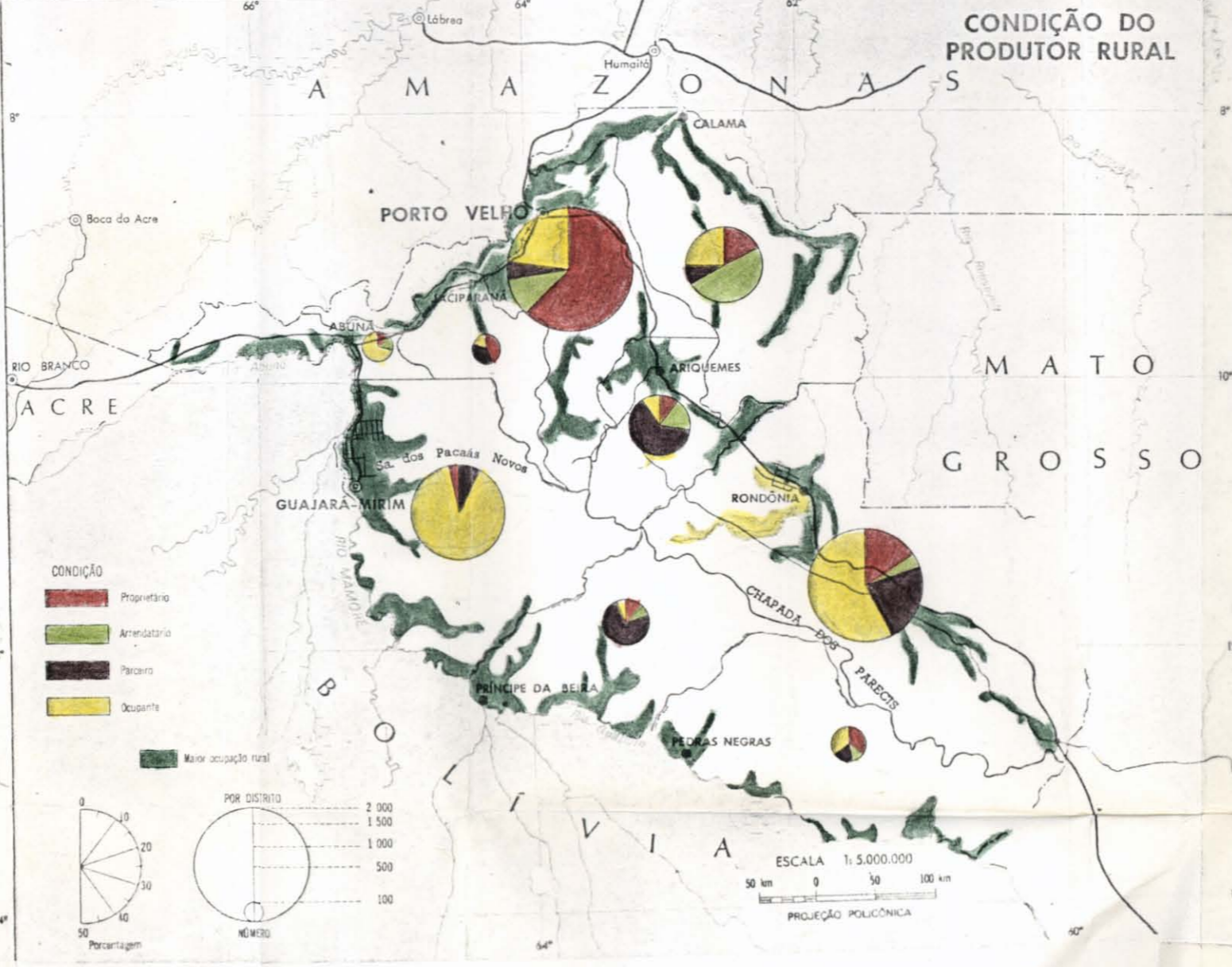
## ESTRUTURA AGRÁRIA



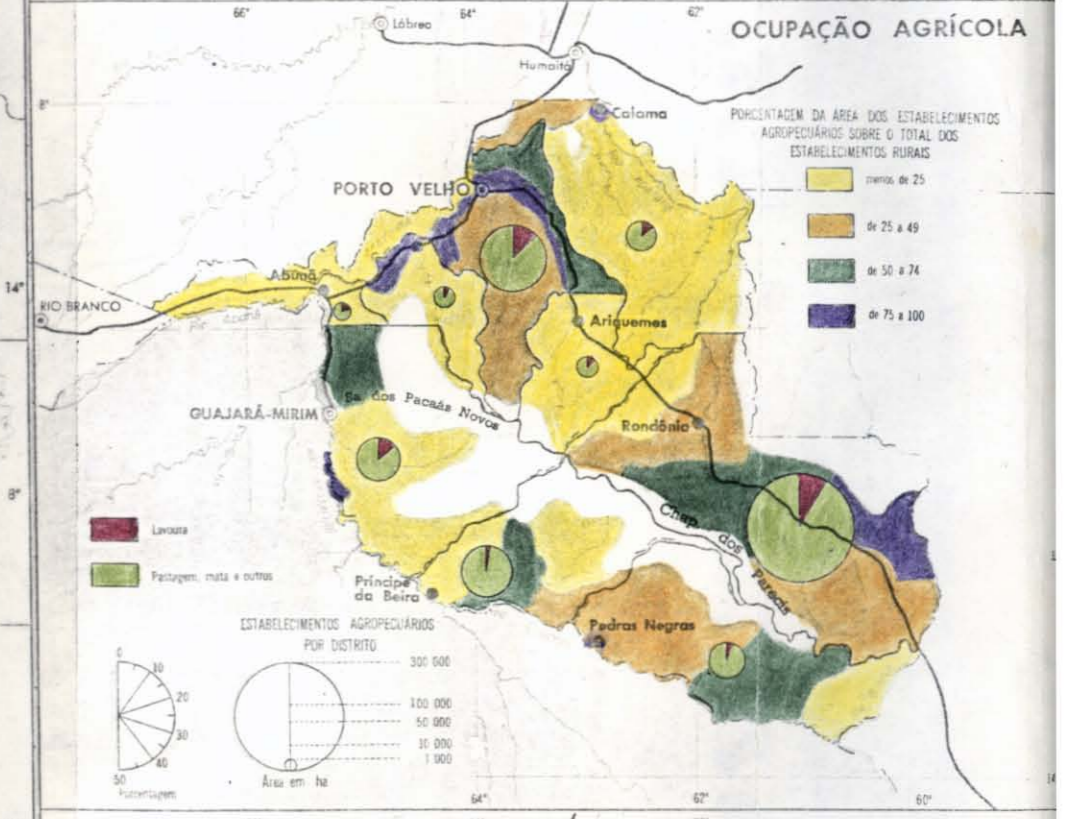
## PESSOAL OCUPADO NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS



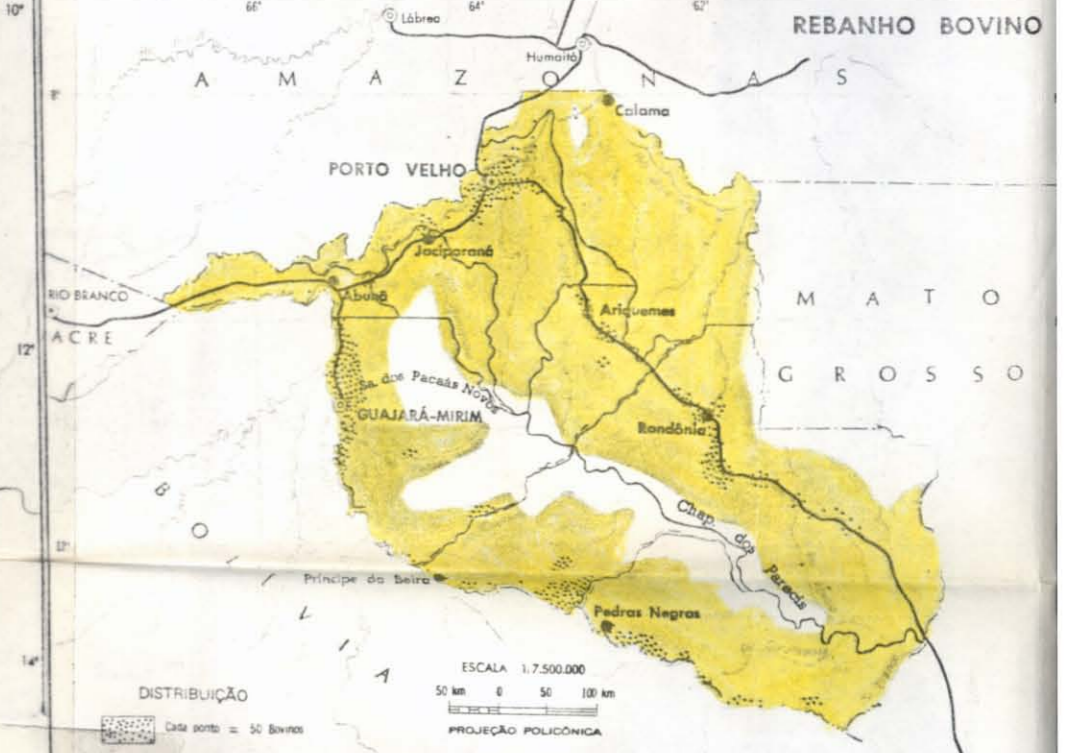
## CONDIÇÃO DO PRODUTOR RURAL



## OCUPAÇÃO AGRÍCOLA



## REBANHO BOVINO



ESCALA 1:5.000.000  
50 km 0 50 100 km  
PROJEÇÃO POLICÔNICA

ESCALA 1:7.500.000  
50 km 0 50 100 km  
PROJEÇÃO POLICÔNICA

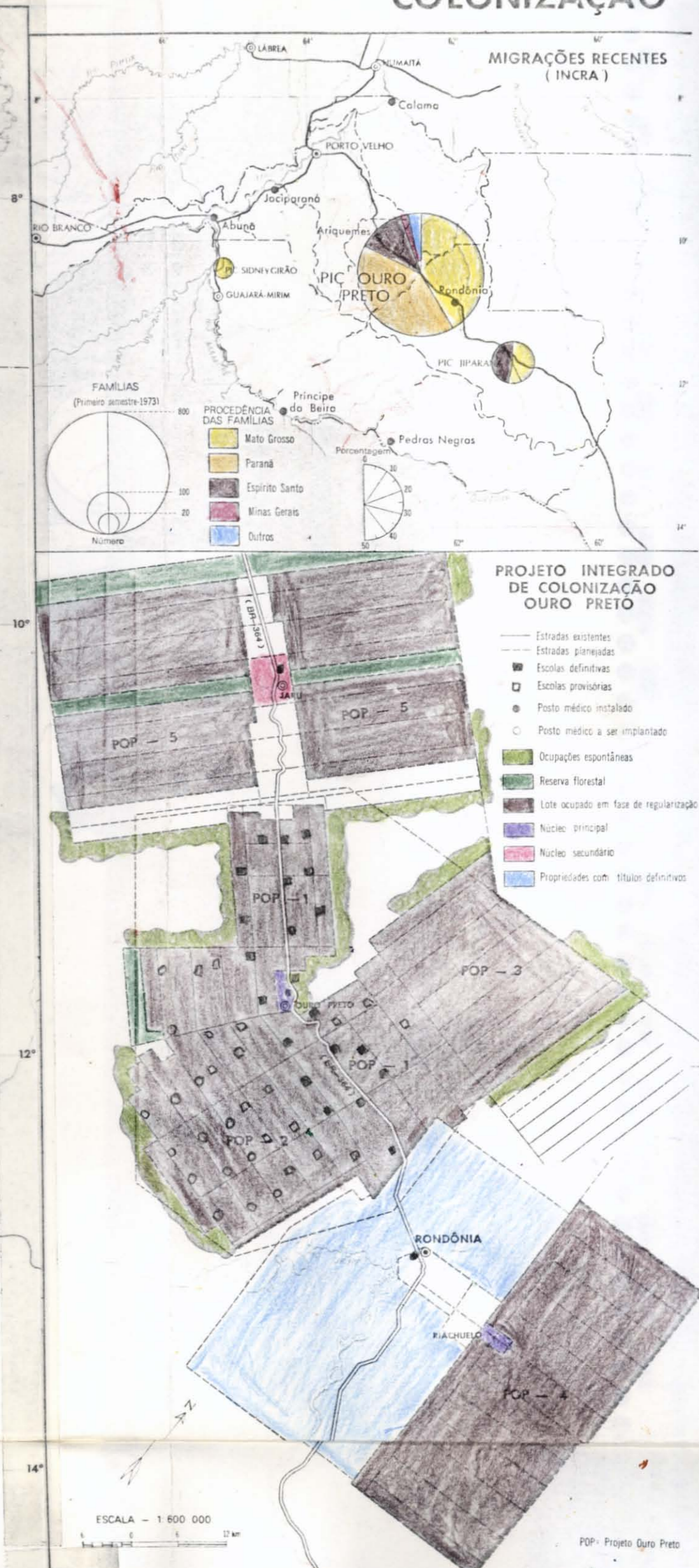
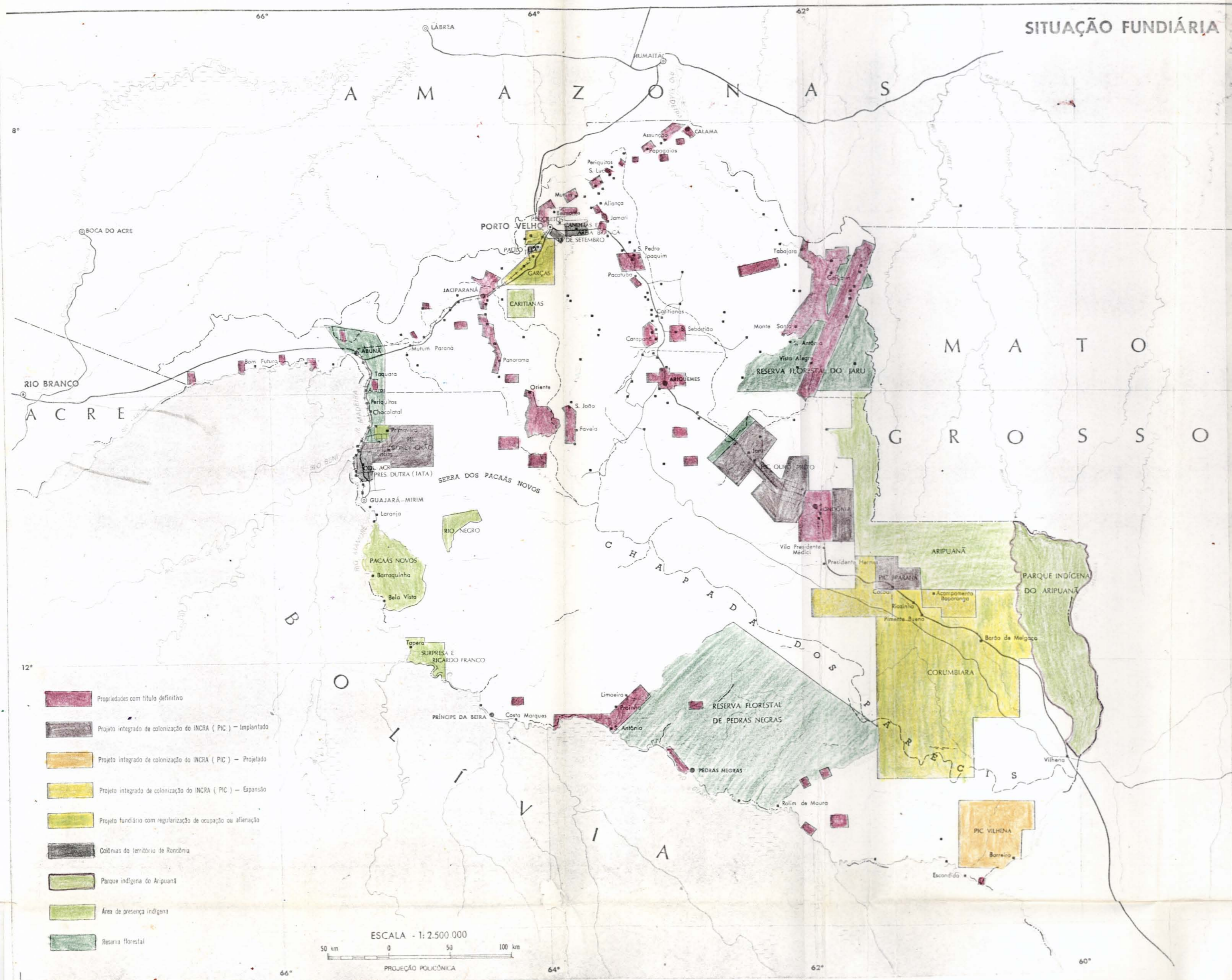
## COLONIZAÇÃO E SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Após a criação do território, o governo tomou a si a iniciativa de povoar os grandes espaços desabitados, / instalando núcleos agrícolas a partir de 1945. Estes foram formados perto de Guajará-Mirim e Porto Velho. O primeiro foi o IATA (Colônia Agrícola Presidente Dutra) que atualmente é vizinho dos Pakaa Nova, na reserva do Lage. Os elementos da colônia eram nordestinos e paraenses, / sendo os últimos em maior número.

No cadastramento de 1967, nove proprietários rurais se diziam dono de Rodônia, no entanto em 1972 foram registrados 155 títulos definitivos. Infelizmente ainda / não temos de 1979.

O projeto Iata atualmente tem um posto médico / (100 médicos) e uma escola, por isto não devemos nos entusiasmar com o projeto Outo Preto, pois os dados do mapa são de 1975 e até agora a coisa continua na mesma.

A área de presença indígena no mapa inclui a reserva Ribeirão anexa ao Lage e Sagarana com Guapore (Macç rape) .



CLIMA

A região dos PAKAA-NOVAS tem uma frequência das frentes frias (verão) Dez, Jan, Fev, 10 a 5 dias; e no inverno Jun, Jul, Agosto de 50 dias.

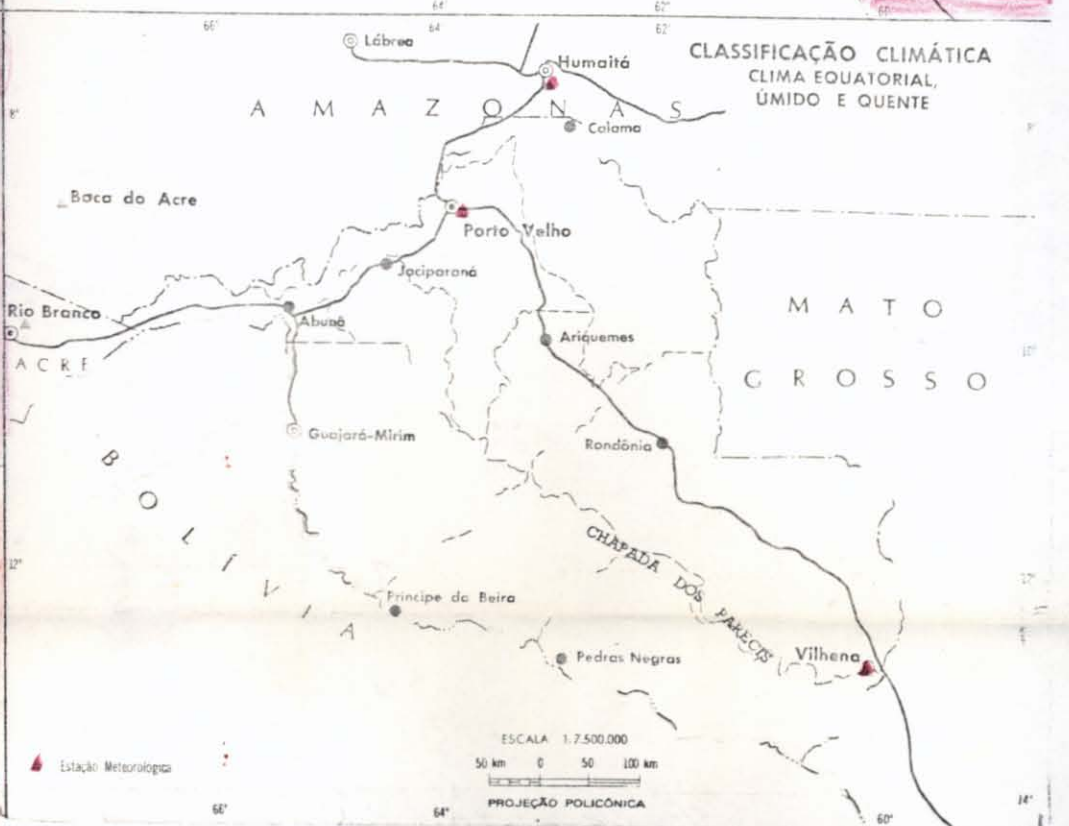
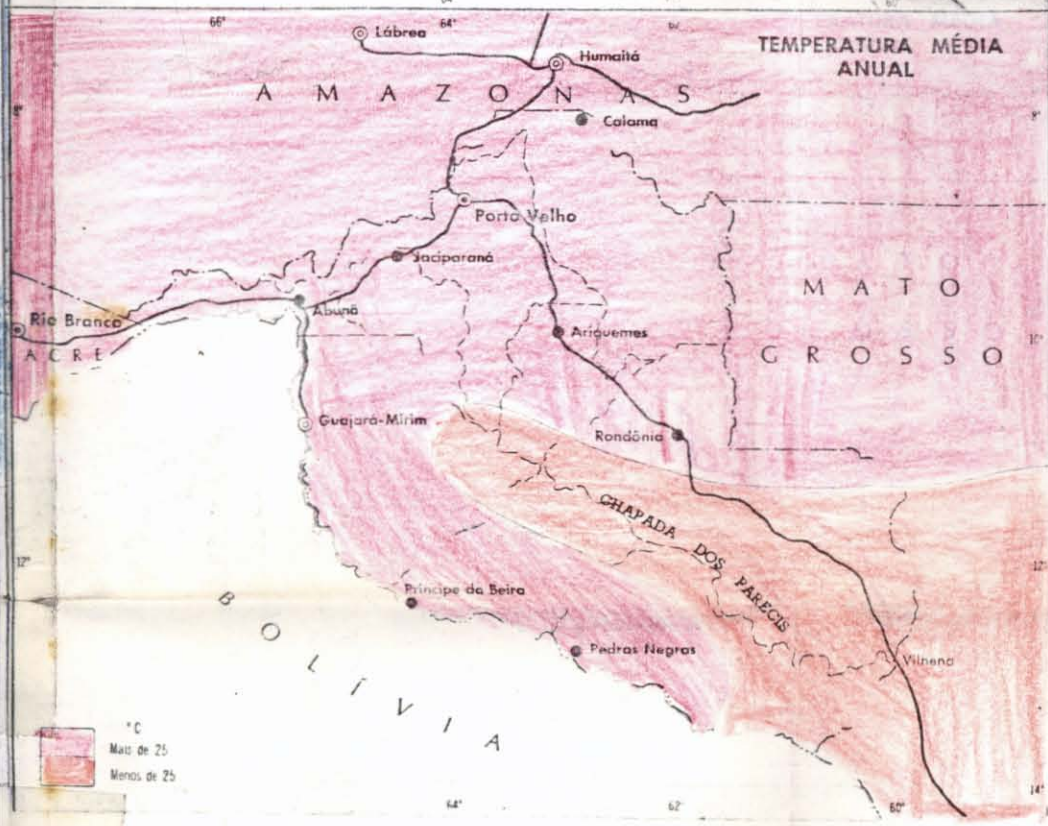
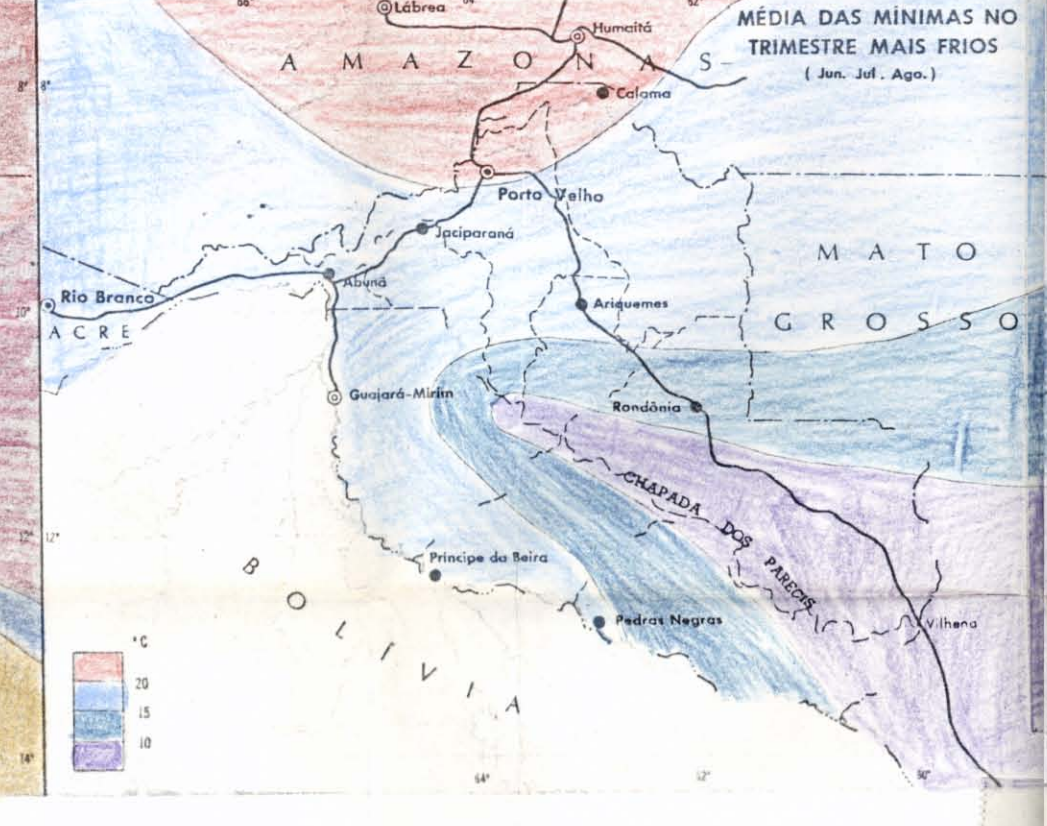
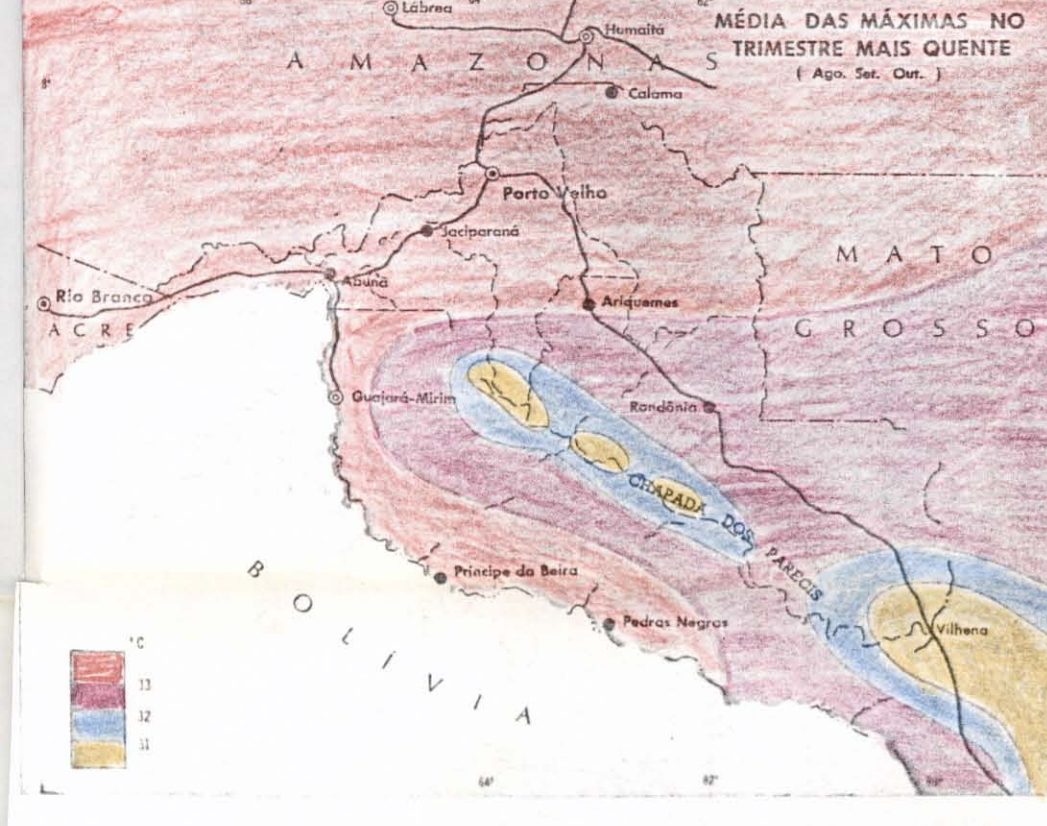
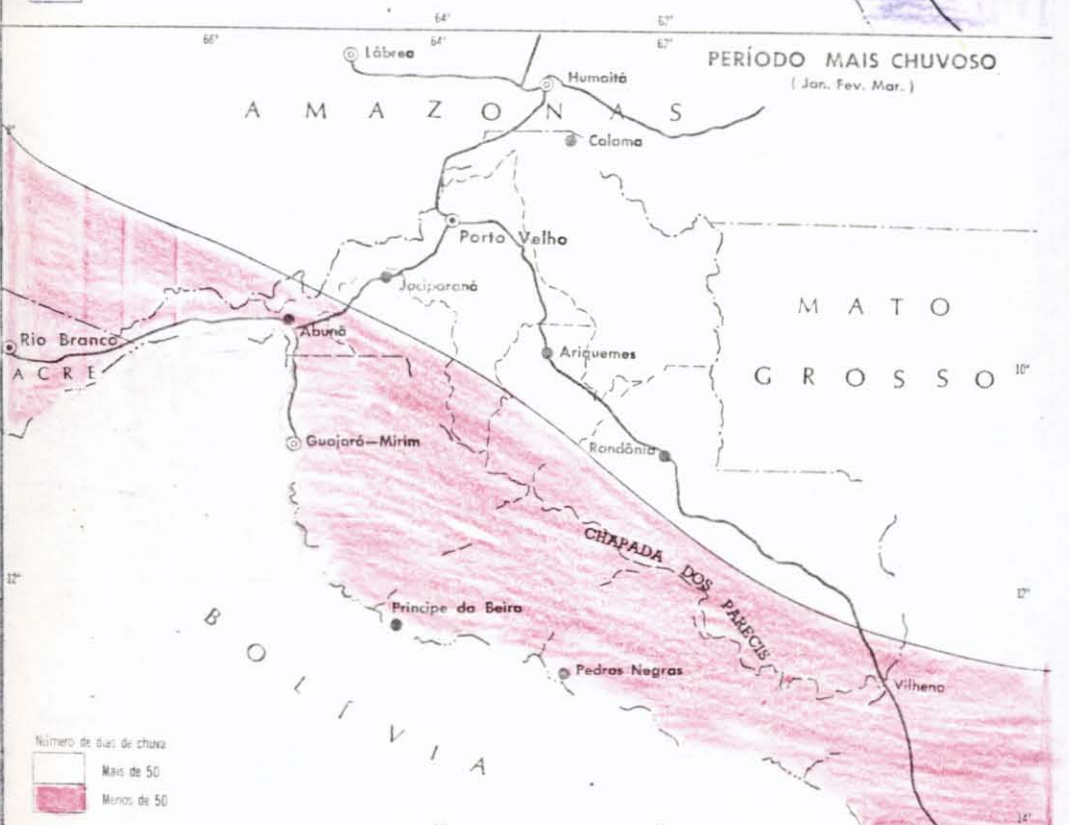
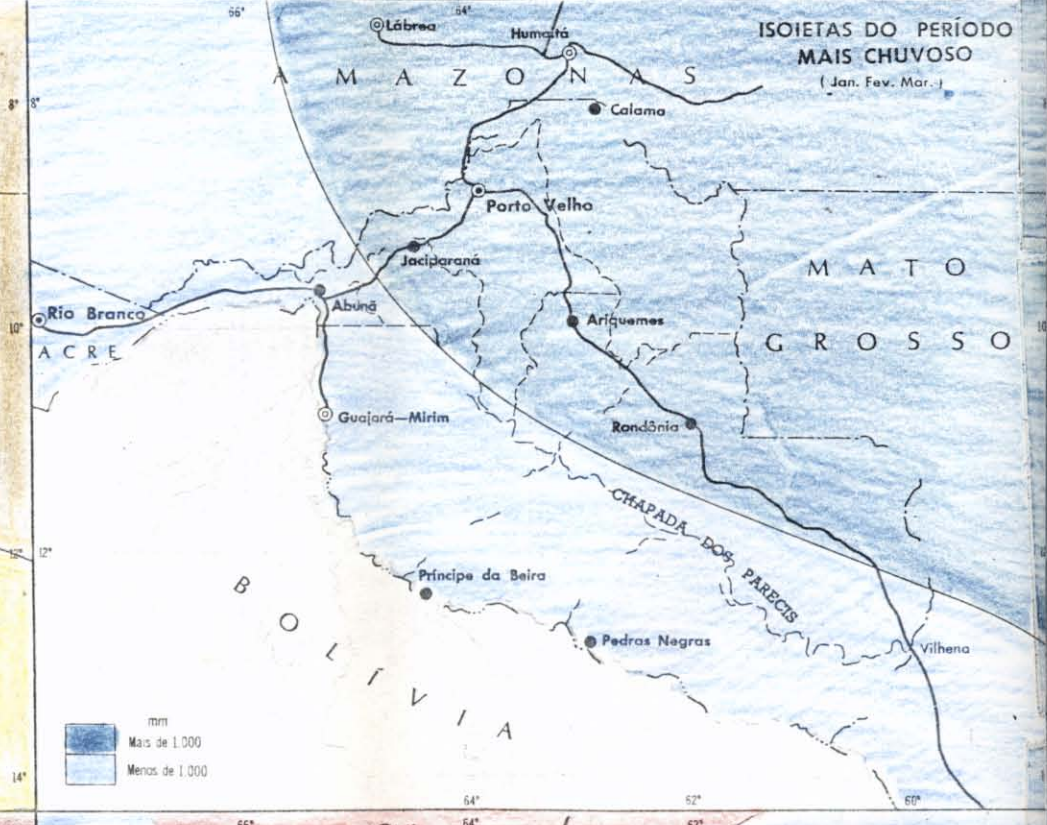
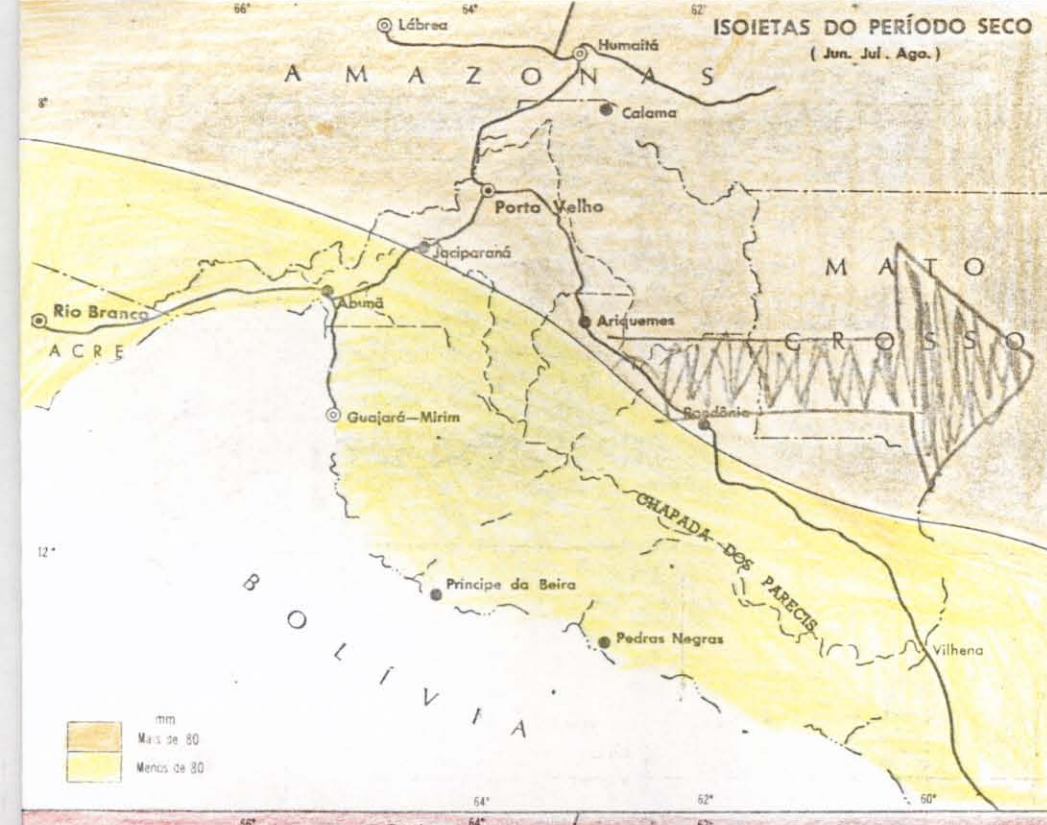
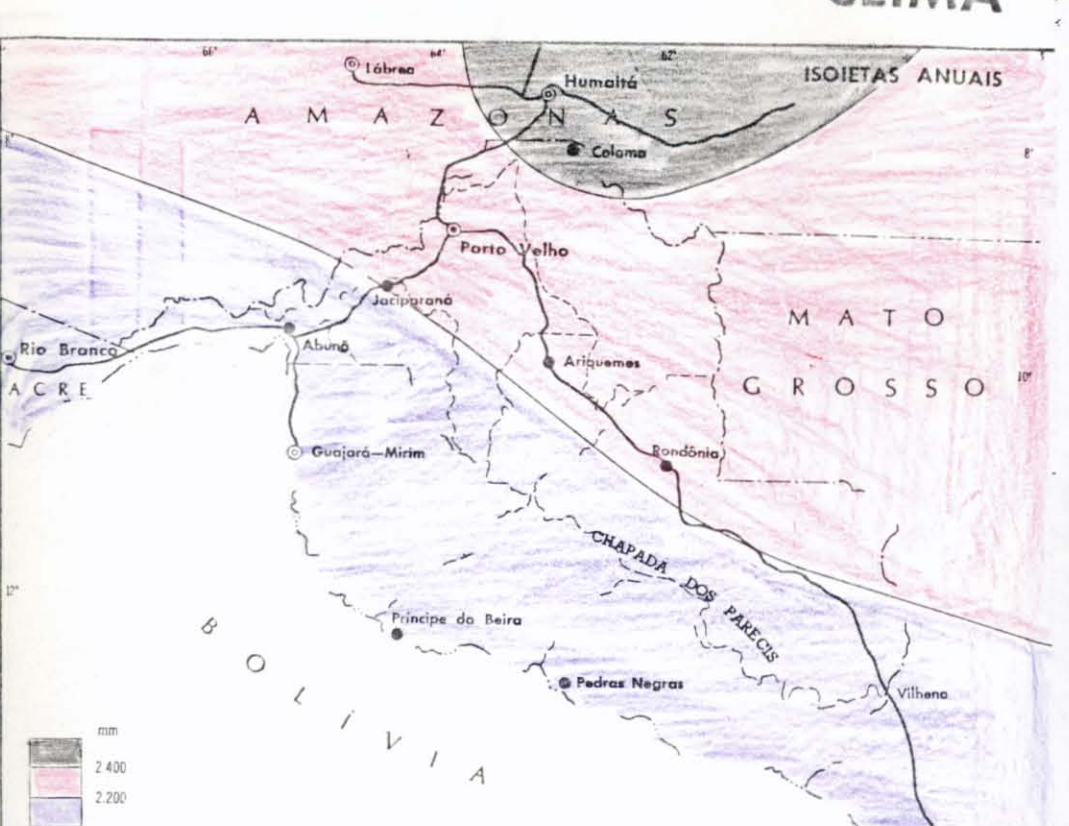
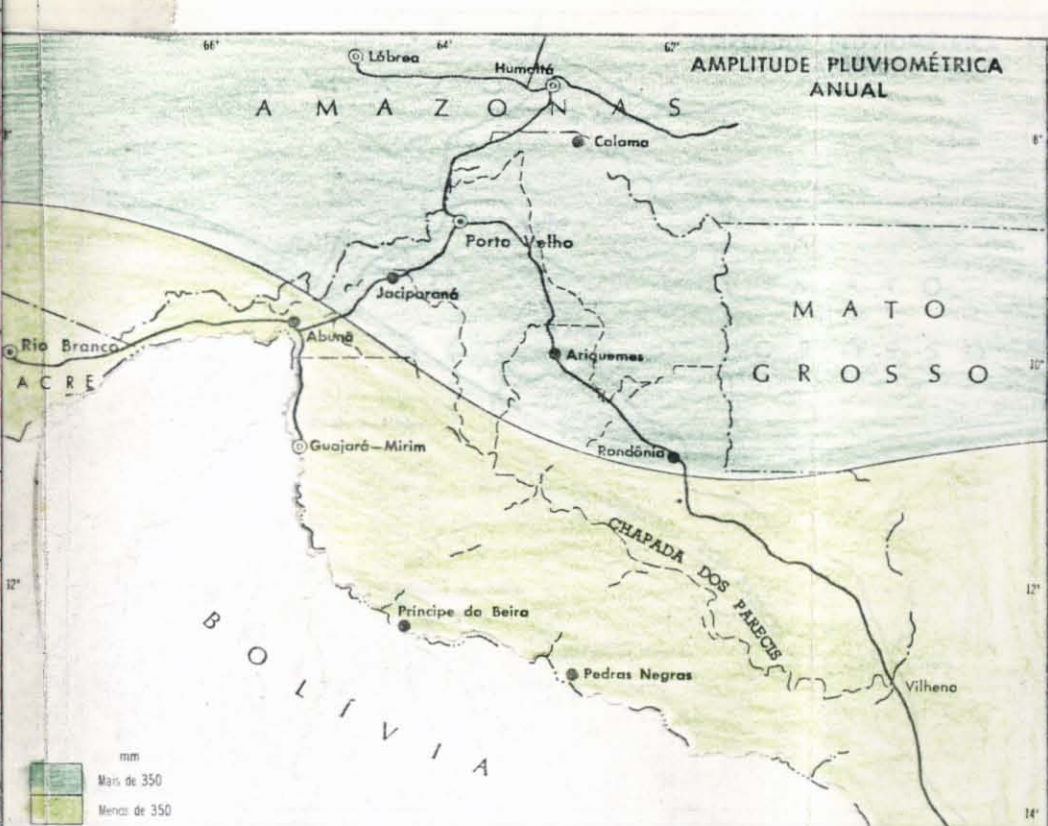
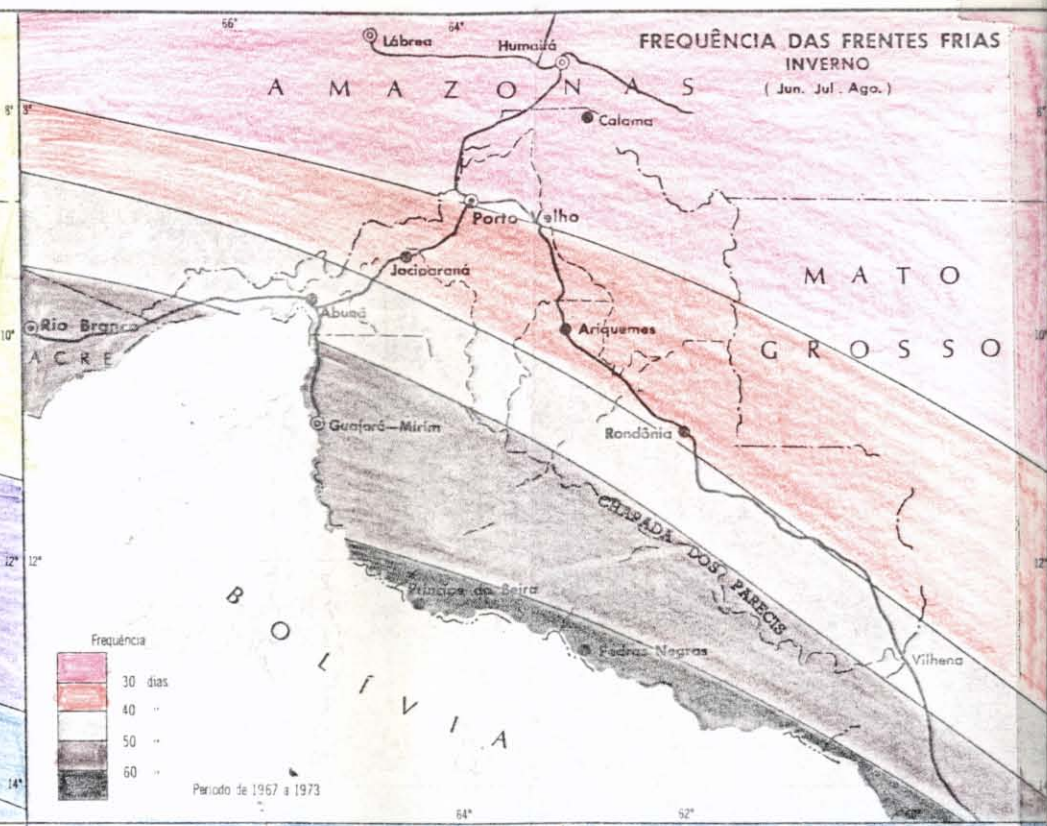
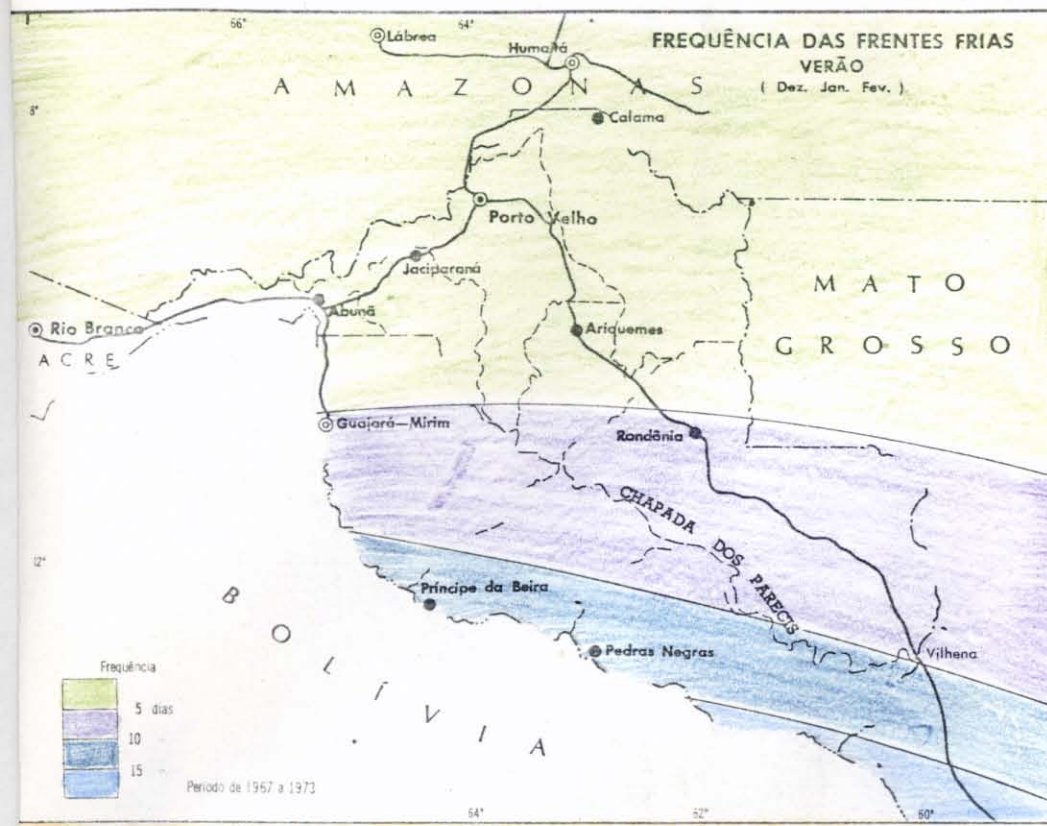
No período seco de Jun, Jul, Agosto vamos ter menos de 80 mm de chuva e no período mais chuvoso Jan, Fev, Março menos 1.000 mm de chuva.

O trimestre mais quente Agosto, Setembro, Outubro a média atinge mais ou menos 33 graus centígrados e no trimestre mais frio Jun, Jul, Agosto a média é 20 graus centígrados.

A região tem uma amplitude pluviométrica anual de menos 350 mm de chuva. No período seco de Jun, Jul, Agosto temos menos de 6 dias de chuva. Sua temperatura média é mais de 25<sup>00</sup> e sua média de isóietas anuais é até 2.200 mm de chuva, com seu período chuvoso Jan, Fev, Março com menos de 50 dias de chuva.

Sua classificação climática é clima Equatorial úmido e quente.





Tôdas as fotos preto e branco são do Sr. Tadeu Giglio, que me acompanhou ao campo, em julho de 1977. As fotos coloridas são de minha autoria e de Pedro Olivotti, que também acompanhou o trabalho de pesquisa em campo em 1979

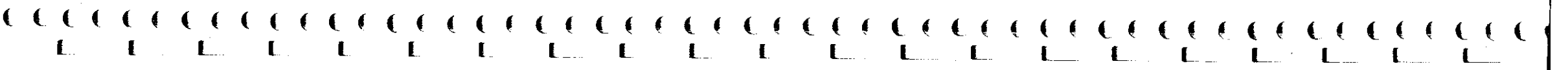
70



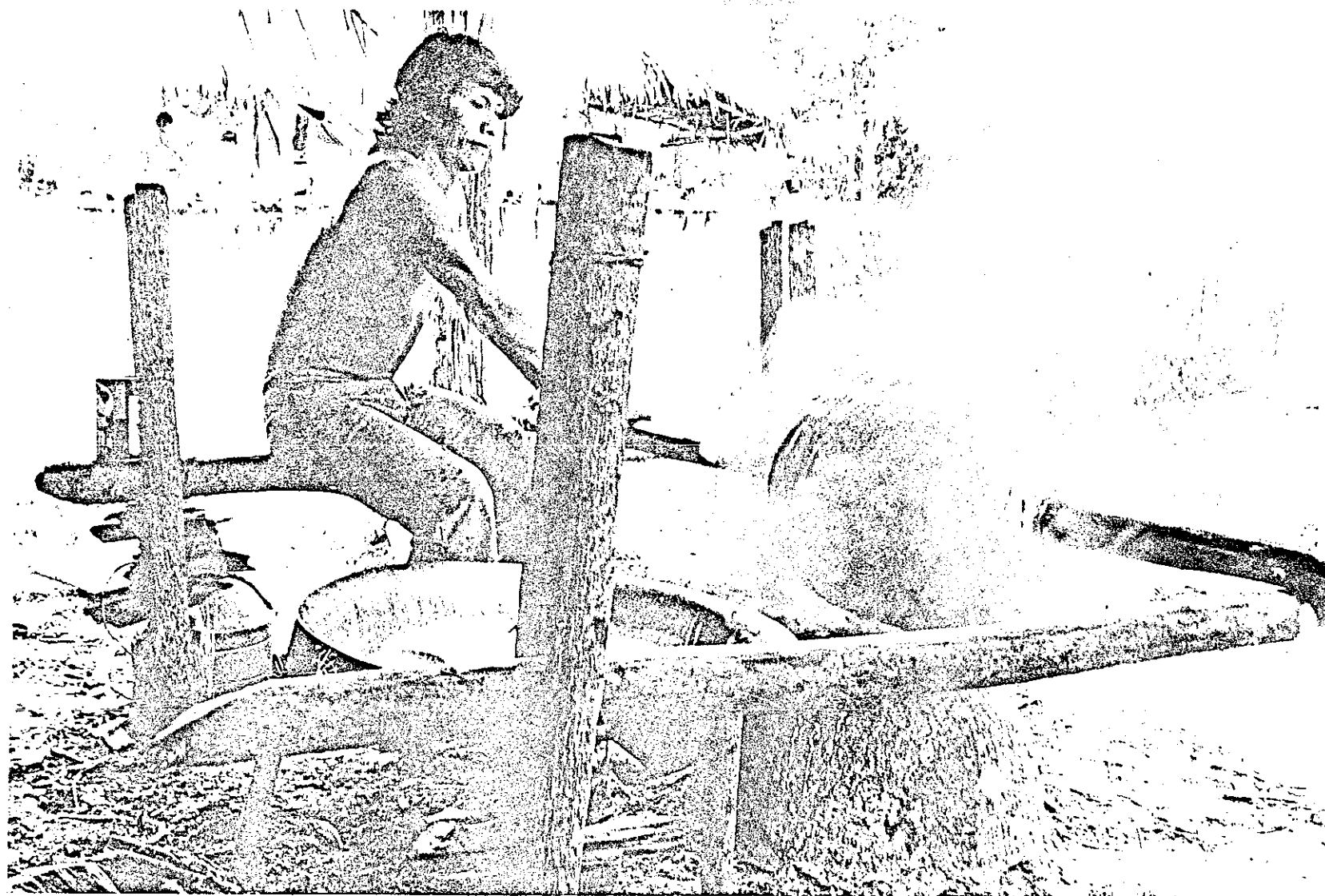
GR. DAKAA. NOVA / GR. CAS. A. DEUS / Jul 77

Trabalho

Defumação do latex para confecção de borracha



98

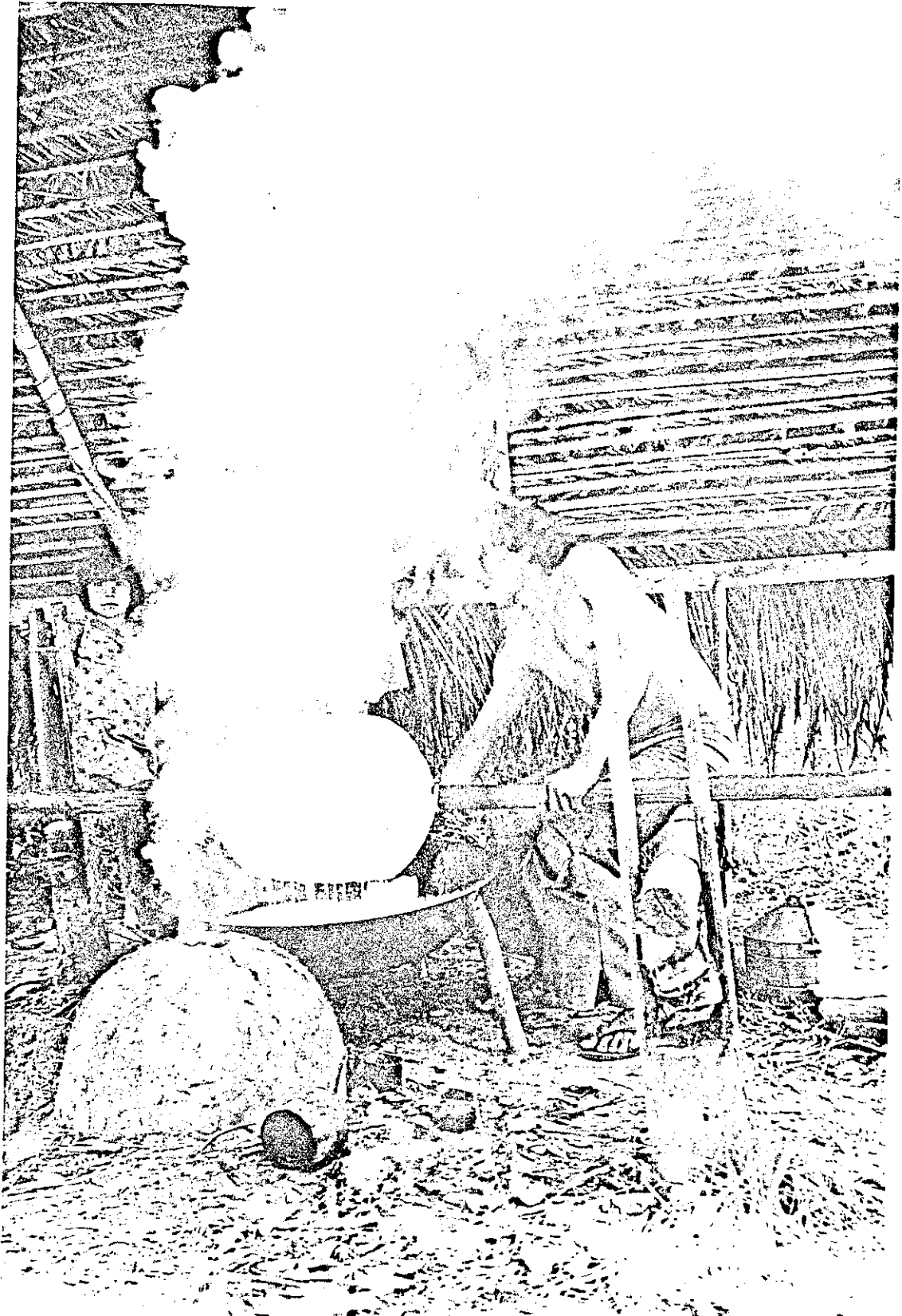


Confeção da borracha

PÁG. 144. N. 14 / GRACIAS A DEUS / JUL. 77

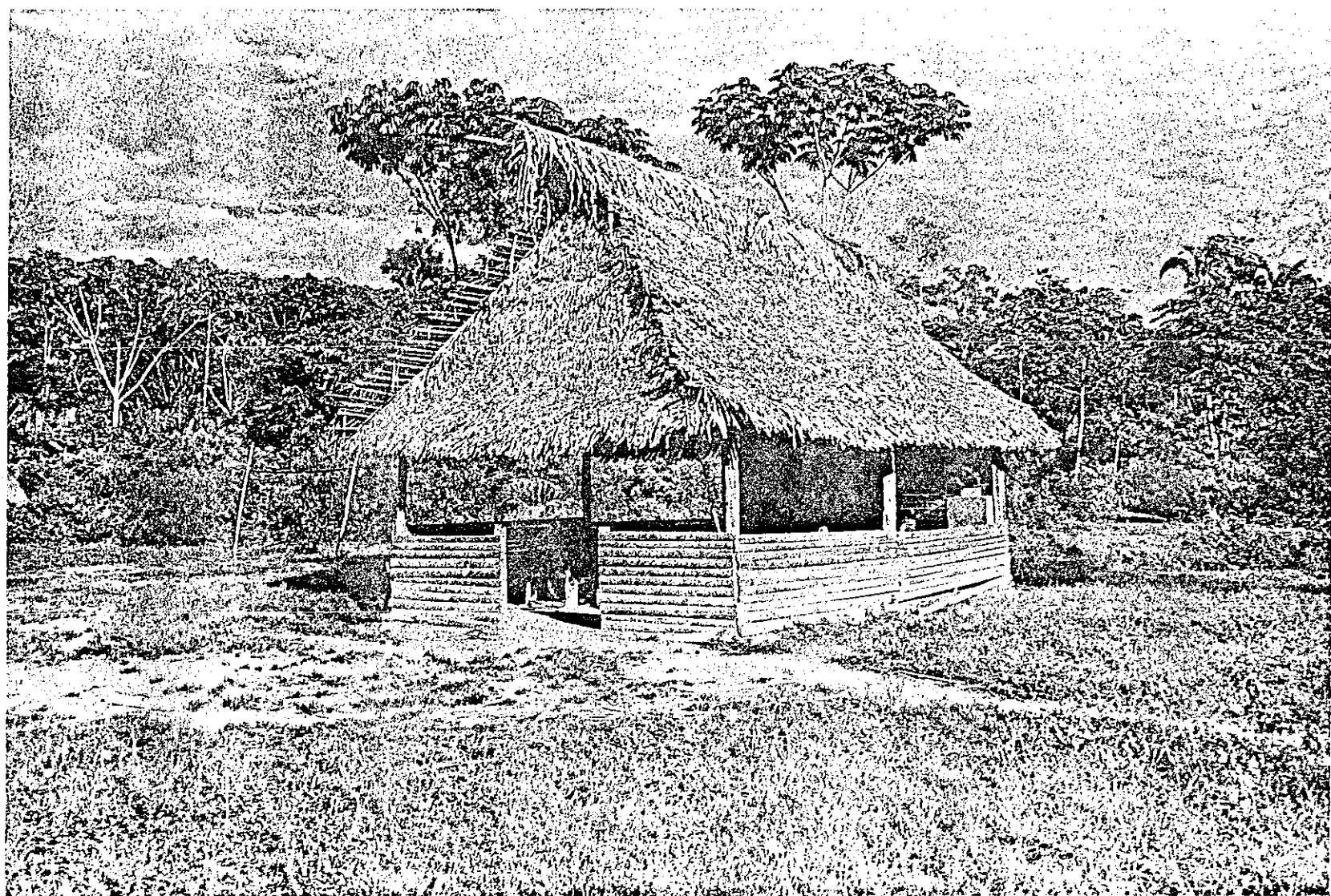
TRABALHADOR





PAKAA. NOVA (GRASAS ADEUS) / Jul 77 PADOUSO  
O leite é retirado da seringueira e depois defumado.

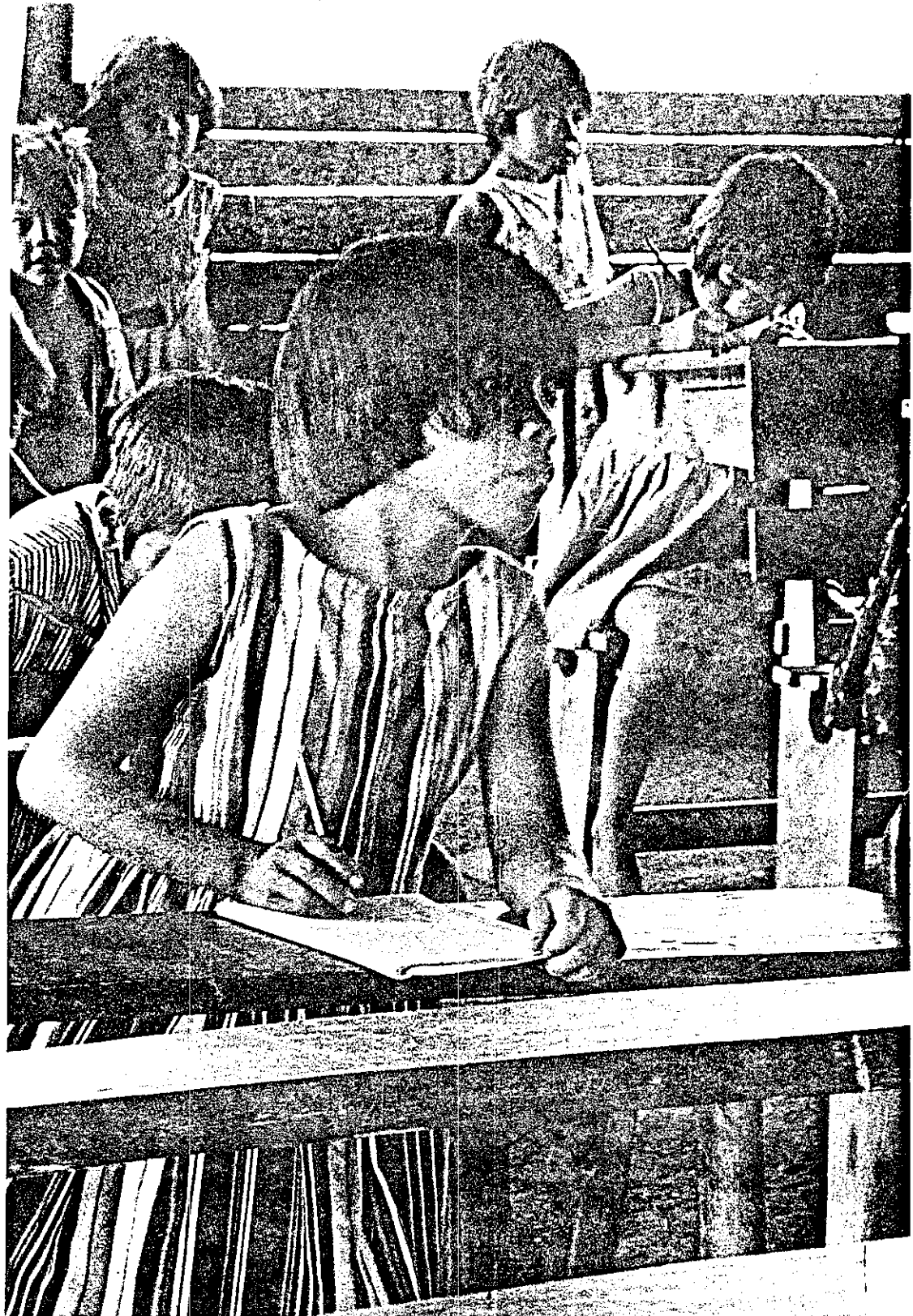
100



Aldeia abandonada. Esta escola da New Tribes, cujo livro oficial é a Bíblia, foi transferida para Tenajura.

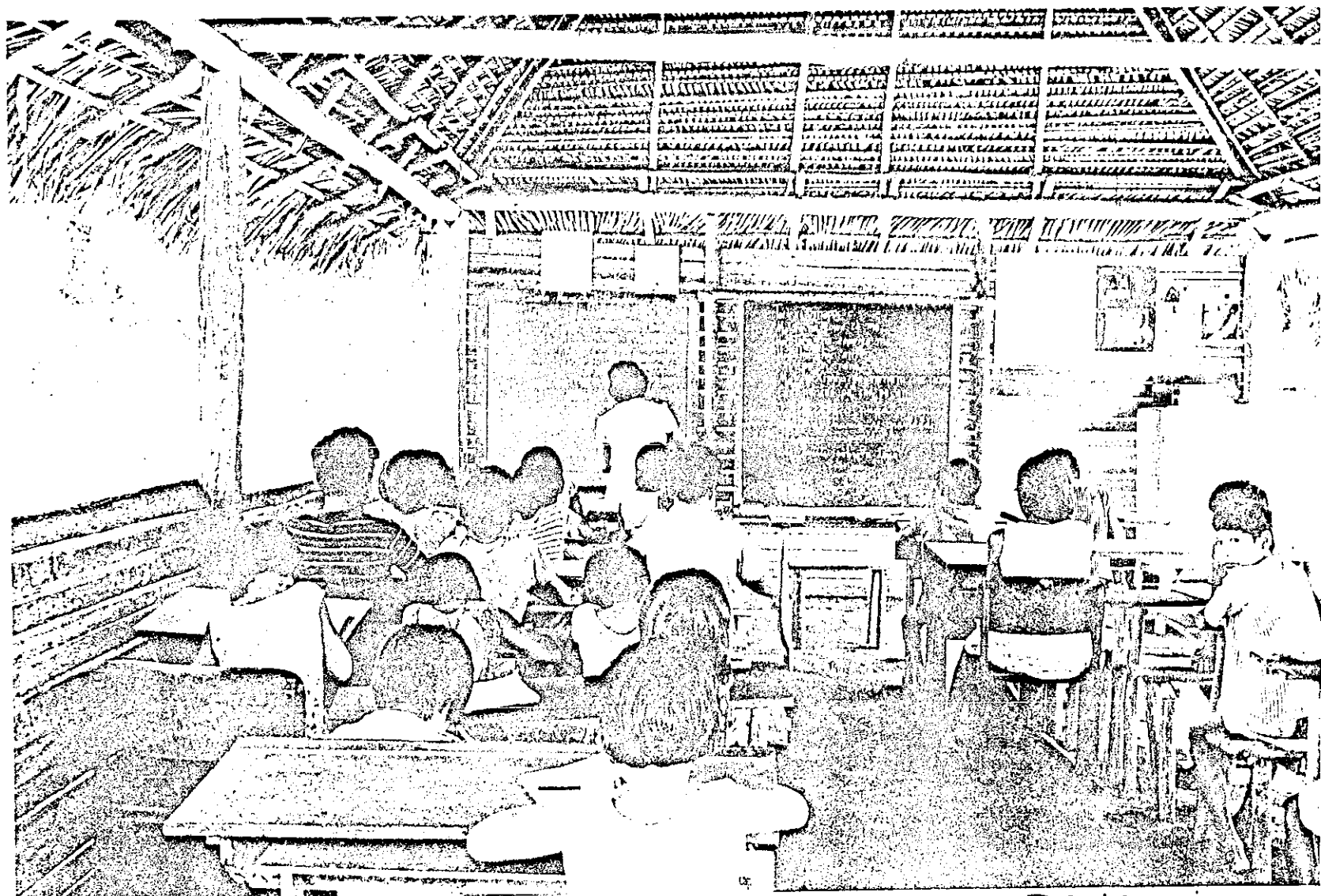
PARA: NOVA PITOP / ESCOLA / JUL 77

FRANCA



PARAA. NOVA (Pitop) Jul 77 TAPAJÓ  
Indios na sala. Educação dada pela New Tribes. Aldeia  
abandonada pela FUNAI.

1001



PAKAA'NOVA / Pitop / Escola da Missão, New Tribes

Paulo

Aldeia abandonada. Ensino bilingue. Deve-se notar o  
 desespero da New Tribes, ao ensinar a gravidade da  
 terra aos índios (vide lousa).



103

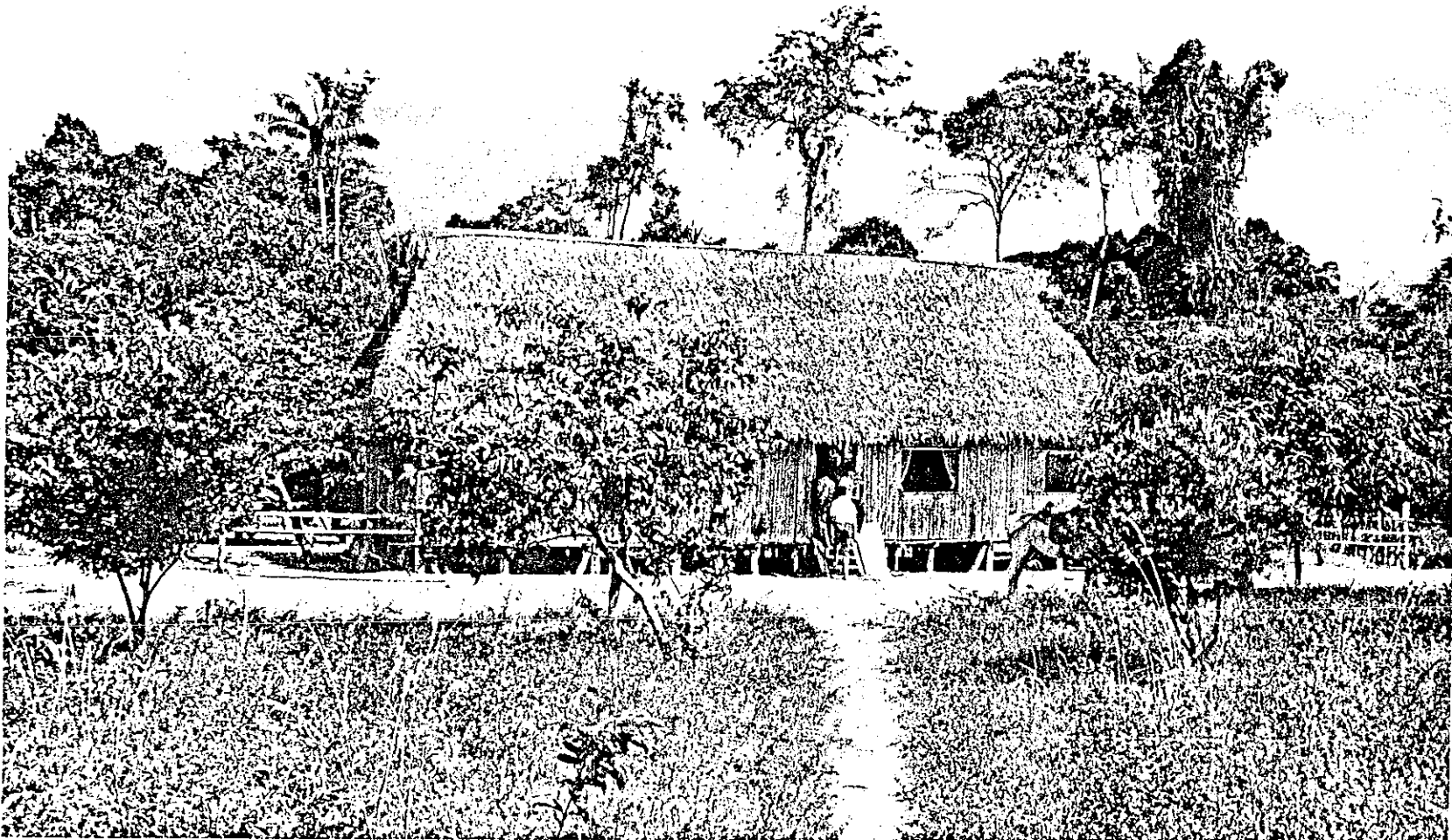


PAKAA: NOVA / Pitop / Id 77

PAKAA: NOVA

**Aldeia abandonada, note a caneta Bic e os cabelos penteados, classe preparada para foto, pelos missionários da New Tribes.**

107

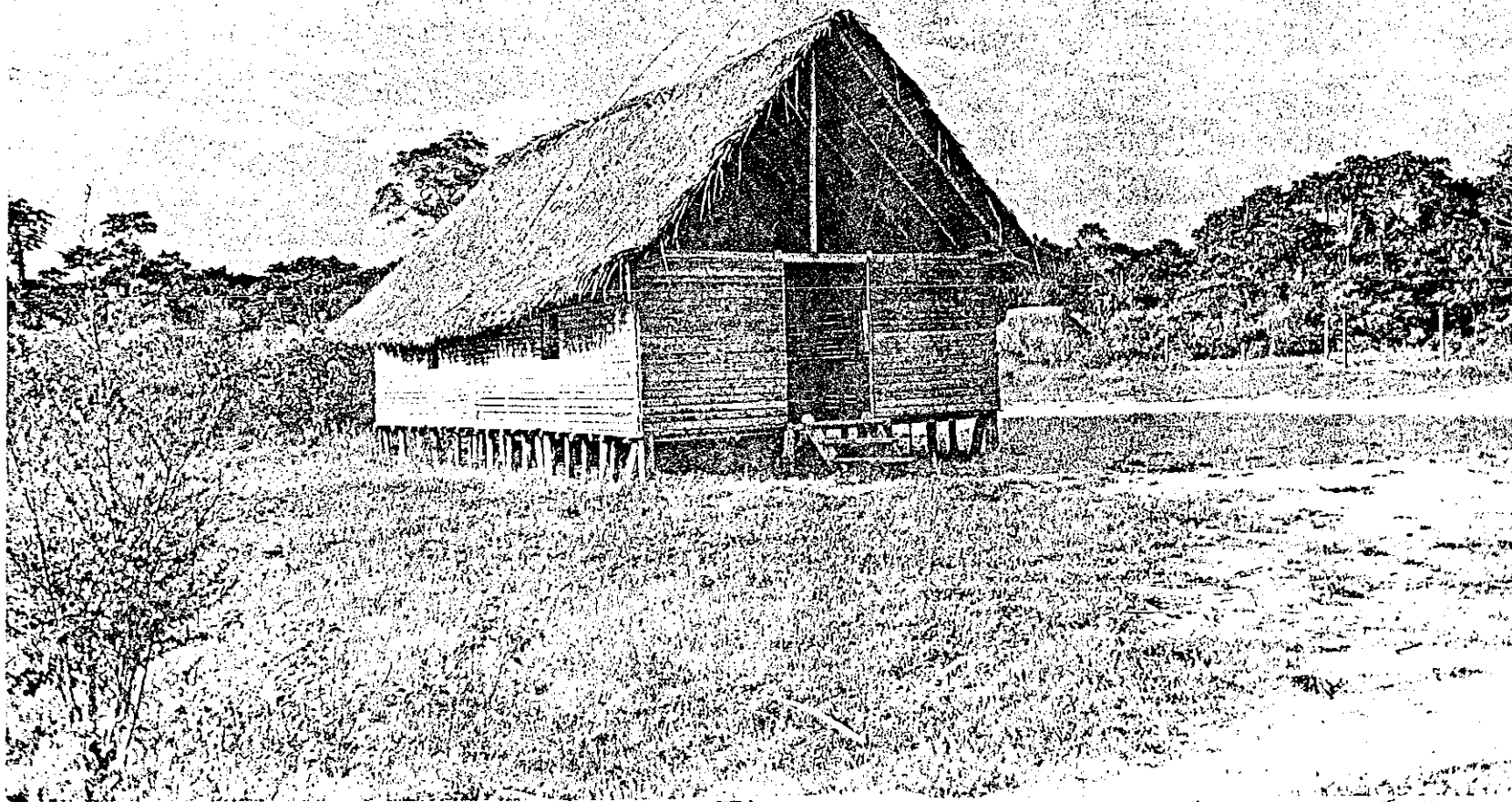


Aldela abandonada pelo FUNAI. Casa da Missão.

PAKAA' NOUN / PITOP / CASA DA MISSÃO 'NEW TRIBES' / JUL 77

TAPAJÓ GELMO

105

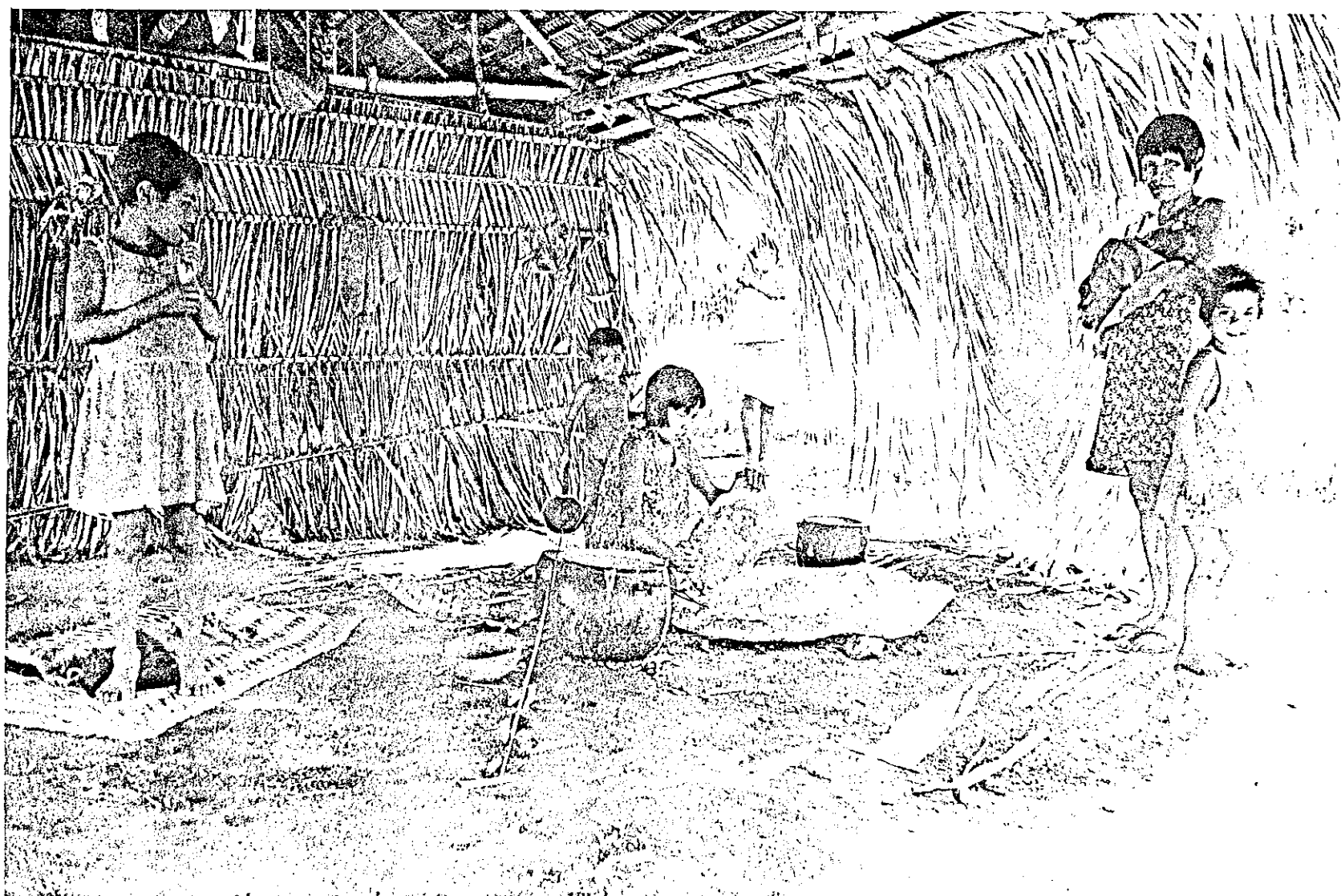


PARAA-NOVA / Pitop / Igreja de Missões NEW TRIBES / IUI 77

100306/100

Igreja no P.I. PAKAA-NOVA. É a única pois nos outros P.Is. o culto é ministrado na escola. Aldeia abandonada pela FUNAI.

106

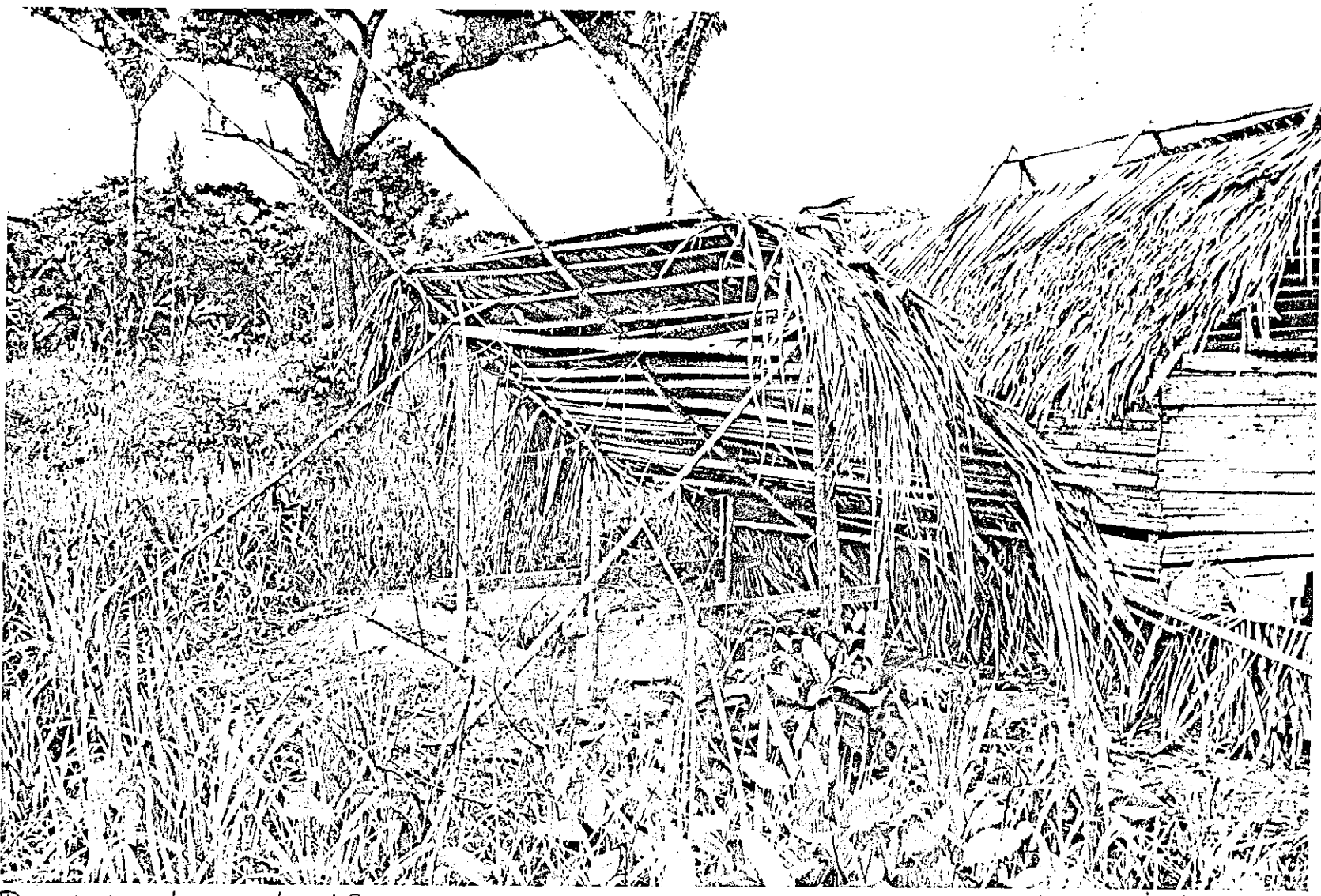


Interior de uma casa. Note a divisão a moda "civilizada"

PAKAA'UQUA / 15. CASE / Jul. 77

BRASILIA

701

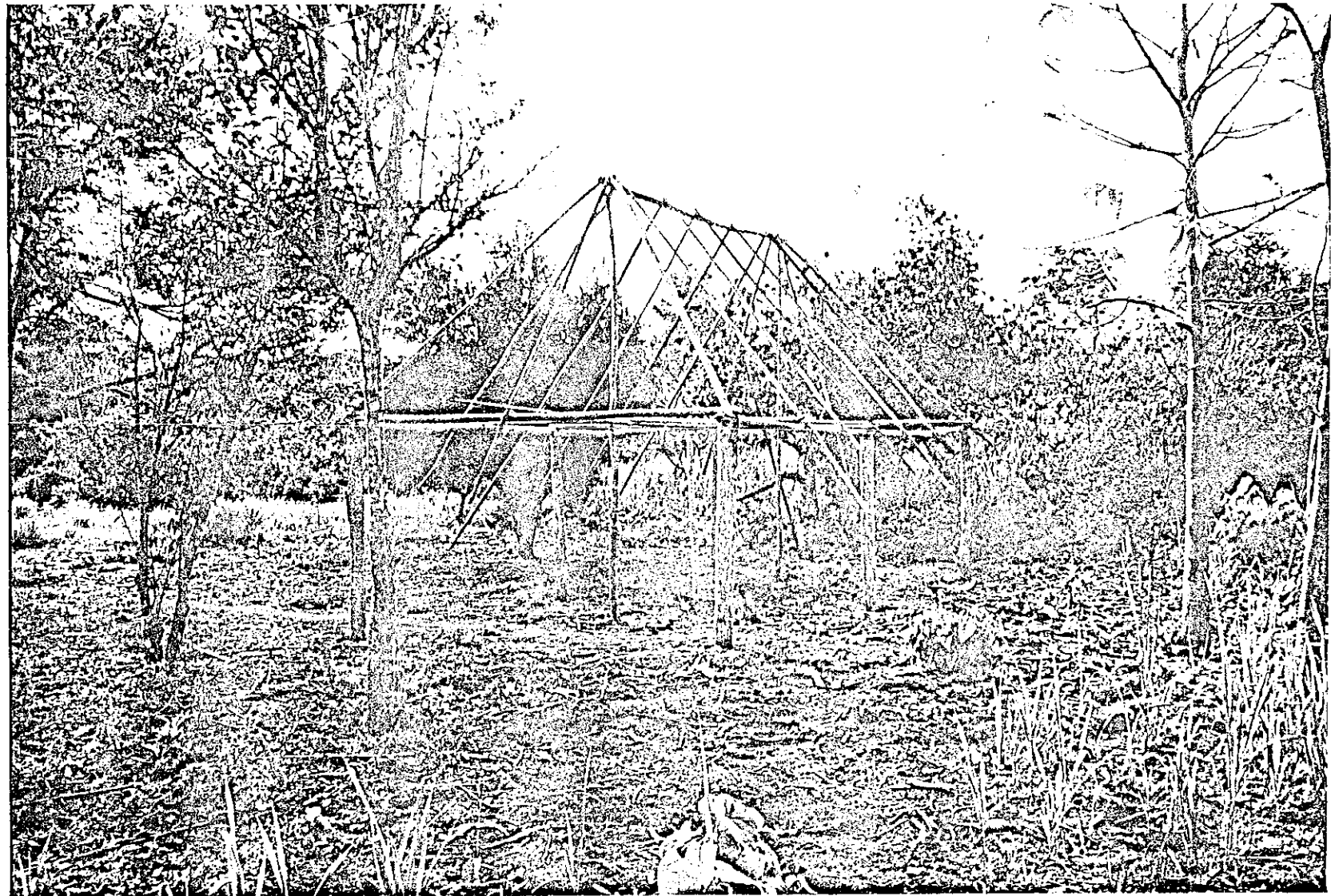


DARAI NOVA / PITOP / 51 77

TRONCADO

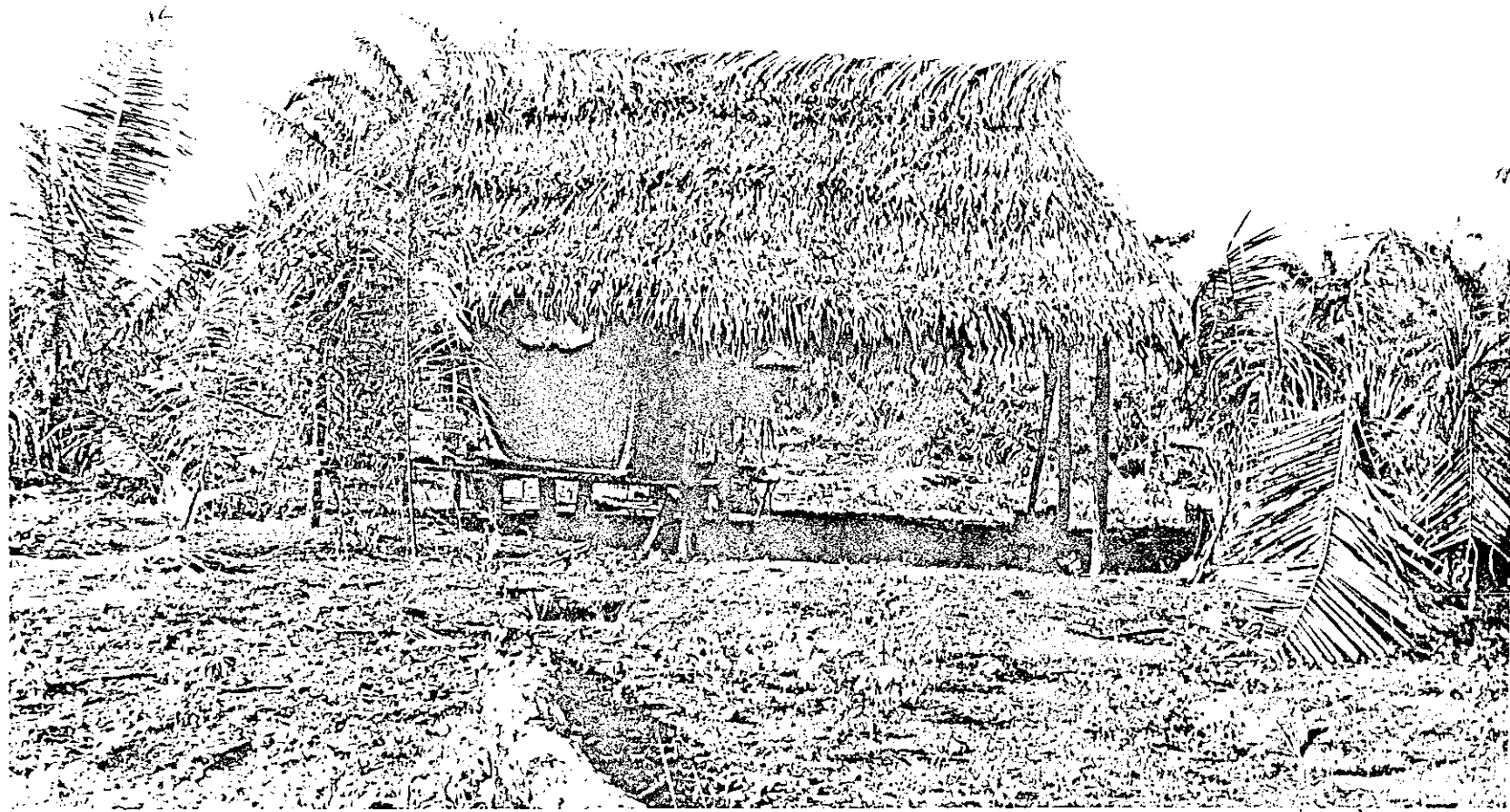
Rencho para defumação de borracha, uma só água, como suas casas na época de pacificação.

Esqueleto de casa PAKAA-NOVA. Não é utilizado prego, só amarração com tucum.



PAKAA-NOVA / K. LACE / JUL 77

PROJ. G. L. L.

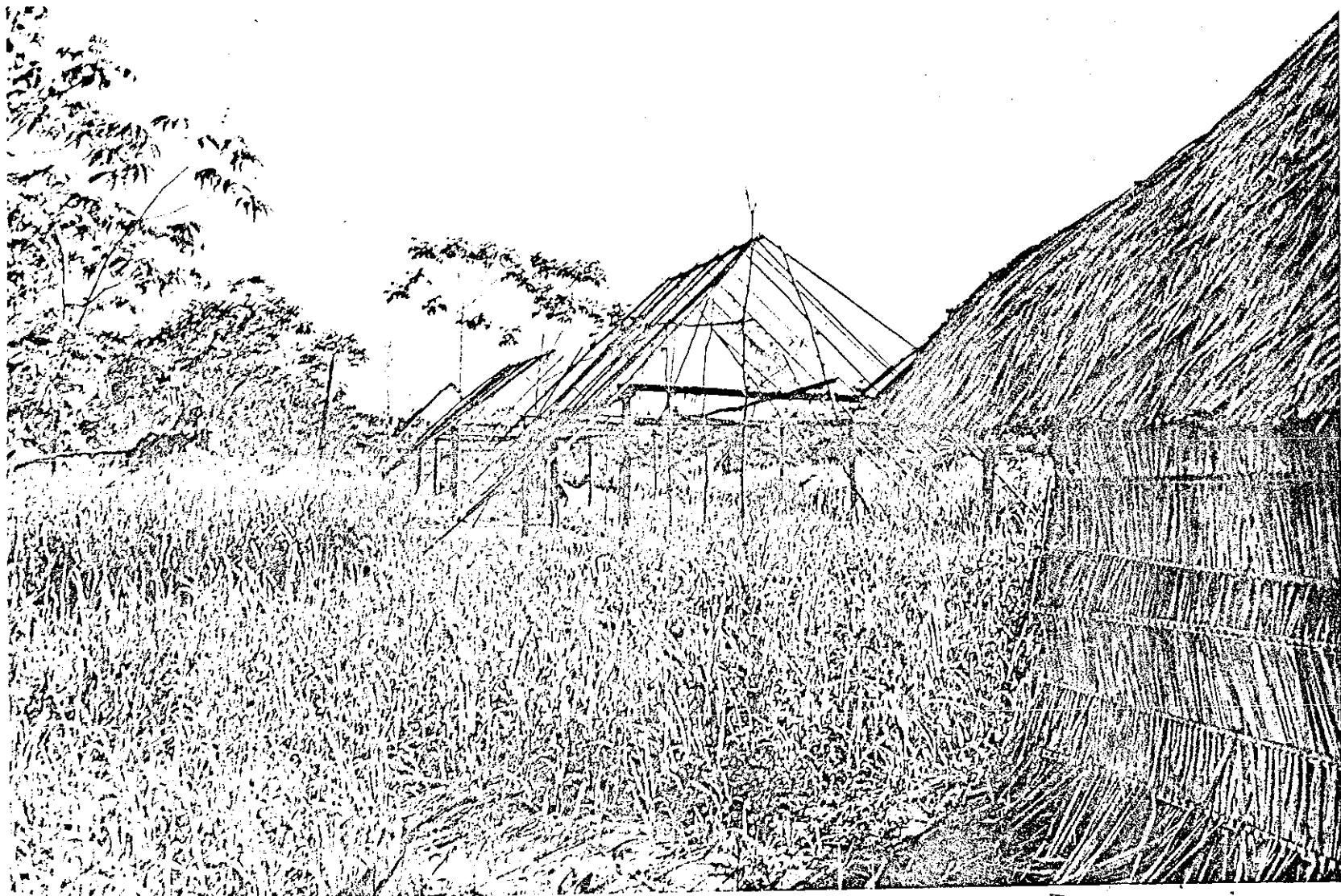


PAKAA-NOVA, PITOP / 1901-77

TRABUCCO

Aldeia abandonada pela FUNAI. Note o "quarto" acima do solo e a área coberta onde se faz o fogo e a comida.

011



PARANÁ-NOVA / RS. LAGE / JUN 77

RESERVA

Esqueleto de casa. Esta aldeia foi mudada em 1978 e provavelmente será mudada em 1980, por motivo de doença de malária.



111



TAKOÁ-NOUK - N.º. LOSE / JUL. 77

TAPASSINHO

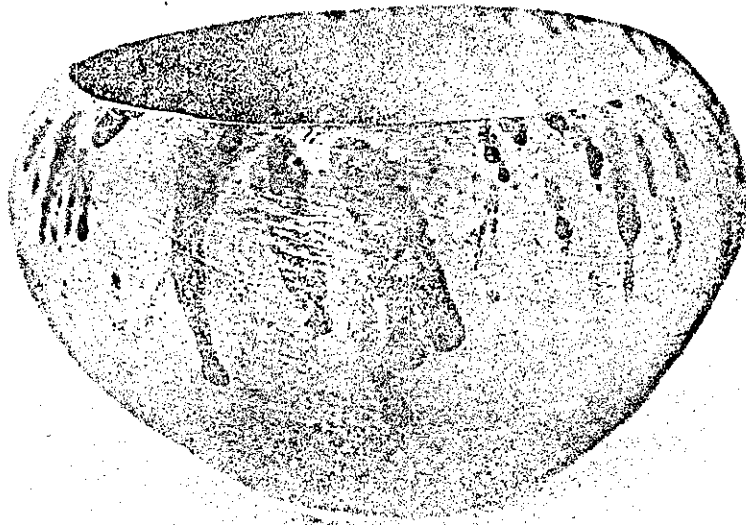
As canoas são feitas de um tronco só. Esculpe-se a canoa, cola-se fogo em baixo. Se alguém além do dono ver a canoa durante o período em que é colocado o fogo, ela se rachará ao contato com a água.



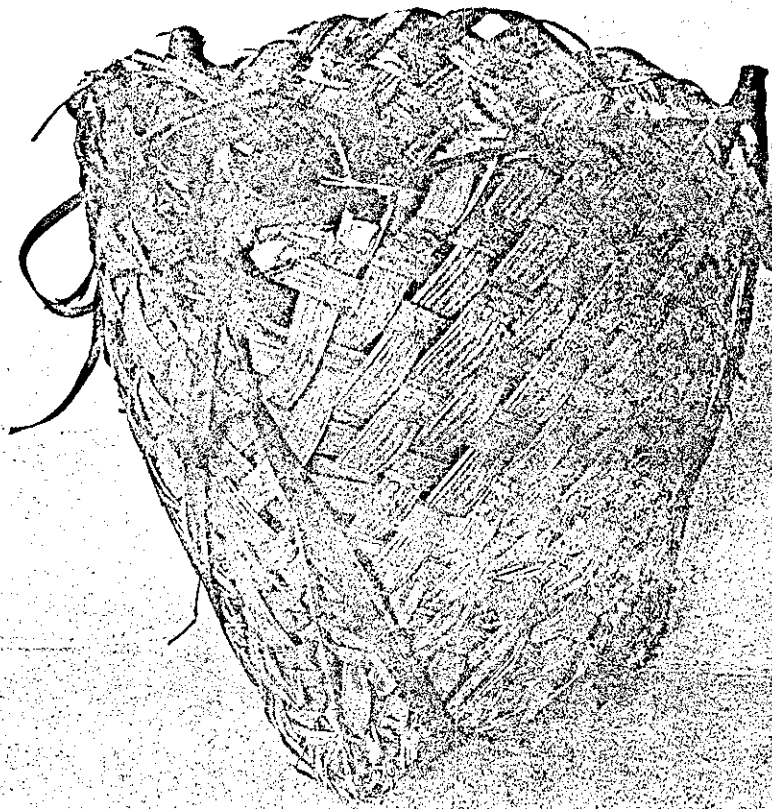
PARRA, ROSS / 14. LAGE / 5. 01. 77

PARRA, ROSS

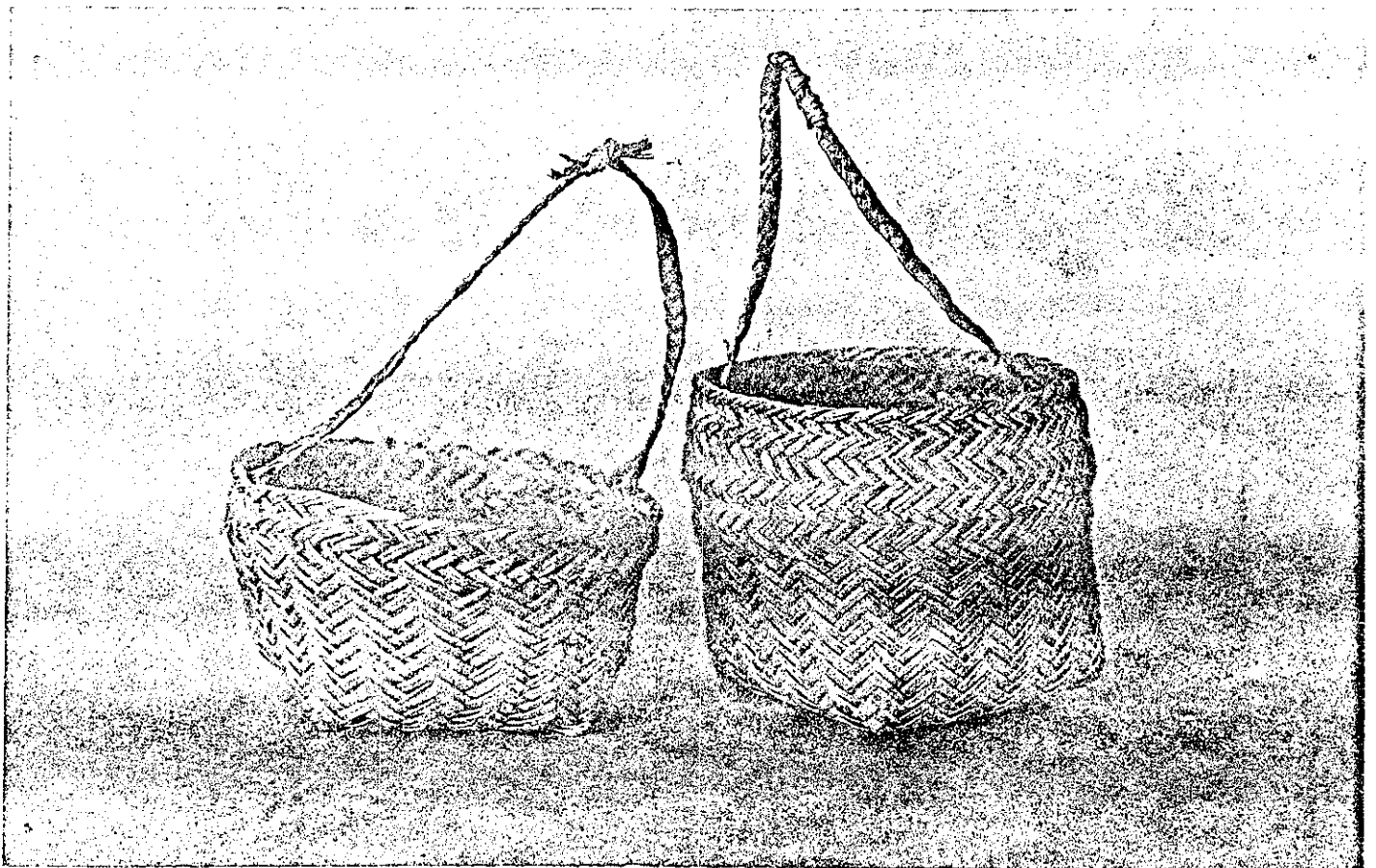
**Canoa PAXAA-NOVA. Note que ela não tem quilha, logo cada índio, rema de lado diferente.**



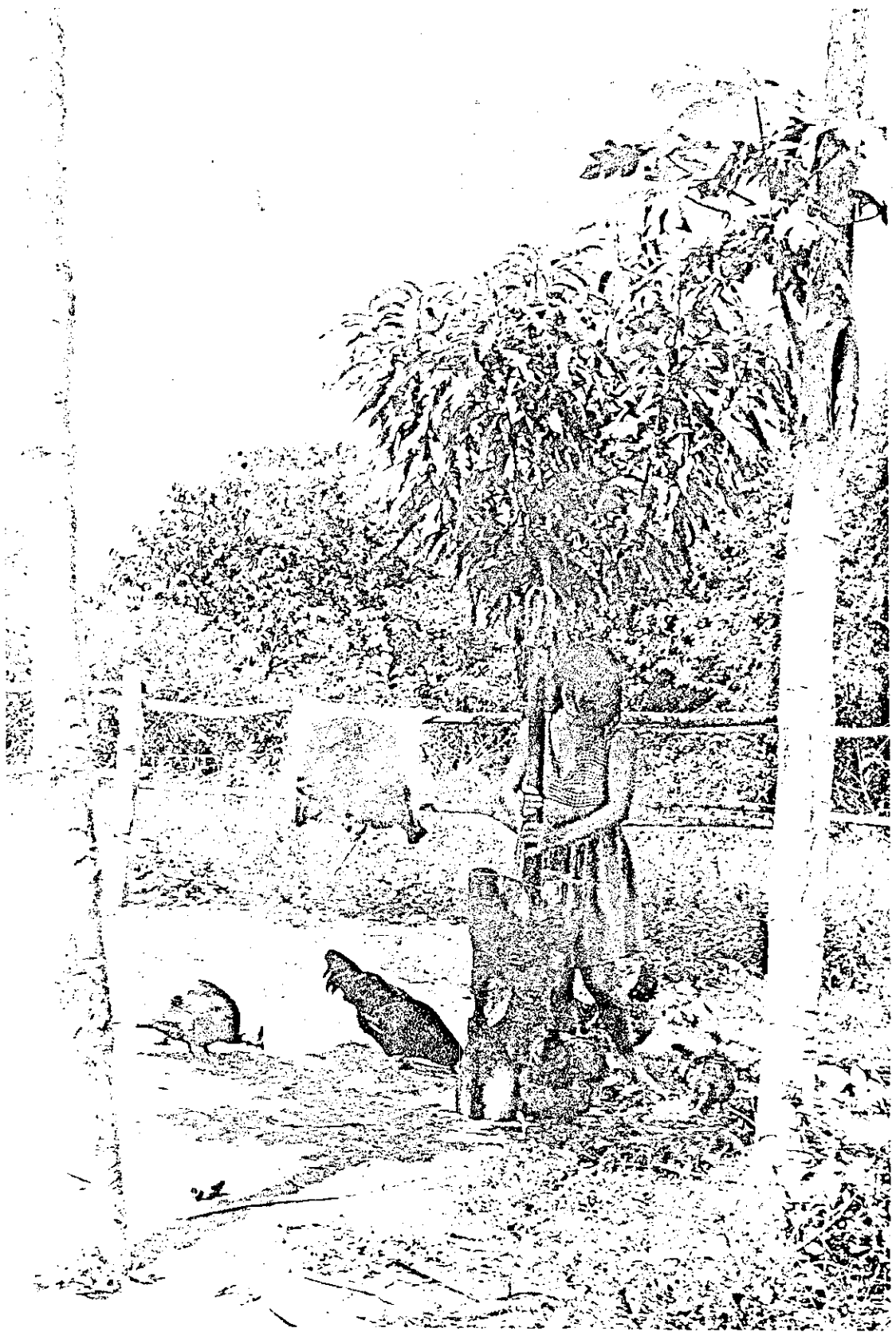
Panala de barro pouco utilizada pelos índios. Atualmente eles usam a de alumínio. Depois de modelarem o barro, colocam a panela de buço, cobrem de gravetos e põem fogo. O mesmo processo é utilizado para fazer o interior do tambor tuá.



"Coco" - cesto de urucuri, feito pelas mulheres e muito usado por elas. A mulher carrega o cesto, usando a tira de suporte, presa na testa e o coco é apoiado nas costas.



Cestaria - as crianças (meninas) fazem todo tipo de cestaria, porém de tamanho menor.



PAKAA-NOVA / Pitop / Jul 77

PAKAA-NOVA

Mulher socando pilão, na aldeia abandonada pela FUNAI.  
Hábito adquirido, pois os PAKAA-NOVA não conheciam o  
pilão.



INDIA: NOVA / K. LAGE / 1977

Foto: Augusto

Índia velha com tuberculose crônica, na fama<sup>©</sup>

417



Mulher amassando milho. A FUNAI introduziu um moedor e este trabalho que era exclusivo da mulher, passou a ser dos homens.

PARANÁ: NOVA / 16. LAGE / 20/77

PAGE GUSTAVO

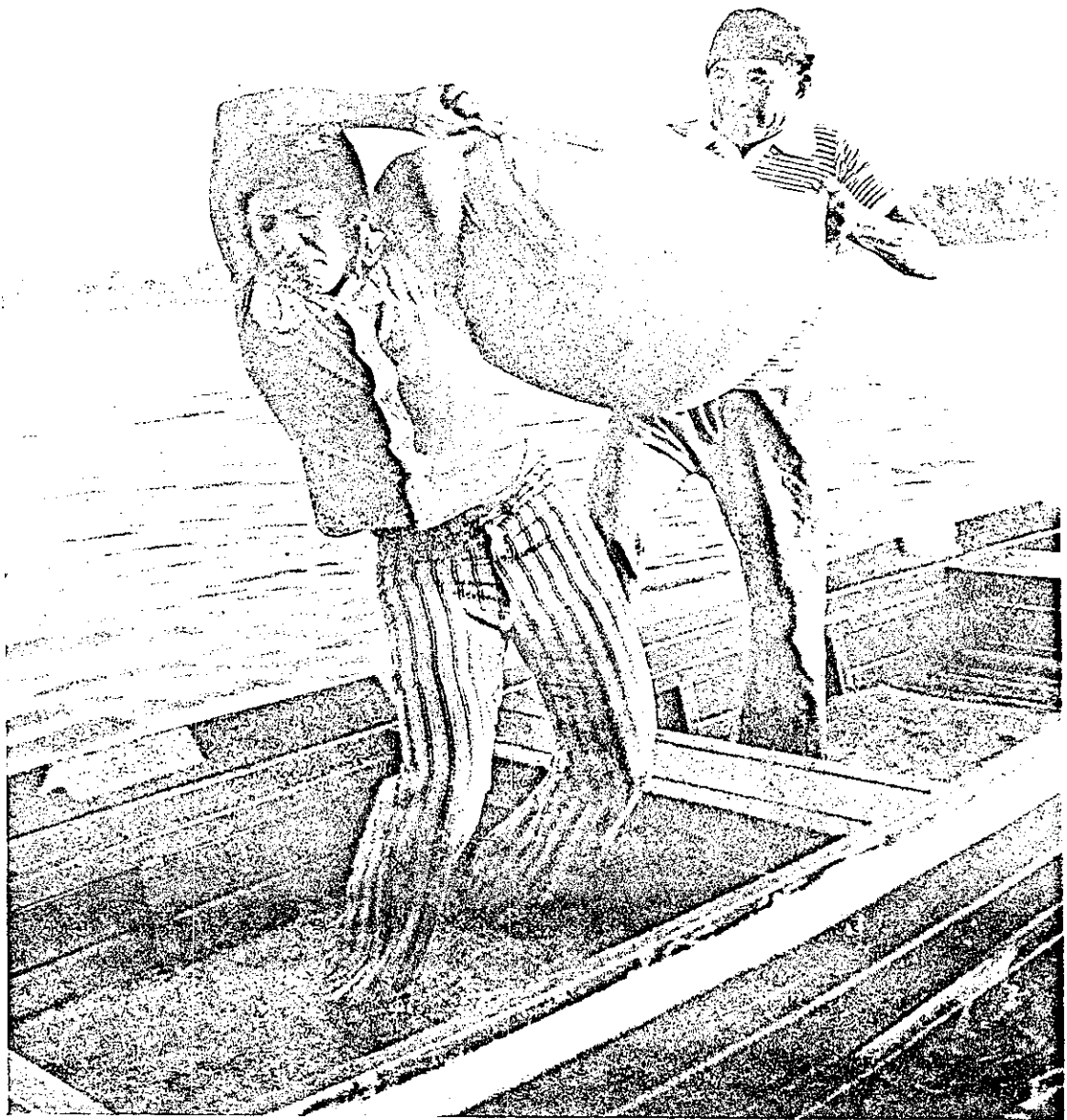


PAKAA-NOVAS / Macurapá dos / Jul 77

PAKAA-NOVAS

Homem fazendo anel, hábito adquirido de outros índios.  
Os PAKAA-NOVAS no contato não conheciam o anel de coquinho.  
Aculturação dos Macurap.





PARAA' NOVA / GUAJARÁ-MIRIM / Jul 77

FABRUGLIO

Índios trabalhando em Guajará-Mirim quando vão fazer tratamento de saúde na FUNAI.

021



PARANÁ - NOVA / cachoeirinhas / 130177

FRANCISCO

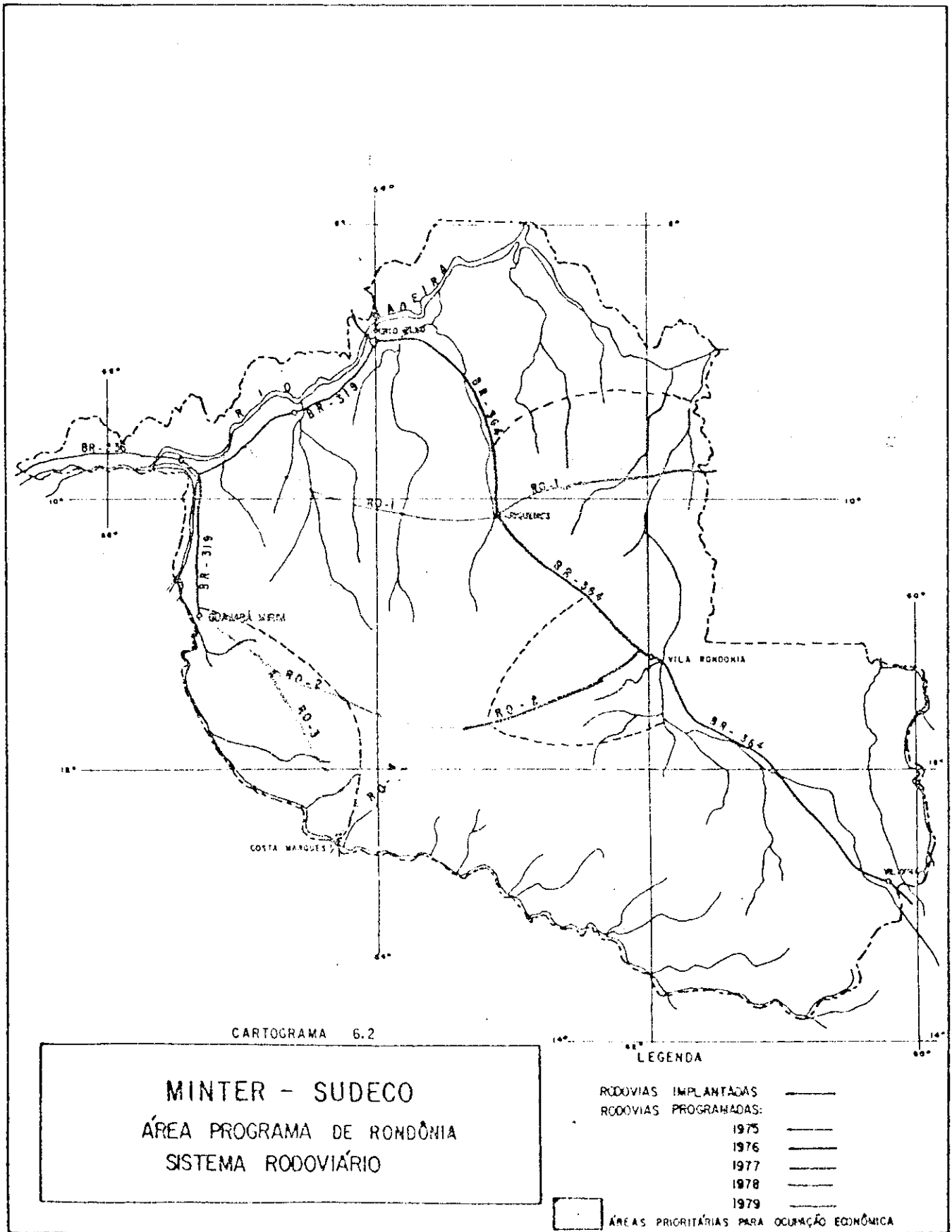
Indio tirando foto. É incrível a curiosidade demonstrada por eles, em relação aos nossos objetos. Possuem grande habilidade e facilidade para aprender.

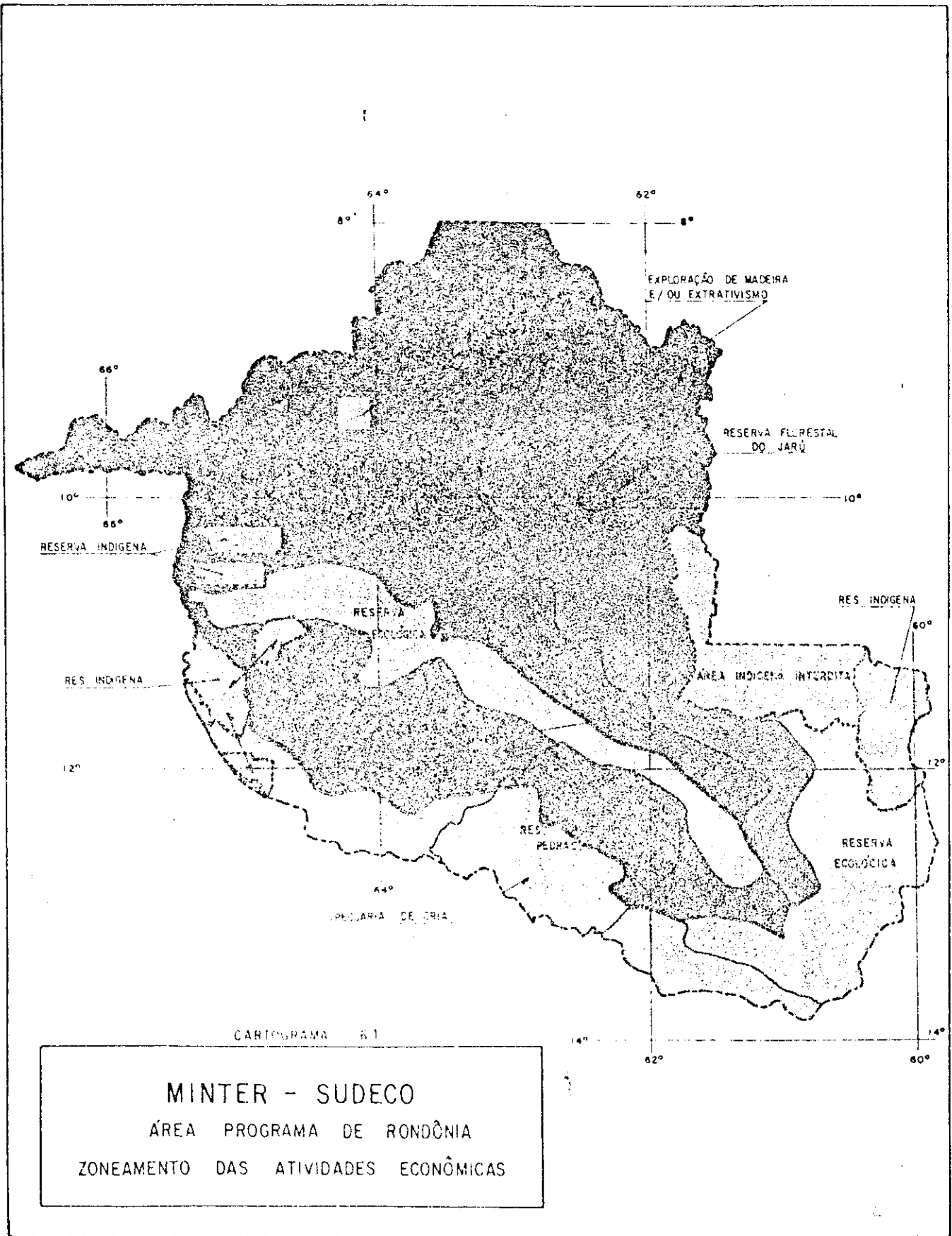
ESTADO CADE OS INDIOS?????

No II PND do centro -oeste na pag 82 (em anexo) nos mostra as reservas dos Pakaa Nova, duas folhas a seguir nos mostra as - áreas prioritárias para ocupação econômica pg 86 ( em anexo ) onde as reservas somem, nos leva a pensar que:

A situação da New Tribes oprimindo e sufocando os índios, com as mãos dadas a FUNAI, não será a toa?

O proprio processo educativo implantado aos índios, a criação de necessidades e o esmagamento de sua cultura, implantando-se já a ideologia de excedente, me faz suspeitar de um oportunista relachamento do Estado. Pois o índio aí,, poderá ser um atropelo para o " desenvolvimento" da Amazonia.





METRAUX

Metraux nos mostra o histórico dos Chapacura e suas localizações e número populacional.

Ele nos mostra que os Chapacura cultivavam a terra como os PAKAA. Infelizmente não sabemos se é a mesma técnica. A farinha de mandioca também, era feta pelos Chapacura. O pisar do milho, Chapacura, é igual ao dos PAKAA.

Como podemos ver no texto, a cultura dos Chapacura é "superior" dos PAKAA-NOVAS, principalmente dos Moré. Porém existe muita semelhança entre uma cultura e outra dentro dos Chapacura.

both sides of these shelters they made fires. My matero said that they make fire with flints and not with two sticks, but I am not yet sure of this.

Besides these shelters I found another type of house, that must have been temporary, probably used for weeks or even months. They were lower houses, shelter-type also. Once I saw two shelters leaning together at a right angle, forming a rather flat shack. It was so low, that not even these people, who are quite small, could stand up in it. Inside they had some pieces of logs to sit on and palmleaf-mats for sleeping. In this place there were several houses and shelters and a clearing begun. A bigger group must have stayed there for some time, perhaps intending to build a village and for some unknown reason they had moved on.

As far as I could make out, for there is one civilized Indian of this tribe, who was left behind in an attack, but who was then only about 8 years old, they are light-skinned with an oval face, but rather small, as can also be seen from their beds.

Because I had only three people with me and we had no more food — and one cannot do much hunting near a wild tribe like that — this time I had to return. I left them many presents in the deserted village, because trails and tracks showed that they passed there frequently. They were in fact around us. We sometimes heard their signals at night and found imprints of their feet just a day or two old. They did not come out, but they did not attack either. Once I saw two of them disappearing through the forest. But I shall return there now with more food and more people and hope to make friends with them next time.

## A EXPEDIÇÃO DE P. H. FAWCETT A TRIBO DOS MAXUBI EM 1914

por

FRANZ CASPAR

Em 1915 foi publicado no "Geographical Journal" de Londres um breve relato sobre as explorações que o major inglês, mais tarde elevado a coronel, P. H. Fawcett realizou na América do Sul, intitulado "Bolivian Exploration, 1913-1914". Esse artigo começa por um breve relato sobre trabalhos de medição levados a cabo por Fawcett, encarregado do Governo Boliviano, em vários rios do nordeste da Bolívia.

Logo em seguida, Fawcett narra novas descobertas que ele fizera numa região que, conforme ele próprio afirma, nunca fôra pisada por um civilizado, morto ou vivo. No seu relatório o autor não especificou de que região se tratava, sem dúvida com o fito de impedir que o fruto de seus esforços fôsse colhido por outros, nem mencionou o nome da tribo que aí encontrara e na qual ele e os seus dois companheiros passaram alguns dias, depois de viajarem durante semanas numa canoa e atravessarem a pé a mata virgem.

É verdade, porém, que Nordenskiöld (1) menciona essas descobertas e revela até mesmo o nome dessa tribo que Fawcett pessoalmente lhe confiara: os *Mashubi*, indicando o Rio Mequens como o lugar onde eles habitavam. Além disso, no "Millionth Map" da "American Geographical Society" estão discriminados também, além

(1) Nordenskiöld, Erland: Forschungen und Abenteuer in Südamerika, p. 332. - Stuttgart 1924.

105

Acervo  
MISA  
McTraax, The Native  
of Eastern Bolivia and  
from Matto Grosso. Smith-  
sonian Institution, Bureau of Ame-  
rican Ethnology, Bulletin 134.  
Washington, 1942.

CHAPAKURAN TRIBES OF THE GUAPORÉ RIVER BASIN

TRIBAL DIVISIONS AND HISTORY

The *Chapakuran* linguistic family included the following tribes: *Chapakura*, *Kitemoka*, *Rokorona*, *Itenes* or *Moré*, *Huanyam*, *Kumana*, *Turá*, *Arara*, and *Arikéme*.

In 1794, the Governor of the Province of Mojos, Miguel Zamora, formed the new Mission of Nuestra Señora del Carmen with a group of 185 wild Indians who were taken from the forests of the upper Rio Blanco and settled in their new home together with 205 Christian *Bauré*. The *Bauré* converts, who actively helped to round up and transfer these Indians, called them *Guarayos*, a general term given by civilized Indians and mestizoes to all independent and warlike Indians. These *Guarayos* or, as they were also called, *Cormelitas*, were later designated as *Chapakura* by the local authorities. A powerful *Tapacura* nation had existed in the seventeenth century in the region from which these Indians came. The name *Tapacura* occurs in most accounts listing the native tribes of the Province of Mojos. There are frequent references to these *Tapacura* in the several relations of Gonzalo de Solís Holguín's journey. They were neighbors of the *Toro* (*Mojo*), were friendly to the Spaniards, and 100 of them took part in the ill-fated Mojos expedition. When Gonzalo de Solís Holguín entered the Province of the *Tapacura* he was accompanied by a priest, Father Gerónimo de Villarnao, who was most anxious to convert the *Tapacura*, because another priest Father Ortiz had already worked among them (Maurtua, 1906, vol. 9, pp. 193-194). Some *Tapacura* Indians were yanacona, that is to say, serfs of the Spaniards. From these statements, it appears clearly that European contacts with these Indians go as far back as the beginning of the seventeenth century. The *Tapacuraca* Indians of the Mission of Concepción de Chiquitos, were probably the same as the *Tapacura* (the ending *-ca* is nothing else but the plural suffix in *Chiquitoan*), though Hervás (1800, p. 157) lists them among the *Chiquitoan* tribes.<sup>15</sup> The *Chapakura* from the upper Rio Blanco, taken to the Mission of Carmen, spoke the same language as the *Kitemoka* and *Napeka* Indians of the Mission of Concepción de Chiquitos.

<sup>15</sup> Lucas Caballero (1933, p. 18), discoverer and missionary to the *Manasi*, describes that nation as composed of *Tapacura* and *Quimomeca* Indians "who were a single nation, with the same language and customs differing only in a few words." He adds that all his information on the *Manasi* came from Indians of these two tribes. In the rest of his account, he always has in mind both the *Tapacura* and the *Quimomeca*. Were these *chiquitoan* "Tapacura" the same as the *Chapakura* who were taken to the mission of El Carmen? The question cannot be answered categorically though the habitat of our *Chapakura* coincides more or less with that of the *Tapacura*. We must suppose that the Jesuits were misinformed when they classified the *Tapacura* among the *Chiquito*. Ekuiluz regarded the *Tapacura* as *Mojo* Indians ("que son de la lengua moza").

The original home of the *Chapakura* (*Tapacura*, *Huachi*, *Guarayos*) was the middle and upper course of the Rio Blanco (*Bauré*), around Lake Chitiopa, and north of Concepción de Chiquitos. The *Kitemoka* and *Napeka* were two subtribes who had been persuaded by the Jesuits to settle with the *Chiquito* and other tribes in the Mission of Concepción de Chiquitos. In 1831 *Chapakura* and *Kitemoka* numbered together about 1,350 individuals.

The Indians whom D'Orbigny called *Itenes* or *Ité* were those with whom Heinrich Snethlage established friendly contact in 1935 and to whom he restored the ancient name *Moré* (in eighteenth century *Muri*). These Indians applied to themselves the name *Itorcauhip*, but they were known among the mestizoes and civilized Indians as *Guarayos*. The *Moré* lived in the large triangle formed by the Mamoré and the Guaporé Rivers and on the Machupo, Itonama, and Blanco (*Bauré*) Rivers above their confluence with the Guaporé River, in an area delimited by 13° and 12° S. lat. and 63° and 64° W. long. On the Mamoré River, the *Moré* reached the vicinity of the Mission of Exaltación. In 1884 a few families had crossed to the left side of that river, where they joined the *Chakobo* and *Sinabo* groups.

In the eighteenth century a great many *Moré* resided in the missions of San Simón, San Judas, and San Miguel, which were later destroyed. The 4,000 Indians of the Mission of San Miguel, near the junction of the Guaporé with the Blanco (*Bauré*) River, were mainly *Moré* (Gonsalves da Fonseca, 1826, p. 108). Some of the Indians of the Mission of Santa Rosa del Itenes, destroyed in 1742, were *Moré* Indians.

The *Huanyam* (*Abitona-Huanyam*, or *Pacumwa*) had their villages on the San Miguel River, a right tributary of the Guaporé River. In 1914 they numbered about 300. The *Kumana* were on the right side of the Guaporé River, near the ancient fort Principe da Beira.

The Indians living at the foot of the Serrania de San Simón, and often called *San Simonianos*, were the *Chapakuran*-speaking Indians who, in the eighteenth century, were concentrated in the missions near the San Simón River, a tributary of the Blanco (*Bauré*) River. The *Rokorona* or *Rotokona*, of the Mission of Santa Rosa, were one of their tribes. There were two isolated groups of *Chapakuran*-speaking Indians, one (*Moré* and *Ocorono*) in the Mission of San Ignacio, on the Tijamuchi River, a left tributary of the Mamoré River, and the other (*Herisabokono*) in the Mission of San Borja, near the headwaters of the Rapulo River, also a tributary of the Mamoré

126



River.<sup>17</sup> The presence of these *Chapakuran* enclaves in *Mojo* territory can be explained by the shifting of tribes which took place when the Jesuits concentrated the Indians in their missions,

Snethlage estimates the number of the modern *Moré* or *Itenes* to be between 3,000 and 5,000.

SUBSISTENCE

*Farming.*—All the *Chapakuran*-speaking Indians were agriculturists. The *Moré* opened their clearings during the dry season and burned the felled trees after the first rains. They set as many as three yuca cuttings in holes dug with hard sticks and fertilized with a deep layer of ashes. Between the yuca they sowed maize and planted several varieties of sweetpotatoes and yams. Cotton and rucu shrubs and banana trees were scattered over the fields and pineapples were planted along paths. Women helped weed and harvest the crops, but men did most of the work of farming. Men even carried the harvested crops home. Each family owned and tilled a field which nominally belonged to the family head. As fields continuously yielded one crop or another, there were only short periods of scarcity. Food was stored in holes dug beneath the huts. The *Huanyam* cultivated cara, maize, sweet manioc, sweet-potatoes, cotton, bananas, papayas, gourds, rucu, and tobacco, but lacked peanuts and cayenne pepper. Banana trees were planted around the huts.

*Collecting wild foods.*—Wild plant foods included Brazil nuts, which were almost a staple, mangaba, wild cacao, and fruits of various palms. The *Huanyam* relied greatly on turtle eggs. When gathering wild foods, the *Moré* lived in small triangular shelters.

*Hunting.*—The most important game was the wild pig; deer meat was taboo to both the *Moré* and *Huanyam*. The *Moré* shot waterfowl from beehivelike shelters built on the flooded pampas and constructed so that they could be entered only by diving.

*Fishing.*—Fish were shot with bows and arrows, caught in conical baskets placed in palm-leaf dams, or drugged with a poisonous creeper.

*Food preparation.*—The staple food was sweet manioc. Manioc tubers were peeled with a bamboo-splinter knife, washed, and grated on the thorny roots of the *Pawiuba* palm. The mass was boiled, care-

fully skimmed with a plaited spoon, strained through a mat of thin sticks, and roasted on a fire pan. Manioc flour was either consumed at once or kept in a bark-cloth bag. Wafers of manioc or maize flour were roasted in a pan; manioc buns were baked in the ashes. Starchy manioc juice was boiled repeatedly and drunk cold. Maize was pounded in a wooden trough with an oval stone or a heavy wooden grinder. Game and fish were broiled on a pyramidal babracot.

*Pets.*—Like all tropical Indians, the *Huanyam* and *Moré* kept many pets, especially birds, for which they made small cages. The *Moré* plucked their tame ara to obtain feathers for arrows.

VILLAGES AND HOUSES

*Moré* and *Horecauhip* houses were generally located near plantations. These were either large single lean-tos, 15 feet (4.5 m.) to 40 feet (12 m.) high, covered with imbricated motacu palm leaves, the open side often being covered with a sun screen of *Astrocaryum* leaves, or were double lean-tos joined to form a gable roof. *Huanyam* huts clearly developed from joining two simple lean-tos together. The *Kumana* had an oval house with a door at each end.

The *Moré* and *Huanyam* took refuge from mosquitoes in small cabins tightly thatched with patchu leaves. The *Moré* also built small shelters to be used as workshops and as men's clubs. Temporary shelters erected in the forest consisted of a few palm leaves placed horizontally on three perpendicular poles.

Hammocks were usually manufactured of cotton threads, but a few were made of wild fibers. To hang them, a loop was attached to a post and passed over a stick that ran through each end of the hammock. Hammocks were commonly used as seats. *Moré* wooden benches were mainly ceremonial accessories.

DRESS AND ADORNMENTS

The *Huanyam* and *Moré* men's dress was the long bark-cloth shirt, which, however, was often discarded if it interfered with bodily movement or if there were risk of its being damaged by water. *Moré* and *Huanyam* women wore the same garment although *Huanyam* women often were completely naked. When a *Moré* woman had to go without her shirt, she wore a bark-cloth skirt. Women's tunics were shorter and plainer than those of men. Over the shirt, a *Huanyam* man wore a bark-cloth jacket that was open in front. *Moré* and *Huanyam* shirts were generally dyed with rucu; those of the *Moré* also were decorated with painted bark-cloth bands sewn or glued together. Married men among the *Moré* wore outside their shirts a belt of bark cloth adorned with various geometrical patterns.

<sup>17</sup> According to the Jesuit missionaries of the eighteenth century, the *Ocorona* language was spoken in the missions of Sao Ignacio, San Martin, and Santa Rosa. Hervas (1800, p. 250) classifies the following languages in a single linguistic family: *Ocorona* or *Orocotona*, *Rocotona*, and *Herlaobuona*, but the missionaries distinguished the *Ocorona* from the *Rocorona*. Brinton and Créqui-Montfort and Rivet identify the *Rocorona* language, which is a *Chapakuran* dialect, with the *Ocorona*, *Rocorona*, *Rotakona*, etc. Chamberlain (1913, p. 238) is not convinced by Créqui-Montfort's and Rivet's hypothesis.

127-

*Huanyam* men tied up the foreskin of the penis with a cotton thread and tucked it under a string belt.

*Moré* men and women and *Huanyam* women tied plaited cotton ligatures around the fleshy parts of their limbs.

Both sexes among the *Moré* had small holes in their lower lips into which they inserted resin spikes, wooden sticks, feathers, small grass blades, or *Astrocaryum* thorns.

Adult *Huanyam* women thrust large conical quartz labrets in their lower lips and smaller ones in the upper lips; girls used only resin spikes as labrets.

Both sexes among the *Moré* passed a stick through the nasal septum to prevent disease from entering their bodies. Among the *Huanyam* and the *Moré* everyone wore sticks or feathers in his pierced ear lobes. A typical *Huanyam* ornament was a fiber band with long hanging fringes, attached around each bicep. *Huanyam* women wore around the upper arm a bracelet of seeds with triangular shell pendants.

*Huanyam* and *Moré* festive attire included feather headdresses, monkey- or sloth-skin caps (*Huanyam*), bark-cloth frontlets, feather bracelets, ear sticks trimmed with feathers, and *Astrocaryum* or feather rings (*Moré*). Necklaces were made of seeds and of animal teeth.

Men and women parted their hair in the middle and clipped it at shoulder level, but *Itorcauhip* men sometimes tied it up in a topknot with a bark-cloth band. Combs were of the composite type. Both sexes plucked all the hair from their bodies, eyebrows, and even eyelashes. They believed that eyelashes impaired the vision.

The *Huanyam* skillfully painted their bodies with black and red stripes, frets, reticulated surfaces, dots, zigzags, and other geometric designs. The *Moré* rubbed tucum oil mixed with rucu on their bodies and hair and painted black oblique cross-hatching on their legs.

#### TRANSPORTATION

*Moré* dugouts were as much as 33 feet (10 m.) long and were propelled with narrow paddles which lacked a knob or crutch on the handle. Formerly, the *Huanyam* had bark canoes.

Babies were carried in a bark sling.

#### MANUFACTURES

*Bark cloth.*—For bark cloth, the *Moré* used several species of trees, including the bibosi (*Ficus* sp.), each yielding bark of a different color. The outer bark was discarded. The inner bark was beaten with the edge of a flat wooden mallet (the mallet of the *Kumana* was round) to detach it from the wooden layer; then it was cut

to proper size. Patches of bark were hammered on a smooth log, wrung thoroughly, dried, and sewn together. Men were their own and their wives' tailors. Decorative effects were achieved with strips or patches of different colors glued or sewn together with cotton threads. Sewing needles were of bone or of *Astrocaryum* wood.

*Cordage and weaving.*—The *Moré*, although they had no direct contacts with Whites, carded cotton with small bows, a device generally attributed to European influence. Thin cotton threads were made with drop spindles of the modern Andean type, which had a fruit or a wooden disk for a whorl and a small hook at the proximal end. Thicker strings or ropes were manufactured by the roll method: Cotton was first twisted by hand, then attached to the toes and twisted again by means of a spindle rolled up and down the left thigh. The threads had to be spun several times before they were ready for use.

Bands to be worn around the upper arms and legs (by the *Huanyam* and *Moré*) were woven on a small loom formed by lashing two transverse cross bars to a frame made of a forked branch. The warp was wound around the two cross bars. The final pattern of the fabric was obtained by crossing the warp threads with wooden splinters which were removed as the weft was passed in to hold the warp threads in place. Hammocks were made by wrapping the warp around two vertical posts and by passing across a twined weft at set intervals.

*Pottery.*—Pots were made of a dark clay mixed with the ashes of a kind of sponge that floats in flooded forests. The sponges contained calcium spiculae that gave unusual strength to the clay. Vessels were coiled, then scraped with shells and polished with pebbles. After the clay had hardened, the pot was dried before a screen of patohu leaves behind which a fire burned. The dried pot was then covered with logs and fired in the open. *Moré* and *Itorcauhip* pots were blackish and only rarely were decorated with painted geometric designs; many of these pots had "ears." Large jars tapered to a point, which was stuck into the sandy ground.

*Basketry.*—Basketry, which included mats, sieves, fire fans, knapsacks, and rectangular baskets, was woman's industry. *Moré* men wove only the temporary bags for carrying wild fruit or game. The *Kumana* wrapped strips of bark around their carrying baskets to make them waterproof.

*Tools.*—The *Huanyam* and *Moré* carved wood with agouti incisors hafted to a stick, with piranha teeth, or with bird bones. Holes were pierced with bone awls.

*Weapons.*—The *Moré* bow was made of strong palm wood; it was long and had a convex cross section. One end was partly reinforced

with a decorative wrapping of bark strips or cotton threads of various colors in which feathers might be inserted. The bowstring was of cotton or, occasionally, of palm fibers.

*Moré* and *Huanyam* arrows had large lanceolate bamboo heads, sometimes artistically jagged along the edges. The *Moré* drew conventionalized serpent designs on such heads. The *Huanyam* and *Moré* commonly attached splinters of human bone to the wooden shaft either as points or as barbs. Since *Huanyam* arrows were poisoned with curare, their points were kept covered with a bamboo sheath to prevent accidents. *Moré* bird arrows were made of reed, the root end of which formed a bulging head. *Kumana* arrows were tipped with a tapir tooth inserted into a lump of wax. Fish arrows had from one to three points. Among the *Moré*, arrow feathers were sewn, i. e., the bisected feathers were held by threads passing through holes pierced in the reed shaft. *Huanyam* arrow feathering was either sewn or of the Arara type: two halved feathers were fastened to the shaft by narrow, closely spaced wrappings of thread. Some *Moré* arrows had three or even four feathers, which the Indians believed increased their speed. In order to recognize their arrows, the *Moré* marked them with spots of color or wrappings of feather quills. A few *Moré* arrows had a hollow nut near the tip which produced a whistling sound when shot. For the release, an arrow was held between the index and the third finger. A strip of bark cloth protected the wrists of *Moré* archers.

The *Huanyam* hunted with bamboo blow guns about 6 feet (2 m.) in length. Blowgun darts usually were made of thin palm splinters and were kept in a quiver which consisted of a section of bamboo tube enclosed in a palm spathe. They were poisoned with curare.

*Fire*.—The *Moré* produced fire by twirling a long stick between the palms of the hands. Cotton or bark cloth was used as tinder. Plaited fire fans were rectangular in all tribes except the *Kumana*, who made them hexagonal. For torches, pieces of bark were dipped in wax.

SOCIAL ORGANIZATION

The only chiefs were family heads, who had little authority.

LIFE CYCLE

Although infant mortality among the *Moré* was high, families with two or three children were common.

Each *Kumana* received several names.

*Puberty*.—When a *Huanyam* girl came of age, the shaman, assisted by other men, who prevented her from moving, pierced her upper and lower lips. Her mother or maternal aunt then thrust a large

labret in one hole and a small labret in the other hole. It was considered immodest for a grown woman to be seen without her lip ornaments.

*Adulthood*.—In *Huanyam* settlements the disproportion between the sexes was so great that married women were permitted to have extramarital intercourse. The *Moré* were, as a rule, monogamous; only one man was observed to have two wives, and of these one had been a widow.

*Huanyam* parents and children-in-law turned their faces away when speaking to each other; the same avoidance existed between cross-cousins.

*Death*.—The *Moré* did not inter their dead, but covered them with a conical heap of leaves and grass, then destroyed the property of the deceased. The bones were later collected in baskets covered with lids and were kept in the houses. Women in mourning painted their backs black. The *Kumana* buried their dead in a circular grave over which they sometimes built a roof.

When death approached, a *Huanyam* distributed his possessions among his heirs. After he had breathed his last, his past deeds were celebrated in a chant. He then was wrapped in his hammock and buried outside the house in a circular grave surrounded by a high fence.

ESTHETIC AND RECREATIONAL ACTIVITIES

*Art*.—Belts and bark-cloth frontlets were decorated with various geometric figures, a favorite design being a sinuous line called "serpent." Certain other patterns also had animal names. Designs were often produced with a primitive stamp made of bamboo or with sticks. The *Huanyam* engraved figures, some of which were very realistic, on trees.

*Games*.—Children's games included: Target shooting with miniature arrows tipped with wax; tops; blowing into twisted blades of grass to make funny noises; whirling a buzzer made of a clay disk on a string; throwing a shuttlecock made of maize leaves into the air and catching it on the palm of the hand; wrestling; and racing. Children also played with small figurines of people, animals, or plants that adults carved of wood or made of clay or wax. Many of these figures were so conventionalized as to be unrecognizable.

*Dances*.—The *Moré* and *Huanyam* danced with a ceremonial club wrapped with cotton threads and decorated with bunches of feathers. *Moré* men danced in small groups, holding each other's hands and walking to the rhythm of songs, the words of which were changed continually. Women accompanied these songs, but did not dance. *Kumana* and *Huanyam* men and women danced in a circle or walked back and forth.

129

*Music and musical instruments.*—The *Moré* were conspicuous for their great variety of musical instruments. Drums were a slit palm spathe beaten with a stick. The taran, used only for a special child dance, was a calabash which was slid up a stick, then allowed to drop so as to produce a thud when it hit the lower and thicker part of the stick. The friction idiophone was a calabash with a semicircular opening which emitted sounds when the wax-coated edges of the slit were rubbed with the wet palm of the hand. Gourd rattles often had one side patched with a fragment of calabash to modify their resonance. On most of these rattles the handle passed through the gourd, but the *Moré* often lashed the gourd to the end of the handle. *Kumana* shamans used a tubular rattle made of a joint of bamboo. The musical bow was played by using the mouth as a resonator and striking the two strings with a bamboo splinter.

Ordinary trumpets were tubes either of simple bamboo or of light wood. The *Abitana-Huanyam* had globular clay trumpets. Some *Huanyam* trumpets had a bell modeled of wax and affixed to a long tube of human bone. The *Huanyam* also had a trumpet with a wide bamboo resonator, a slender bamboo tube, and a separate mouthpiece.

The *Moré* made music by blowing into reed tubes that were longitudinally slit, or into clarinet mouthpieces provided with a vibrating tongue.

Transverse flutes without stops were very common; sometimes both ends, sometimes only one end of the tube was closed. Several notes were obtained by opening or closing the open end with the hand. If both ends were open they were alternately opened and closed with the fingers.

Some end flutes were simple tubes with or without notches around the mouth; others, more complex, had three stops, a sound orifice, and a wax deflector near the proximal end.

Panpipes were exceptional in their number of tubes, some having as many as 20. The pipes were either held together by winding a cotton thread around them (simple ligature) or were bound between two sticks (*Vaupés* ligature). The *Moré* tied long and short whistles together, thus making an aberrant type of panpipe.

When a group of Indians made music, each person played for himself without heeding his fellow musicians.

*Alcoholic beverages.*—The *Chapakura* prepared beer by fermenting sweet manioc juice with chewed manioc flour.

SHAMANISM

*Kumana* shamans claimed to be able to climb to the sky on an arrow chain made by shooting each arrow into the butt of the one

previously shot. Upon reaching the sky the shamans were welcomed by Namakon, the lord of the sky.

Sick people were treated by rubbing their bodies with medical plants, by blowing on the ailing regions, and by making gestures as if some obnoxious substance were being driven away. Scarifications were made with snake fangs attached to a wooden handle.

When effecting a cure, a *Huanyam* shaman induced a trance by smoking a great many cigarettes that contained a fine powder and resin fragments. His treatment consisted mainly of blowing smoke on the patient.

MYTHOLOGY AND LEARNING

Aijimo, the first *Kumana*, had a wife called Zaré and a son called Kumana. They were driven by the *Tapoaya* from a mountainous region and arrived at a large river (the Guaporé), but were driven from its banks by the *Moré*. They settled on the spurs of the Serra do Norte, on the headwaters of the San Domingues River. Zaré was finally killed and eaten by her husband, or, according to another version of the story, by her mother-in-law.

The *Kumana* believed the rainbow to be a celestial serpent who, when people looked at him, became angry and threw stones at them.

REFERENCES

Burela (1912, p. 455), Cardús (1886, pp. 287-288), Chamberlain (1912), Créquel-Montfort and Rivet (1913 a), Gonsalves da Fonseca (1826, p. 193 ff.), Haseman (1912), Nordenskiöld (1924 a, pp. 243-252; 1924 b), D'Orbigny (1839, vol. 2, pp. 217-223, 258-261), Smetshlage (1937, pp. 1-98; 1939).

GUARAYÚ AND PAUSERNA

TRIBAL DIVISIONS AND HISTORY

The *Guarayú* and *Pauserna* (*Itatin?*, *Carabere*, *Araibayba*, *Moterequoa*) belonged to the same tribe, but became distinct groups when the ancestors of modern *Guarayú* consented to live in missions. The precise former habitat of these Indians is not known. They probably lived mainly along the Upper San Miguel (Itonama) River and between it and the Blanco River, that is, between approximately 16° and 15° S. lat. and 63° and 64° W. long. The whole *Guarayú* nation was later distributed among five missions: Yotaú, Ascension, Urubichá, Yaguarú, and San Paulo.

The *Pauserna* (*Guarayú-tá*) were established on the left side of the upper Guaporé River, where the pao cerne tree is abundant; hence the name *Pauserna*. Formerly they were very numerous, reaching the banks of the lower Paragua River and its tributaries. In 1935, only two groups of *Pauserna* remained, one at Bella Vista and the other on the lower Paragua River, which together hardly numbered

130

"THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY COMPANY"

Dizem que a construção da Madeira-Mamoré, custou a vida de um homem por cada dormente, e que cada quilometro teria seu peso em ouro.

A idéia de colocar um anexo sobre a Madeira-Mamoré no trabalho, foi devido que muito pouco sabemos sobre a história da construção desta estrada de ferro. Os arquivos estão trancafiados no Exército em Porto Velho e poucas pessoas tiveram acesso a ele. Uma delas foi Vitor Hugo, por isto o grande valor do anexo e também para termos uma noção da realidade da colonização da Rondônia é preciso conhecer a história desde o seu começo.

Porém a importância da Madeira-Mamoré em referencia aos PAKAA-NOVAS é que fomos informados em 1974 que os índios atacavam a ferrovia. O interessante é que os índios nos contaram que atacavam a locomotiva do trem, tentando matar o "monstro". Logo em uma curva os índios atacavam em pequeno grupo, o restante ficava mais adiante esperando o trem parar para ver os estragos. Aí os PAKAA-NOVAS faziam o seu ataque final.

A fim de amedrontar os índios, a Mamoré Railway eletrificou os trilhos.

Essas informações foram colhidas porém nao confirmadas nos arquivos da Madeira-Mamoré, esperamos fazer isto.

## NOVA ERA DE UM PÔRTO VELHO

“THE MADEIRA-MAMORÉ RAILWAY COMPANY”

**E'** MUITO antiga a expressão: “O caso Madeira-Mamoré não interessa mais!”<sup>1</sup>

Nem tampouco nós nos queríamos interessar do que houve com a “The Madeira-Mamoré Railway Company”. Aliás, é ainda conhecida e vivida por muitos a grande façanha que se intitula com aquela nome.

Interessam-nos, porém, os homens que nela participaram, criando novos rumos à região, e, mais que tudo, interessam-nos as conseqüências que advieram...

Tudo se fixava então sob a faceta do *produto-borracha* e *produto-castanha do Pará*. Por êste “El-Dorado”, milhares de vidas se atiraram ao desconhecido, em tôda a extensão da palavra. Mas não houve nem trilhos do valor duma barra de ouro, nem tantas vítimas tombadas quantos eram os dormentes: 21.717 homens trabalharam para a construção... os dormentes são pouco menos de 600 mil!!<sup>2</sup>

1 — A. M., Pôrto Velho, 15/XI/1931. “O Jornal”, Rio, 20/XI/1931.

2 — “... representa um dispendio que chegaria à absurda soma de mais de 20\$000 por cada dormente [...]. Só se incluiu nas folhas de pagamento a importância de Rs. 1.220:132\$000 (2\$000 por dormente, conforme o contrato), quando a soma realmente gasta foi de Rs. 6.501:705\$892”.

Memorial da M. M. R. Co., “Jornal do Comércio”, (Rio), 1913, pág. 66.

A Madeira-Mamoré teria custado uma média correspondente a 32 toneladas de ouro, que não dariam mais de 128 trilhos, e que, paralelos, cobririam menos de um quilômetro de extensão!!!

MORAES, Raymundo, o. c., passim.

Cada quilômetro de ferrovia possui 1500 dormentes: a Madeira Mamoré tem 569.000 dormentes. Morreram outros tantos trabalhadores? isto é, 300 por dia??? como foi possível se de 1907 a 1912 os trabalhadores da estrada de ferro foram 21.717? Em todo caso, a estatística do Hospital da Cande-

Até aqui, as lendas.

A história... é outra!

Sôbre o empreendimento americano, falido em 1879, o imperador D. Pedro II, entusiasta até o extremo por uma ferrovia Madeira-Mamoré, mandou em 1882 uma comissão de engenheiros afim de fazer estudos completos sôbre a exploração e o projeto. Apesar de desentendimentos entre os dois engenheiros C. A. Morsing e Júlio Pinkas, apesar de mortes a granel, de todos os empreendimentos levados a efeito, aquêle foi o único que chegou ao fim<sup>3</sup>.

Foi sôbre êsses trabalhos que o Brasil se incumbiu da construção da estrada de ferro, em fôrça do Tratado de Petrópolis [1903]. Já no séc. XX, puderam ser vencidas dificuldades muitas; outras foram contornadas num período de cinco anos.

Terminada a 30 de abril de 1912, a ferrovia, em caráter experimental funcionou desde 1.º de agosto; foi inaugurada intempestivamente, à revelia do consentimento e ordem do Govêrno, sem convite de espécie alguma às autoridades brasileiras federais, no dia 7 de setembro daquêle ano<sup>4</sup>.

Mas a essa altura já as sementes da "hévea brasiliensis" levadas clandestinamente para o Oriente em 1873 pelo botânico James Collins, e em 1876 por Wickam, estavam dando ótimo resultado científico e a borracha oriental ia se insinuando no mercado internacional sorrateiramente. Iniciava-se a grande queda da borracha no meio da crise mundial. Os seringalistas da borracha brasileira se revoltaram contra os fretes astronômicos da ferrovia em confronto aos níveis inesperados do preço do produto: os vagões continuaram a viajar vazios, a estrada de ferro era praticamente ignorada. Não só: ante a irredutibilidade dos

---

laria, dando apenas 1593 óbitos no período de 1907-1912, está evidentemente errada. Realmente terão sido de seis para dez mil.

Cfr. FERREIRA, Manoel Rodrigues, engenheiro, *Estrada de Ferro Madeira Mamoré*, em "A Gazeta", S. Paulo, 26/I/57.

"As vidas perdidas devido a moléstias e acidentes antes de 1907 podemos avaliá-las sem exagero, em mil. Contudo isso não deve ser atribuído exclusivamente ao clima, porque cerca de 300 ou mais desses falecimentos deram-se em viagem, ficando assim reduzido somente a 700 o número de mortes ocorridas no local".

Relatório apresentado ao Ministro da Viação pelo Chefe da Comissão extraordinária de fiscalização da M. M. R. Co., Dr. Geraldo Rocha, Diário Oficial, supl. ao n.º 63, 14/III/1912. Cfr. "Humaythaense" 22/VIII/1909.

3 — Cfr. FERREIRA, Manoel Rodrigues, l. c., 14/I/1957.

4 — A. M., 30/V/1918; "Oeste-jornal", Manaus, julho de 1950, artigo dos Engs. Scott Seegers e Mirelle Gaulin.

administradores estrangeiros, aquêles homens acostumados ao rifle e à brutalidade, tomaram a decisão de destruir a ferrovia:

“O comércio achava-se descontente e a animosidade chegou a ponto de danificar a estrada”<sup>5</sup>.

Por isso, a imprensa nacional foi-se mostrando fértil em abordar assuntos concernentes àquela estrada de ferro, enquanto as dificuldades internas aumentavam de dia para dia<sup>6</sup>.

Vinham a propósito as palavras pronunciadas em 1886 pelo engenheiro Alexandre Haag na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, perante o imperador D. Pedro II:

“Não tenho confiança nas vantagens presentes ou futuras da estrada de Ferro Madeira-Mamoré, tais como as consideram os seus apologistas. Acredito, ao contrário, que apenas servirá a uma região limitada, pobre e sem recursos para compensar os sacrifícios das vidas e dos capitais avultados que a sua construção e conservação exigem”<sup>7</sup>.

A administração vitoriosa, apesar disso se agarrou de mãos e pés juntos a todos os meios:

“Devemos fazer respeitar os direitos e o nome da Companhia. A ocasião é a melhor possível — escreveu-se certa vez. Ou o bruto recua, ou tem que correr...”<sup>8</sup>

5 — Relatório do Ministro da Viação, 1913, em FERREIRA, Manoel Rodrigues, l. c., 24/I/57.

Em 1891 a Amazônia produziu 17.790 toneladas de borracha.

Em 1910, estava a 10\$000 o Kilo; em 1911 (o climax!) a produção foi de 44.296 toneladas; em 1921 estava a 1\$350 o Kilo! Em 1923 a produção foi de 17.991 toneladas, enquanto o Oriente produziu 369.500!!

6 — Renda da M. M. R. Co. em 1911, quando começou a trafegar: 1.º trimestre £ 12.352 — 2.º trimestre £ 24.480 — 3.º trimestre £ 48.579 — 4.º trimestre £ 55.244.

Para 1912 (ano da inauguração) calculou-se uma renda bruta de £ 360.000, líquida £ 200.000. Na verdade o primeiro trimestre daquele ano rendeu £ 70.110 e o segundo £ 71.131.

*Impressões do Brazil no Século Vinte*, Londres, 1913, Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., pág. 238-239. A. M. M., “folder” 32; idem “folder” 2009-1, carta confidencial do Gerente da Madeira-Mamoré ao Cel. Paulo Saldanha, Administrador da “Guaporé Rubber Co.”, 21/IX/1918; idem l. c., carta particular do Gerente da Madeira-Mamoré ao Dr. Joaquim A. Tanajura, 4/XII/1920.

7 — Cfr. FERREIRA, Manoel Rodrigues, l. c., 12/I/57.

8 — A. M. M., of. 2223 da Diretoria da repartição de terras, Manaus (Amazonas); of. 118 do Palácio do Governo do Amazonas; 22/VII/1908; “folder”, 330, carta ao Procurador da República, 25/VI/1913; “folder” 17, Relatório



PÓRTO VELHO — ORIGENS

Com o prolongamento da ferrovia, Madeira abaixo, lavrou-se a morte da Vila de Sto. Antônio.

Mais tarde, interêsses políticos a condenariam ao ostracismo, e por concomitância, a paróquia.

Em compensação, surgiu outra localidade, hoje cidade de Pôrto Velho, capital do Território Federal de Rondônia.

Já nos referimos ao local, quando tratamos das Missões Franciscanas. Vamos lembrar o fato.

Por ocasião da guerra do Paraguai, o imperador do Brasil mandou colocar na cachoeira de Sto. Antônio a ala esquerda dum batalhão de guardas nacionais. O tresloucado Dom Mariano Melgarejo, presidente da Bolívia, tinha acentuados amores para com o Paraguai, e poderia, quem sabe, armar alguma invasão ou devassa. O pequeno destacamento militar da cachoeira de Sto. Antônio, convence-lo-ia, ao menos, de que o Brasil previra tudo.

Mas aquêles poucos militares foram acèrrimamente perseguidos pelas febres, vendo-se assim obrigados a mudar o acampamento para a ponta de terra firme, fronteira ao pôrto da cachoeira<sup>9</sup>. Entretanto, ao baixar o rio pela primeira vez o Pe. Macchetti, naquêle local só havia uns ranchos a cair, e uns roçados: tudo abandonado!<sup>10</sup>.

E' que por igual motivo, aquêles soldados tinham sido enxotados também do segundo local.

---

dos processos em andamento, 31/V/1915; "folder" 2009-1, carta ao Cel. Paulo Saldanha 8/XI/1915.

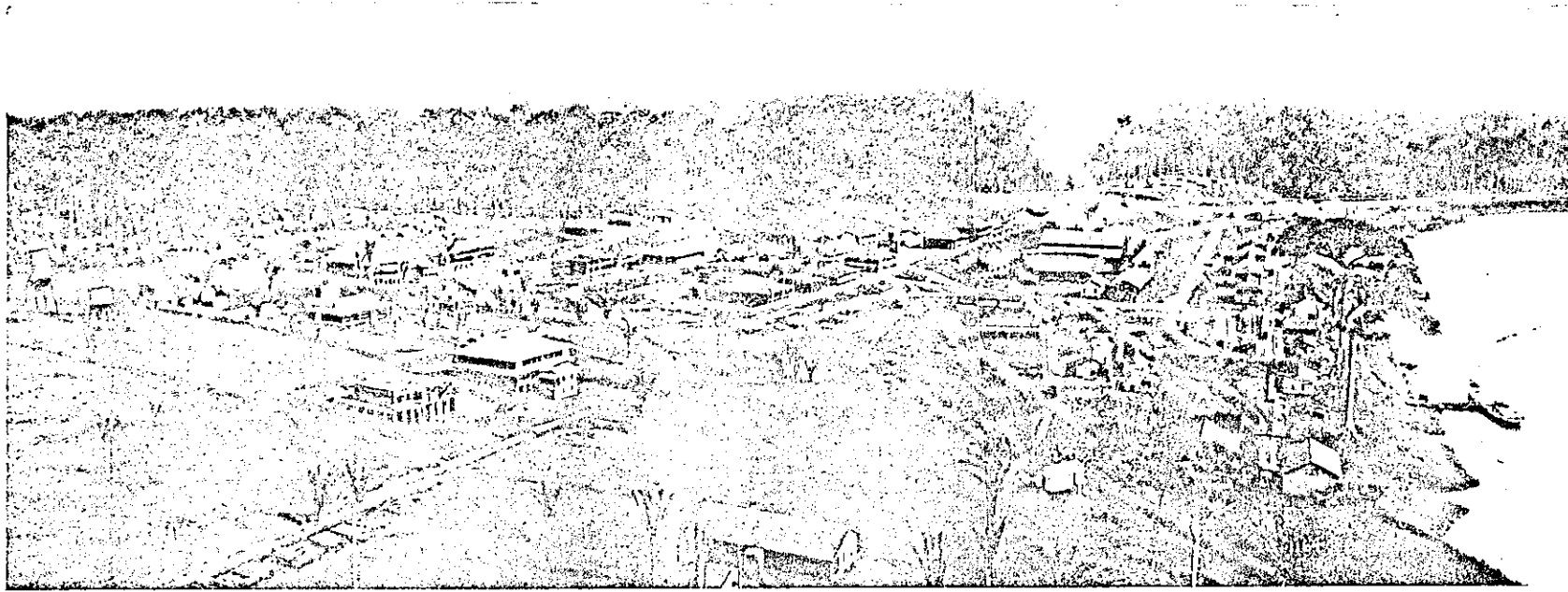
Vilas e *ciudades-modêlo* tinham sido prometidas a granel! iam surgindo dentro dos 150 ms. de cada lado da ferrovia, indo de encontro ao decr. 8776 de 1911. Por isso mesmo tinham um caráter provisório. A. M. S. A., of. 12/13 de 25/I/1913.

Não é verdade, porém, que a M. M. R. Co. impedisse a colonização ao longo da linha, violando a última cláusula do contrato de arrendamento ("constituir núcleos coloniais com famílias de agricultores, de 100 em 100 Kms. ao longo da linha férrea"). Assim, por exemplo, escreveu o "Alto Madeira", o jornal de Pôrto Velho, ainda a 14/XII/1930. Compulsamos minuciosamente o Arquivo da Madeira-Mamoré Railway Co. e não podemos subscrever a mesma afirmação. Cfr. A. M. M., "folder" 016-2 sôbre o Núcleo Colonial de Abunã. Pelo contrário, o próprio "Alto Madeira" de 28/III/1918 falava de uma "larga lavoura de milho desenvolvida em Guajarã-Mirim pela iniciativa particular", e a 31 do mesmo mês e ano se referia a um lavrador que em 1917 fizera uma regular plantação de arroz em Pôrto Velho, em área relativamente pequena: seria fora do perímetro da Madeira-Mamoré?...

Por que não lembrar que em 1750 o colono da Amazônia *devia* plantar as espécies nativas e aclimar as alienígenas? que em 1759 havia na Amazônia 17 mil pés de café, e que em 1775 havia dêles 220.920?!

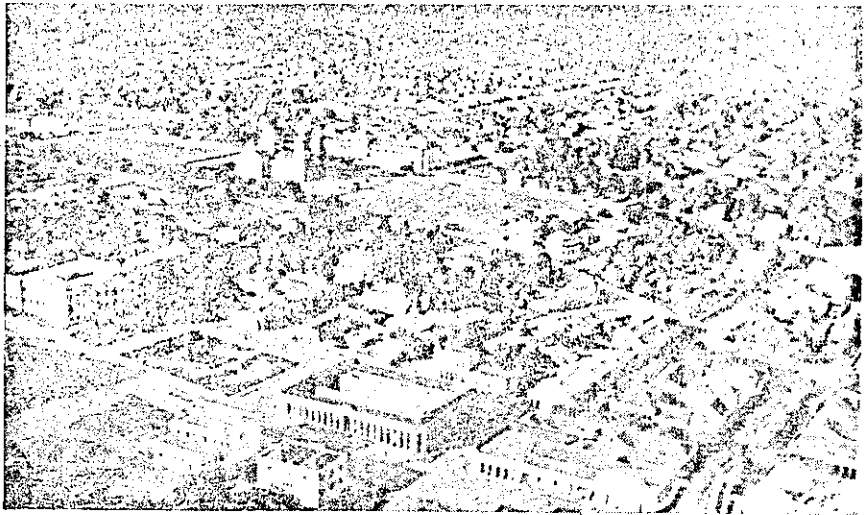
9 — O pôrto estava um pouco abaixo do povoado.

10 — MACCHETTI, *Diario de viagem* etc., pág. 51.



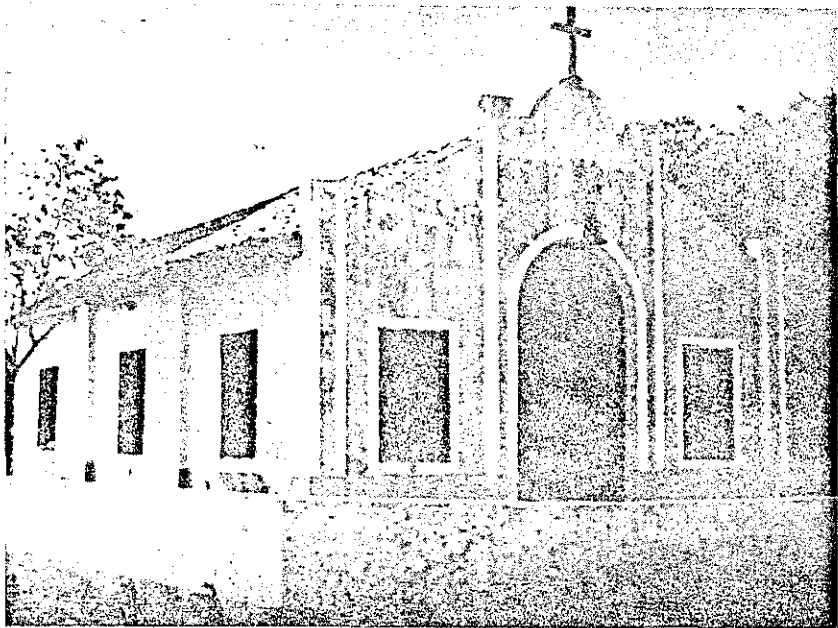
(Arq. M. M. de André Ary, S. Paulo)

A cidade de Pôrto Velho em 1910



(Foto Veiga)

A cidade de Pôrto Velho no presente



(Foto do Autor)

A Capela de S. Francisco das Chagas em Pôrto Velho

Foram fixar-se em outra terra firme, situada cêrca de 4 Kms. abaixo, na margem direita. A presença daquêle pequeno quartel, fêz desviar para lá todo o movimento fluvial miudo, enquanto os grandes vapores, transportando as mercadorias destinadas para Mato Grosso, continuaram a preferir Santo Antônio.

Garantida a paz com a Bolívia, retirou-se a guarnição militar e, como por encanto, desapareceu o movimento do lugar.

“O porto — já dissemos — tornou-se logo deserto, em ca-poeira bem depressa se transformou o exíguo roçado aberto pelos guardas nacionais, nas horas em que o impaludismo lhes dava tregua”.

E foi isso que Frei Jesualdo Macchetti encontrou quando em 1871 subiu o Rio Madeira em busca dos Caripuna.

Desde então, quando na região se queria fazer menção do lugar onde estivera vigilante o meio batalhão da reserva do exército imperial, dizia-se: “*pôrto velho* de Santo Antônio”<sup>11</sup>.

Segundo uma tradição, que antigos conhecedores do Alto Madeira nos obrigam a aceitar<sup>12</sup>, já no comêço dêste século viveu naquêle lugar um velho, Pimentel de tal, em cuja casa se organizavam as caçadas e se reuniam os caçadores. Surgiu assim outra versão: aos domingos, saíam da Vila de Sto. Antônio grupos de empregados da estrada de ferro em construção, e marcavam o lugar do encontro no *ponto do velho*<sup>13</sup>.

Seja como fôr, além de rica em caça, a terra era boa para se habitar: lugar alto, terra firme, pôrto de água limpa<sup>14</sup>.

11 — Dr. João da Silva Campos, Engenheiro da Fiscalização das Estradas de Ferro, em “Alto Madeira”, ano I, n.º 1 de 15 de abril de 1917; cfr. A. M. de 7/IX/1922, número comemorativo do Centenário da Independência. CANTANHEDE, o. c., pág. 35-36.

12 — Manuel Gomes de Oliveira, já falecido, prático do Rio Madeira desde 1893.

13 — Para honra da verdade: não encontramos ninguém que tenha conhecido *pessoalmente* o tal Pimentel. E se trata duma história que não tem cinquenta anos!...

14 — *Pôrto Velho*: lat. 8º 46', long. 63º 55' W, altitude 98 ms.

José da Costa Crespo comprou do Estado, por 600\$000, os terrenos de onde deveria partir a estrada de ferro. Mês depois, propôs a venda à Comissão Fiscal das Estradas de Ferro, por... 120 contos! Impugnado o negócio, e indeferida a desapropriação amigável, o referido senhor propôs ao Governo uma ação de indenização absurda! Acabou não recebendo nada, por não se ter satisfeito com pouco. Mas, afinal, o terreno valia, porque os péritos que vistoriaram às propriedades urbanas e sub-urbanas de Crespo na localidade *Milagres*, as avaliaram bem mals!!

A. M. M., “folder” 17, Relatório dos processos em andamento das Companhias Inglesas no Brasil, 31/V/1915; “folder” 330, carta ao Procurador da República, 25/VI/1913.

Isso, porém, não interessava muito para quem ia construir os escritórios e as oficinas duma estrada de ferro; importava menos ainda para quem contava com grandes linhas de navegação: os construtores da "Madeira-Mamoré Railway Co.", tinham onde abastecer-se sem perder tempo, dependendo exclusivamente da lavoura irrisória das terras daquêlê rincão amazônico!

#### USOS E COSTUMES

O povoado de Pôrto Velho — 800 habitantes! — era bem um cenário desordenado, sob muitos aspetos, se bem que dotado de uma posição geográfica privilegiada<sup>15</sup>;

“um amontoado de casas sem o menor aparato de povoação moderna, nem mesmo de taba de índios”,

diria anos mais tarde o primeiro Superintendente<sup>16</sup>. Mais uma grande usina ou fábrica, do que uma cidade em formação! Uma verdadeira cidade à moda do far-west, em redor duma estação ferroviária.

Todos os edificios da cidade eram de madeira, inclusive o hospital da Candelária, do qual teremos de nos ocupar. Algumas construções eram feitas com pilares de alvenaria de cimento, cobertas de telhas francesãs; outras, sustentadas sôbre esteios de madeira, com cobertura de zinco<sup>17</sup>. A mor parte eram toscas, de pouca durabilidade, podendo ser consideradas, senão como obras provisórias, apenas necessárias, principalmente durante a construção da estrada de ferro. Destacavam-se algumas casas verdadeiramente de duração efêmera, destinadas a servir de abrigo a trabalhadores ou empregados, e de escritórios dos subempreiteiros<sup>18</sup>.

Tudo distribuído anarquizadamente<sup>19</sup>. Ainda mais anarquizada andava a ordem pública!

15 — OSVALDO CRUZ, *Relatório*, Rio, 6/IX/1910, em VÁRIOS, *Saneamento da bacia do Madeira*, Typ. do “Jornal do Comércio”, 1913.

16 — A. M. P. V., 1.º Relatório apresentado pelo Major Guapindaia, 11/II/1915. Em 1913 o Dr. Geraldo Rocha, Chefe do 1.º Distrito de Fiscalização das Estradas de Ferro Federais, redigiu um Regulamento sôbre urbanismo e higiene. A. M. S. A., of. 21/13 de 7/II/1913.

17 — Entre os poucos edificios daquêlê tempo, funcionou ainda até pouco, o “Hotel Brasil”, inaugurado a 1.º de janeiro de 1912. A. M., II, 101, 9/V/1918. Foi destruído em abril de 1956 por falta de higiene.

18 — Dr. Geraldo Rocha, Relatório apresentado ao Ministro da Viação pelo chefe da Comissão extraordinária de fiscalização da “Madeira-Mamoré Railway Co.”, Diário Oficial, supl. ao n.º 63, de 14/III/1912, pág. 9-10.

Era proibido cobrir de palha construções particulares. No entanto...

A. M. M., “folder” 334 T.

19 — A. M. P. V., idem; Cfr. MORAES, Raymundo, *Na Planície Amazônica*, 2.ª ed., Manaus, 1926, pág. 187 ss.

As cabanas de palha encobriam crimes, enquanto no "Club Internacional" mulheres e homens dançavam o fox aos compassos do jazz! Rubicundos ingleses vestidos de branco, a beber uisque; alemães ingênuos e sorridentes, sorvendo "chops" com avidez; francesitas de Marselha com admirável heroísmo profissional, sorrindo convidativas aos peões de botas e esporas. Mais: refugiados políticos da Bolívia e funcionários de Manaus e Belém, aventureiros e seringueiros. Uma multidão pedindo alegria! <sup>20</sup>

Para aquela aglomeração promíscua na fala, nos trajés, nos gostos e nas raças, oriunda de todos os recantos da terra, formada de músicos e zabaneiras, comerciantes, médicos e engenheiros, juizes e promotores, falar em lei e em ordem pública, era coisa difícil, ainda que possível.

Vamos fazer algumas lúgubres referências.

O livro de ofícios policiais que se conserva na Prefeitura de Pôrto Velho, foi aberto a 9 de fevereiro de 1912 com dois tēmos de bom viver: de duas meretrizes e dum desordeiro! No mesmo ano por duas vēzes foi necessário que a administração da estrada de ferro pedisse a exoneração do 1.º Suplente da Sub-delegacia de Polícia, causador, o primeiro, de muitas desordens, à frente dum grupo de homens armados, e o segundo, Marcos Safety, ao mesmo tempo chefe da Mesa de Renda, por ser homem ciumento e convencido!...<sup>21</sup>

No ano de 1913, ano da criação da Vila de Pôrto Velho, a Polícia de Manaus entregou ao recém-nomeado chefe de Polícia de Pôrto Velho <sup>22</sup> uma dúzia de larápios e vadios, que iriam trabalhar nos seringais do Rio Guaporé. Entretanto, o govērno de Mato Grosso não os quis, e parte dēles fugiu logo para a Bolívia, começando a devassar as propriedades que por lá mantinha a Companhia <sup>23</sup>. Até o encarregado do correio retirou-se para Manaus, vistas as dificuldades que encontrava no desempenho do próprio cargo: o Prefeito de Santo Antônio ofereceu-se para substituí-lo!

E por fim: em 1915 foi exonerado o Secretário da Superintendência por crimes de concussão, peculato, embriaguês, indecências... Mas os tēmos empregados na Portaria de exoneração, poderiam bem colocar em pior situação o signatário, que era o próprio Superintendente, o Major Guapindaia!

20 — A. M., 6/VIII/1933.

21 — A. M. M., "folder" 172 T.

22 — O documento consultado o diz *homem desordeiro*, que foi preciso remover logo, mas nós preferimos chamá-lo *prejudicial aos interesses do govērno da estrada de ferro!*

23 — A. M. M., "folder" 171.

Com relação ao fisco federal, é daquêle tempo um telegrama nêstes têrmos ao Ministro da Viação:

“Estou verificando procedimento desonesto agentes fisco federal. Nunca pensei encontrar tanta imoralidade”<sup>24</sup>.

Felizmente não era cruciante como em Sto. Antônio o problema do sustento da população<sup>25</sup>.

Em 1914 [decr. 757 de 2 de outubro] foi criado o Município de Pôrto Velho naquela aglomeração de homens e coisas. Começaram as divergências a que aludimos em têrmos gerais; aqui vamos referir em particular uma delas, talvez a mais importante, e que acabou de forma ridícula por parte do 1.º Superintendente, graças à astúcia do advogado que a Companhia mantinha em Manáus.

A “Madeira-Mamoré” — assim vamos chamar de agora em diante aquela companhia — gozava de isenção de impostos estaduais e municipais [Decr. 7344 de 25/II/1909].

Diante do decr. 8776 [7/VI/1911] que desapropriava uma quantidade muito grande de terreno para uso da estrada de ferro, sucumbiu o arguto tino diplomático do Major Fernando Guapindaia de Sousa Brejense, que era o Superintendente.

O Arquivo da Madeira-Mamoré, se bem que muito desfalcado, ainda conserva um acúmulo da correspondência que, na circunstância, ligou Pôrto Velho a Manáus e Rio de Janeiro. Enquanto a tempestade se tornava cada vez mais iminente, a municipalidade ia anulando os títulos precários que a Companhia concedera, expedindo outros novos<sup>26</sup>.

Era mesmo verdade: os terrenos do decreto em questão, pela lei não estavam desapropriados!

O Major Guadindaia desfraldando a bandeira pelos direitos do Município não ficou ainda satisfeito. A Madeira-Mamoré estava agora violando o Código de Posturas Municipais, quando obstaculava a arborização e o reflorestamento, e mandava extrair dormentes no perímetro urbano!

“Essa Companhia, havendo sido inaugurada em tempos que esta zona era quase desabitada, *vox populi* arrogou-se de ilimitados direitos construindo e derribando *ad libitum*, respectivamente, casas e barracas de pobres forasteiros, que ao tempo já procuravam localizar-se na vida da agricultura. Assim não havendo quem a repelisse, a Companhia usufruia

24 — Idem, “folder” 195, telegrama G 236 de 13/VI/1913, assinado pelo Almirante José Carlos de Carvalho.

25 — A. M. S. A., of. 108/13 de 6/VIII/1913.

26 — A. M. M., “folder” *Superintendência*, 8, cartas ao Dr. Valadares, 26/IV/1915, of. da Superintendência n.º 39 de 27/V/1915.

tambem a ventura de ter a seu lado a conivência da Fiscalização do Governo, e desde aqueles tempos *in memoriam*, vem exercendo atos de comercio e industria extrativa<sup>27</sup>.

E a correspondência continuou cerrada por causa... dum barracão:

"... portanto não sendo lícito a quem quer que seja insurgir-se contra atos emanados da autoridade legalmente constituída e na forma determinada em Lei, declaro-vos que absolutamente não consinto que façais uzo outro do velho barracão"<sup>28</sup>.

Então a Madeira-Mamoré retirou [12/VIII/1915] o passe gratis de que o Superintendente gozava na estrada de ferro!<sup>29</sup>

*Em devida forma* (!) o advogado da Companhia meteu em ação a artilharia pesada. Cogitou-se até numa honesta prestação de contas do Superintendente, pela qual ficaria certamente demitido!...

Foi preciso tudo, para evitar um conflito armado!<sup>30</sup>

No fim de janeiro de 1916 voltou o sossêgo, porque o direito da força tinha ganho de causa diante do Governador do Estado que não soubera fazer valer a força do direito! A 27 daquêlê mês o Major Guapindaia voltou a escrever, como no comêço de 1915, uma carta cheia de delicadezas:

"... o pessoal que contratardes... tem ampla liberdade dentro ou fora das linhas do desconhecido acôrdo de agosto [com o Governador do Estado]. Não procurarei opôr obstáculos à extração de dormentes e lenha e, neste assunto, pode agir como melhor entender, reservando-me, porém, o direito de, em tempo oportuno, apresentar o meu protesto contra essa usurpação, e fazer valer os insonegaveis direitos deste município"<sup>31</sup>.

27 — Idem, *Superintendência* 70, carta do Major Guapindaia, 5/VIII/1915.

28 — Of. 75 da Superintendência de Pôrto Velho, s. d. [agosto de 1915] em BREJENSE, Fernando Guapindaia de Sousa, *Relatórios* [11/II e 5/VII/1915], Manáus, 1916. *Código de Posturas Municipais* de Sto. Antônio do Rio Madeira, Manáus, Livraria Palais Royal, 1913. A. M. M., l. c. 75, carta do Major Guapindaia, 10/VIII/1915.

"O Tempo", de Manáus, 6/XI/1915, num artigo assinado por vários comerciantes, afirmou que o Major Guapindaia cobrava impostos até dos Bolivianos!

29 — BREJENSE, o. c.

30 — A. M. M., l. c., carta reservada do Gerente Knox Little ao Dr. Caio Valadares, 28/IX/1915; telegramas do Dr. Valadares, 22 e 24/I/1916.

31 — Idem, "folder" 195-1; "folder" *Superintendência*, 8, carta do Major Guapindaia, 27/I/1916.

Continuaram porém, os mexericos entre a administração da Com-



De tantas preocupações, o Superintendente chegou a ficar doente!!<sup>32</sup>  
Mas seu nome ainda é lembrado pelas várias obras realizadas.

“Bandeirantes de hoje, de varias bandeiras vindos, mas acobertados todos à sombra acariciadora do auri-verde pendão patricio — é preciso que vos animeis na luta pela vida”<sup>33</sup>.

Sob esta faceta devem ser vistas suas realizações, que foram tais, contra inúmeras dificuldades que lhe desculpam os erros, exageros e arbitrariedades! Basta lembrar:

“Aí estão exuberantemente provando os resultados da cultura intensiva — essas extensas margens fluviais, outrora adustamente vestidas de folhagem virgem das florestas — e agora graciosamente adornadas desses múltiplos trechos de roças trabalhadas, onde o humilde lavrador de hoje, o seringueiro de outrora, é um dos poucos a não maldizer a aterradora crise do mercado do ouro vegetal amazonense — assim pinturescamente designamos o traiçoeiro produto das selvas matadouras de vidas e energias.

Prêmios, lotes a baixo preço, tôdas as concessões enfim, que de nossa zona sub-urbana e rural fizessem uma vasta lavoura — não deverão ser poupadas para que o Município seja bem cedo um grande empório abastecedor de cereais.

O desbravamento da mata para a sua substituição pelo plantio dos vegetais úteis — não é devastação das florestas.

E’ a utilização do trabalho humano em produção útil apegando o homem ao solo, e que naturalmente o conduz à formação do lar e decurrentes benefícios sociais”<sup>34</sup>.

#### MORALIDADE E RELIGIÃO

Era evidentemente natural, em Pôrto Velho, a ausência de critério moral. Pelo exposto acima, a situação era pior que em Sto. Antônio.

Comece-se por dizer que não havia instrução e, pior ainda, havia muito poucas crianças!

Era também uma conseqüência natural, que pouco se falasse em

---

panhia e seu advogado em Manáus, pelos ciumes dos Delegados Policiais e para tomar mil precauções contra as supostas ingerências indevidas do Major Guapindaia. A pasta 090 do A. M. M. contém muita dessa correspondência dos anos 1916-1917.

32 — A. M. P. V., 2.º livro de atas da Intendência Municipal, 19/X/1916, pág. 27.

33 — Idem, 1.º Relatório etc.

34 — A. M. M., “folder” 195-1 e Superintendência, 6.

catolicismo e em construção de igrejas. A primeira referência a igrejas se encontra na Ata da inauguração do Cemitério público Municipal da Vila de Pôrto Velho:

“... o Sr. Superintendente Municipal [...] aproveitava a ocasião do lançamento da pedra fundamental de uma capelinha”<sup>35</sup>.

Foi no dia 28 de julho de 1915, data importante, portanto, nos anais eclesiásticos de Pôrto Velho.

No mês de outubro, no dia 14, foi arrastado à prisão um comerciante “pelo simples fato de não querer aceitar um ingresso de cinema em benefício de uma capelinha que se está a construir no cemitério”<sup>36</sup>.

Havia sem dúvida, algum espírito de catolicidade. Deparamo-lo na Circular 19 de 14/VIII/1916:

“Comunicamo-vos para os devidos fins, que sendo amanhã [15 de agosto] dia santificado, os escritórios e oficinas da M. M. R. Co. estarão fechados.

W. J. Knox Little  
Gerente Geral.”

O mesmo encontramos estendido aos últimos dias da Semana Santa, e até de S. Pedro [1917 e 1918].

Com referência à prática de religião achamos duas circulares ambas de 1917: uma [n.º 25] comunicando o horário do culto aos barbadianos, pelo Rev. Miles de tal, no barracão dos barbadianos, e a outra circular [n.º 30] facilitando o mesmo culto<sup>37</sup>.

O grau de cultura religiosa era o mesmo que em muitos lugares do interior, ainda hoje condenados ao abandono e à ignorância. Um exemplo, entre muitos.

Havia um cearense, certo “Fontanelle”, que, por ser o guarda dos animais de carga da Companhia, era alcunhado “chefe dos burros”. Quando, no comêço de 1912, faleceu o Barão do Rio Branco, em Pôrto Velho foi luto geral em pouco tempo. Em tal circunstância Fontanelle quis inteirar-se.

35 — Ata da inauguração do Cemitério Público Municipal da Vila de Pôrto Velho, em 28/VII/1915. BREJENSE, o. c.

36 — “Gazeta da Tarde”, Manaus, 6/XI/1915.

37 — A. M.M., “folder” 050.

— Qu' é que hay?

— Morreu o Barão do Rio Branco — lhe responderam.

— Ah! já sei! O chefe do catolicismo da Religião da Igreja do Brasil. Aonde morreu? no nosso hospital da Candelária? <sup>38</sup>

Evidentemente, não podiam faltar pessoas de bem, sobretudo entre os administradores que zelavam mais do que por uma moralidade aparente <sup>39</sup>.

O Pe. Raimundo de Oliveira, pároco de Humaitá, não estava só agindo em a vizinha Vila de Sto. Antônio. Em 1914 [4 de janeiro] a população de Pôrto Velho se transportou para Sto. Antônio por ocasião das festas de S. Sebastião <sup>40</sup>.

Foi aquêlê verdadeiramente, o primeiro movimento de catolicidade em Pôrto Velho.

### GUAJARÁ-MIRIM

No baixo Rio Mamoré, poucos quilômetros acima da última das cachoeiras do Rio Madeira, a de Guajará-assú, ia surgir outra vila, mais tarde cidade, onde a estrada de ferro foi deixar a ponta extrema dos seus trilhos <sup>41</sup>.

Lógicamente o novo povoado havia de pautar-se por aquilo que era Pôrto Velho. Chamou-se Guajará-mirim.

Também lá vivia gente vinda das quatro partes do mundo, com o único intuito de ganhar dinheiro, muito dinheiro, e rapidamente. E o esbanjamento de dinheiro era patente. No meio de farras inomináveis, novos ricos acendiam cigarros com notas de cem mil réis e até mais, enquanto o champagne corria à vontade. Quantos quilos de pão branco não foram atirados fora, embora não faltassem os pobres...

Afinal, como em Pôrto Velho, havia muita perversidade, mas em ponto maior, e havia outrossim algum pouco de bem, mas em ponto me-

38 — A. M., II, 102, 12/V/1918.

39 — Circular 15 [20/VII/1916]:

“deverão pagar o hospital os que contrairem doenças venéreas. Os mensalistas continuarão gratuitos, porem não ganharão ordenado”.

A Circular 19 [14/VII/1917] citava circular anterior ameaçando alguns nudistas a demissão do emprego. A. M. M., “folder” 050; cfr. A. M. I, n.º 77, 14/II/1918.

40 — A. P. H., 1.º Livro de Tombo.

41 — O Rio Madeira é formado pelas águas do Rio Guaporé que, desaguando no Mamoré, toma o nome dêste. A confluência do Rio Mamoré e Beni, ambos com as nascentes na Bolívia, forma o Rio Madeira.

nor, por se tratar duma localidade muitíssimo isolada do resto do mundo civilizado <sup>42</sup>.

A 8 de outubro de 1912 foi instalado um pôsto fiscal por Manuel Tibúrcio Dutra, guarda que era, encarregado do mesmo fisco. Tôda a região do Rio Guaporé tinha pouco mais de 800 habitantes! Aquela data pode muito bem ser considerada oficialmente como a da fundação do novo povoado <sup>43</sup>. Antes, lá por 1903, quando do Tratado de Petrópolis, Guajará-Mirim era apenas uma indicação geográfica, para designar o ponto brasileiro fronteiro à povoação boliviana de Guayaramerin.

Sob certo aspeto, Guajará-Mirim é hoje mais bem formada que a própria cidade de Pôrto Velho. Apesar de elevada a cidade sòmente em 12 de julho de 1928, ela possui suas tradições e suas lendas, em redor de um ambiente bafejado por maior união entre a população e por um elevado espírito de família.

Isso não impediu que também lá fôsse grande e maior que alhures o atraso na religião.

Não temos conhecimento que algum sacerdote tenha visitado a localidade ou a região antes de 1917, mesmo depois de criada a diocese de S. Luiz de Cáceres [1910]. Provavelmente, de passagem, terão prestado algum ministério os sacerdotes da banda boliviana, sobretudo do Rio Beni e Rio Mamoré.

Mais probabilidade têm as viagens de *desobriga*, feitas pelo Rio Guaporé de Vila Bela abaixo. Talvez o Arquivo Arquidiocesano de Cuiabá nos reserve muitas novidades para o futuro, confirmadas, quem sabe, pelo Arquivo Público de Mato Grosso, cujas consultas continuam sendo muito difíceis.

42 — Cfr. PRADO, Eduardo Barros, *Yo vi el Amazonas*, 2.<sup>a</sup> ed. Buenos Aires, Talleres Graficos de Juan Castagnola e Hijo, 1956.

Com relação ao isolamento em que vivia a região, lembraremos que em 1900 — portanto no séc. XX! — ao chegar a Vila Bela de Mato Grosso, no alto Guaporé, a primeira lancha a vapor, dos Srs. Macliel e Cia., muitos dos habitantes daquela cidade foram esconder-se na floresta!... Cfr. MARQUES, Manuel Espiridião, o. c., pág. 6.

43 — A. M., 12/X/1919.

O 1º RELATÓRIO DE ETTA BECKER

147

O primeiro relatório de Etta Becker é interessante, apesar da autora ter visitado uma aldeia vazia. Porém sua descrição das casas e da disposição da aldeia é deveras importante.

Em 1974 em Sagarana, colhemos uma informação de que em certas aldeias os PAKAA-NOVAS dormiam em uma cama que mais se aproximava de uma cadeira, parece que Etta observou uma destas camas.

Ademais sua narrativa serviu como base para algumas pesquisas já realizadas e pesquisas futuras.

É o único trabalho conhecido dos PAKAA-NOVAS.

the possibility of comparison, of observing other forms of behavior which were formerly closed to them, now stimulates change in Tapirapé culture.

Numerous other modifications in the Tapirapé way of life might be reported. In 1953, a few Tapirapé collected money which they kept as they formerly kept red parrot feathers in a bamboo container, but they have only vague ideas of its value. Two men own rifles but they have little idea of how to keep them in order. Men wear trousers when they visit the Indian Post, but they might at any time calmly remove them in the presence of the missionaries, and women have learned quickly to put on a wrap-around skirt when Brazilian men approach. These and a series of other changes might be quickly noted as having occurred between 1940 and 1953.

Still, Tapirapé culture has remained remarkably stable in face of the violent disruption of Tapirapé society during this last decade. Tapirapé culture has been modified by borrowing and by loss of trait and pattern due to the reduction of population and the disorganization of the society. Tapirapé society, with fewer people and new influences, has now changed more than Tapirapé culture. Certainly society and culture are intimately related phenomena but the history of the Tapirapé during the last thirteen years indicates the value of distinguishing between social change on the one hand and culture change on the other. For a period the Tapirapé lived as members of a distinct society, but their culture persisted, and with this knowledge they have been able to recreate, at least temporarily, their organized social unit.

Anais do XXXI Congresso Intern. de Americanistas, vol. I,  
55. Paulo, 1955

## FIRST REPORT ON A FIELD TRIP TO THE GUAPORÉ REGION (PACAAS NOVOS)

by

ETTA BECKER DONNER

The Serra dos Pacaas Novos is the somewhat lower continuation of the Serra dos Parecis to the West its outskirts nearly reaching the Mamoré-River. The Rio Pacaas Novos and its confluent, the Rio Ouro Preto come from these hills and wind their way through the dense forest to the Mamoré. On the "terra firme" between these rivers live some Indians, commonly called "Pacaas Novos". About 20 or 25 years ago(?) the seringueiros report that these Indians came frequently out to the rivers to fish. Around 1930 the situation changed and now these Indians are not only shy but thoroughly hostile. It is reported, that some of the seringueiros shot at these Indians and from time to time there seem to have been so called "expeditions" to frighten them off. Today the situation is such, that the seringueiros are afraid of the Indians and shoot at them when they encounter them and the Indians occasionally raid a seringueiro house shooting at the inmates with bows and arrows.

But it seems to me that if these Indians are going out to rob — especially iron tools — they do not seem to kill without a good reason. They are said to mark down an enemy well and kill him later. Usually the seringueiro of this region is very good-natured and peaceful, but occasionally one may find people among them, who feel no responsibility towards the Indian and the present hostility of the Indians of the Pacaas Novos will

117

certainly have been the result of irresponsible activity on the part of such individuals.

I know now of about 5 villages of these Indians. The village I saw had 5 large houses. If we count about 12 persons for each house, including children, we may take it that one village has about 60 inmates; this would give us about 300 for the tribe. But it is possible that there are some more villages. Also we do not know if the Indians of the Rio Soterio, the next affluent of the Mamoré, belong to the same tribe or not.

Some people are of the opinion that the Arara, north of the serra, are the same tribe or at least intimately related to the Pacaas Novos. For several reasons, mainly linguistic ones, I do not share this opinion; but I shall have to get more material to be certain.

With two Indian materos and one caboclo I went up the Pacaas Novos and then up the Ouro Preto 4 hours journey above the confluence of the Igarapé Monte. This trip can be made in 2 to 3 days by canoe with an outboard motor. From there we followed the tracks of a group of 5 or 6 Indians who had about a week ago come out to the River Ouro Preto and broken into a seringueiro house. I was told that the village was 2 or 3 days away, perhaps four. Eventually we walked 9 days, mainly eastwards, always looking for the tracks of the Indians who had passed before us.

There was a line of hills which we crossed at a lower place. As soon as we reached the other side of these hills we encountered some older trails and the site of a village, with its houses already broken down. It must have been a large village, but deserted at least 2 or 3 years ago. Near to it was a large growth of Batoá-palms. Some partly broken down shacks or temporary houses showed that the Indians still came to harvest the fruits. There were trails, but it could be seen that they were used infrequently.

We had a difficult time finding the direction in which they now had gone. The trails were partly well marked

and visible, but used to vanish from time to time. Sometimes because a jungle tree with all its growth of cipós had fallen to the ground but mostly the Indians themselves had hidden their trails remarkably well. We now found frequently places where they had slept for the night, had had their fires, babracots and their little temporary huts, when it became too cold for them during the "frosts" in June and July. After 9 days we reached a village that must have been deserted only some months ago -- probably before the last rainy season.

There were 5 large houses, two of them had broken down already, three others were still in good condition. They were not grouped around one open space: two houses faced each other, the distance between them about 12 m, one very large, the other the smallest of the five. Next to the small house, looking in the same direction was another large house and a little set back from it, looking in the opposite direction was another large house with an open space in front and one more house, that had broken down.

The houses resembled <sup>shelters</sup> shelters, thatched with palm-leaves, strong and well made. The smallest house was 5 m long and 3 m wide, the roof extending to form a kind of verandah in front of the house, where the Indians had had their fires burning. The roof was tied on one side to a pole resting in strong forked sticks, embedded in the ground. Other poles and long forked sticks held up the roof in front. The smallest house was 2.28 m high. A larger house had a length of 8 m, another of 10 m, and the roof in front was no less than 5 m high. One house had a second shelter roof in the right hand corner attached to it.

But the most remarkable things were their beds. One could call them a special kind of platform-bed, although it is more of a chair than a bed. They run nearly the full width of a house. For instance the bed of the 8 m house was 6 m wide. On two strong gabled poles, 60 cm high rested a strong beam: 87 cm apart and 83 cm high rested another somewhat thinner beam. The space be-

lamin  
siga

647

tween them was filled with Pashiuba boards tied with cipó and embira. The people sit on the lower beam leaning back, with the legs hanging down, the head resting on the upper stick. These beds are quite comfortable to sit on. Frequently they put palmleaf-mats on it. Bows and arrows are leaning against these beds even when they are resting. In front of the beds the fire is burning — if it is cold, the fire is placed nearly under the bed.

The backs of the houses are kept clean, the dirt being pushed with a broom to the rear. Some baskets, mats and gourds they had left behind. I could not find any pottery but one of my materos had brought a German missionary two years ago to a village of the same tribe — where the Padre unfortunately had been killed — and this matero was one of the very few people who had ever entered a village where these Indians lived. He had seen black pottery of different sizes and he specially mentioned that it was very thin and well made. The matero Adolfo told me that they had big pots and they seem occasionally to make Chicha; but this is not certain.

There were remains of maize plants in the village and many empty cobs; they often eat the corn roasted. In the village as well as in their hunting huts I found these cobs and I have saved some of them for examination. I also found a maize-cob, part of which had been ground off — obviously on some sharp stone rasp. But there was nowhere a trace of manioc nor of bananas.

I found some cotton trees in the village. They do not know weaving, but use cotton, partly for the preparation of their arrows and tools. As far as I could ascertain from the matero, they go entirely naked and do not even wear cotton or embira armlets nor waiststrings — at least not for every day. He has seen some feather-headaddresses, but could not tell me anything about their technique. Maybe they used cotton for this.

There were also Lagenaria plants and pieces of gourds.

They have mats made of palmleaves, "palha mansa", which they pleat by turning one side of the leaf over

the middle rib and using the rib as one edge. They also make their more temporary baskets on their hunting trips out of the same material. Here they use the middle ribs on the corners to make them stronger; the baskets usually have three of them. But they also have twilled baskets and mats of different sizes. These baskets have a quadrangular bottom.

They use bow and arrow; the bow not being very large, with a notch for the string. The arrows are rather long and very carefully made. Up to now I saw tops of lanceolate bamboo and sharp round pointed ones of hard wood. The feathering is of the Arara type, very carefully tied and the feathers given a slight diagonal shift. The remarkable thing about them is that they have no notch at the end. They are of bamboo, tied sometimes with cotton, sometimes with the carefully waxed fibres of a palm, adorned with irregular black windings of embira and a small collar of ara feathers which stands out about two centimeters. With an instrument consisting of a bamboo stick with cotfa-teeth fastened to it by cotton thread they sharpen their arrow heads and make the rough bamboo surface smooth.

Obviously their agriculture does not cover much of their daily needs and they depend very much on collecting wild fruits, hunting and fishing. In their village and their temporary huts I found remains of Jatobá and Brazil nut shells. There were also some wild cocoa trees in the serra and the Indians obviously knew them for there were old trails passing below them.

They roasted meat on a stick over the fire; maize cobs and fish were wrapped in leaves and roasted in the ashes. [Near the water of a swamp there were also baracots on four legs for smoking fish].

Besides their real village I found various temporary shelters. Usually two smaller trees were used and a stick tied to it with cipó. Palmleaves or banana brava leaves were placed against it from the outside to form the roof. Each person had two palmleaves to sleep on the ground; a stick was often used for a headrest. On

150



O CONTATO

Como vimos no trabalho, não é deste século que o PAKAA-NOVA, conhece o branco, porém o verdadeiro contato foi no século XX.

Nós sabemos através da imprensa que o contato do PAKAA e do Rio Negro foi realizado em 1940/60, o que nos foge do conhecimento é o do Lage e Ribeirão onde encontramos a linhagem dos URURAM' TCHEN, isto nós ainda precisamos pesquisar.

Sobre as atrocidades do contato, todos os PAKAA tem na lembrança, estupro de mulheres, fuzilamento de índios, grandes festas com muita cachaça, tudo isto efetuado pelos funcionários do S.P.I. e finalmente as doenças.

Isto tudo torna mais claro ao vermos o quadro populacional dos PAKAA. E sabemos que no contato eram mais ou menos 3.000 (tres mil) e em 1964 500 (quinhentos).

Como sempre me parece que a civilização branca nao estava preparada para receber os PAKAA e fico em dúvida se já estamos.



**D**ESDE que a fronteira econômica do Guaporé foi aberta à exploração extrativista, seringueiros entraram em impiedosa luta contra as tribos de índios Pakaanovas. Cada corte nas árvores de "beve-brasiliensis" representava um índio abatido a tiros. Os silvicultores respondiam à sua maneira: com arcos e flechas. De vez em quando, tanto do lado esquerdo do Guaporé, na Bolívia, como do lado direito do Brasil, apareciam intrusos mortos. A maioria órfes sem pernas (decepadas na parte superior do fêmur) e, também, sem olhos e sem braços. Os povoados de Guajará-Mirim escandalizavam-se com os índios — malditos e cruéis — mas se acumplicavam com os criminosos brancos que invadiam terras e desgraçavam aldeias. Tudo isso em nosso País, em pleno século XX.

Então, para o narrador das grandes metrópoles brasileiras deve causar estranheza o fato de existir dentro do próprio País um verdadeiro mundo desconhecido. A verdade, porém, é que esse mundo existe e tem um nome: Amazônia. Um território selvagem onde muitos rios só são navegáveis por ubás indígenas conduzidos por índios ignorados e agressivos.

Em abril do ano passado, saiu do Território da Rondônia a "Expedição Maíra", planejada pelo, então, Governador Alvarença Maíra. Um grupo de homens que desprezava a própria vida em benefício da ciência, iam comprovar ou desfazer um mito: seriam verdadeiras as histórias que os nativos contavam sobre índios canibais das tribos Urundão, Uru-bóia, Ururat, Ururan e Uruçu, componentes do grupo Pakaanovas, habitantes das matas próximas às margens dos Rios Negro e Oenía? As histórias contadas na capital e nas cidades vizinhas eram esturruceadoras: ritos canibalescos e necerfúgos, crianças mortas de fome e, posteriormente, devoradas; expedições brancas assassinadas a flechadas para servir de repasto a diabólicos jantares. A meta da expedição era uma só: descobrir os Pakaanovas e, comprovados os festins de carne humana, pacificá-los.

De abril a novembro a expedição se expôs aos perigos naturais da região. Os resultados, porém, acabaram por vir à tona e o Brasil inteiro tomou conhecimento deles por intermédio da reportagem publicada na edição passada de "O Cruzeiro": a expedição conseguiu entrar em contato com os Pakaanovas. O chefe do grupo, Sr. Fernando da Cruz, funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, fotografou um ritual em que uma criança índia — morta por doença — era devorada. Essas fotos foram confiadas a "O Cruzeiro". Imediatamente, reunimos conhecidos antropólogos e conhecedores da matéria que estudaram as práticas dos silvicultores.

Revista resolveu pesquisar para comprovação, juntamente com cientistas e mateiros, o problema da antropofagia na Amazônia. Os Reporteres Bernardino de Carvalho e Henri Ballot estão, neste momento, viajando quilômetros pelo Rio Negro e seus afluentes.irão buscar a realidade no palco onde ela é vivida e de onde raríssimos brancos saíram com vida.

Max, vejamos a história da "Expedição Maíra".

EM MESES de selvas e rios, longas caminhadas, fome e cegueiras aclearam por vencer o chefe da expedição, José Fernando da Cruz, foi atacado por beribéri e moléstias



## DA AMAZÔNIA

Texto de BERNARDINO DE CARVALHO Fotos de FERNANDO DA CRUZ



O SENADOR boliviano Ruben Jurek e o Consul Luis Afãs, com membros em "O Cruzeiro" os costumes dos índios.



O CORONEL Alvorado Mafra, ex-governador do Território do Rondônia, prestou ao Repórter Bernardino de Carvalho um minucioso depoimento sobre a expedição que planejou para pacificar os índios Pakaanovas.

## Quando os Pakaanovas atacaram, os brancos agiram depressa: ficaram nus para provar que sem roupa eram todos semelhantes.

SOL inquietava a sua viagem de desfilio ao ponto quando a "Expedição Mafra" deixou o porto de Guajará-Mirim com destino às matas dos índios Pakaanovas. O pequeno cais não era só uma sociedade feita de pedra, mas também feita de made. Nos olhos das que ficavam se podia ver o temor do "nunca-mais". As histórias que se contavam sobre os índios chegavam a ser sobrenaturais. A equipe, porém, estava disposta a entrar em contato com as tribos que podiam encontrar e pacificá-las de maneira a estabelecer um "modus vivendi" cordial e permanente, sem mais hostilidades. O tradicional lema de Rondônia — Morrer, se preciso for, matar nunca — seria seguido à risca. Foi com essa disposição que os homens entraram no barracão "Amazônia", cedido pela Superintendência do Serviço de Navegação do Guaporé.

O frio, os mosquitos, os jacares e a lama foram companheiros desastrosos nos primeiros dias. Uma semana depois da partida, a vanguarda da expedição chegava à foz do Rio Negro. Ao longe, foi divisado o cabeço João Cristóvão, que conhecia a região até lugares nunca antes explorados. Encarapitado num barracão, ele aguardava para tomar o seu posto: encarregado do moinho de pópa. Algumas horas após o barco entrar no afluente do Negro, o temível Rio Ocaina. Depois de três dias, a embarcação ancorou em frente a um barracão. No interior deste, havia ainda, cheiro de morte: uma missão adventista habitava ali até ser repelida a flechadas pelos Pakaanovas. O velho casebre dos missionários transformou-se no "Posto de Atracção Coronel Tasso Aquino", em homenagem ao diretor do SPL.

Os expedicionários trataram de habituar-se com os terríveis ruídos das selvas, mesclados de silêncios ainda mais aterradores. A cada instante, aguardava-se a aproximação dos silvícolas. Todos sabiam que os índios eram perigosos e que não hesitariam em matar ao primeiro sinal de agressividade. No entanto, o que preocupava os brancos não era o temor da morte, mas, sim, a dúvida, a espera. Quando eles virão? A que horas? Por onde? Quando as patrulhas saíram por picadas, os caçadores redobravam. Os índios, porém, não davam sinal de vida. Os matizes, entretanto, sentiam a presença de olhos estranhos. Estavam escondidos nas copas das árvores, aguardando o momento propício para o ataque? E se a história dos festins de carne humana fosse verdadeira?

### A morte aguarda

A espera e a monotonia da expedição levava os homens às raias do desespero. Ao fim da primeira quinzena de maio, porém, chegou ao acampamento o restante da tropa com os auxiliares Ruy Figueiredo de Oliveira, Oliberto Gama, Jorge Cardoso dos Santos e José Luis Cardoso, além de duas crianças com rancho. Quatro dias depois o Bispo Dom Xavier Rei, da paróquia de Guajará-Mirim, apoiava sua causa no barracão. Esperou dez dias e, sem ver índios, regressou. José Fernando da Cruz, após explorar bem a região, voltou a civilização a fim de conseguir voluntários. Em poucos dias, o Capitão-Morão Antônio Rabello Duarte colocou à sua disposição quinze homens dispostos a enfrentar a morte. Novamente o "Amazônia" foi até o Ocaina, onde o Padre Roberto de Arruda Gomes passou a integrar a expedição.

Dentro do barco, andavam inquietos, de um lado para outro, alguns índios Tapuris e outros Pakaanovas (pacificados) que serviam de intérpretes.

Durante quatro meses, os membros da expedição andaram por matas e por rios proibidos. Pelas picadas, via-se o rosto dos índios e nas costas aos exploradores podia-se sentir os seus olhos. Os dias passavam e iam transformando-se em semanas. Até que chegou o 26 de julho. O índio Pakaanova, Tiam, já pacificado, arrumou alguns objetos num uba e chamou os mateiros Joaquim Pereira da Souza e Alexandre Pires, para bordo. Resolveram, os três, descer o Rio Ocaina para ver como iam as coisas pelo "Posto Tasso Aquino". A viagem, porém, seria interrompida. Pelo menos, a espera chegara ao fim.

### Guerra e Paz

Mais parecia um apito, mas era o ruído de uma flecha que sibilo no ar e foi encravar-se no braço esquerdo de João... da selva foi quebrado pelo grito do homem. O índio Tiam mergulharam na água enquanto uma chuva de flechas... a uba.

Era o ataque dos índios: surpresa e violência. 26-27 de July.

Fernando da Cruz foi mais forte.

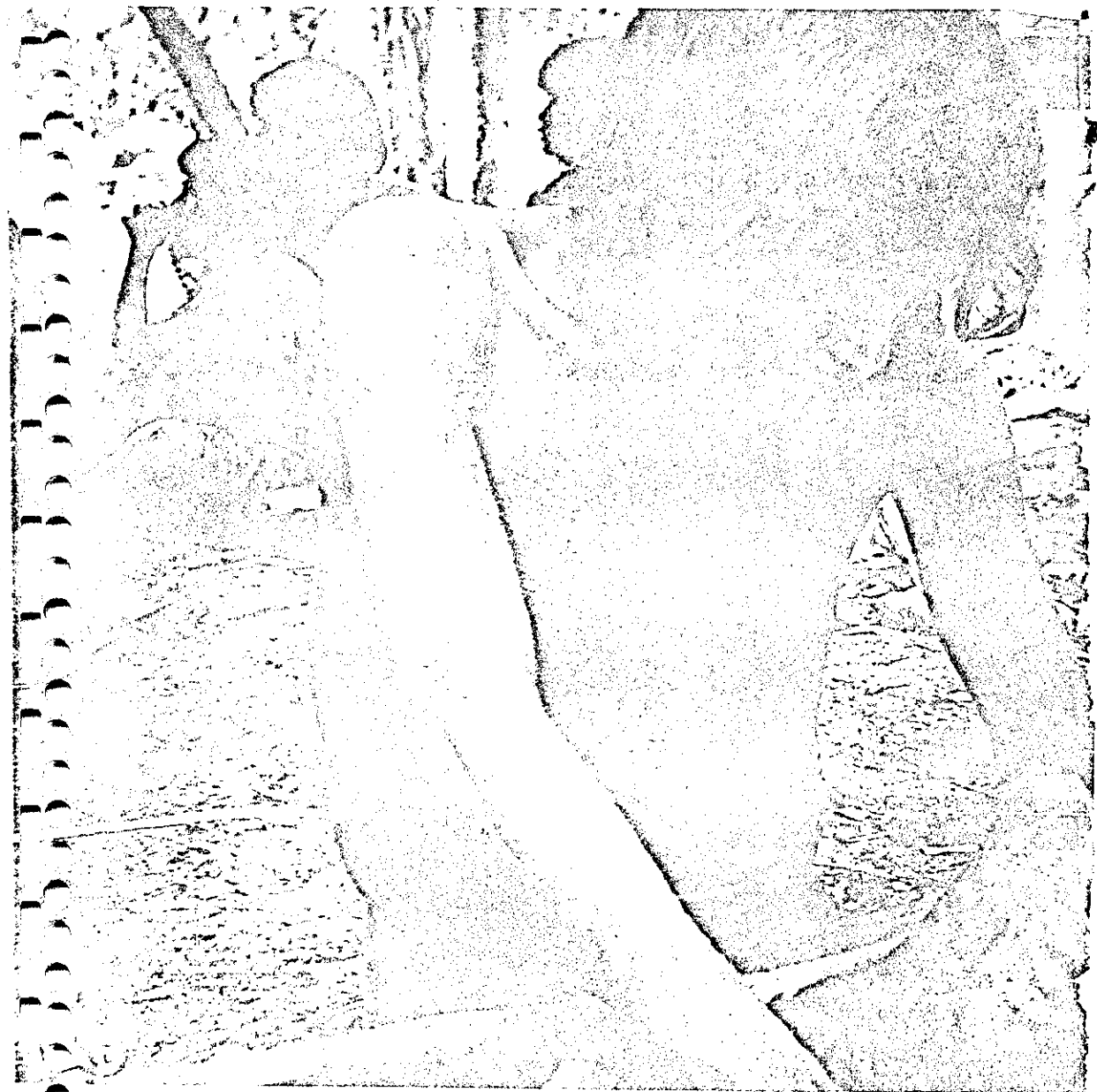
— Todos nus! Rápido! Todos nus!

Imediatamente aconteceu o que, na civilização, se chamaria de ultraje ao pudor. Dezenas de homens se despiram para demonstrar aos selvagens que eram seus semelhantes. Os gritos dos brancos assustaram os índios, que retornaram à mata. Atrás deles saíram os expedicionários com Saul, um indígena, à frente, rastreado. Horas de caminhada em que o cansaço e o desânimo haviam feito caricaturas nos rostos dos rastreadores. Repentinamente, sentiu-se cheiro de índio. Atrás de um tronco de árvore, encontrava-se, ferido, um jovem guerreiro Pakaanova. Na fuga, havia sofrido uma queda desastrosa e torção. O Tupari Saul aproximou-se do índio que nunca tinha visto um branco em sua vida. O dialeto selvagem fez-se ouvir entre o grito da araponga e o coaxar dos sapos. Um sorriso foi o resultado da conferência do "Tamariz das Selvas". O Pakaanova guiaria os membros da expedição até a taxa. Duas horas depois, irmãos da cidade e irmãos da mata confraternizavam. Após a guerra, a paz. Eram os índios da tribo Urupia, do grupo Pakaanova. Fernando da Cruz, porém, não estava muito confiante. Acostumado com trações de última hora, regressou, por uma picada, ao acampamento. Lá, ordenou a remadores que fossem até o "posto" para ver se tudo estava em ordem. A resposta surgiu de madrugada. O índio pacificado Antarcete levou para Fernando o arco de um chefe guerreiro Dimatã, como sinal de paz. Em duas frentes, brancos e indígenas festejavam a paz. Dois dias depois, Fernando assistiu ao ritual canibalístico. Apesar da harmonia os índios achavam natural comer carne humana. Seria uma tradição cultural por eles cultivada desde as mais remotas idades.

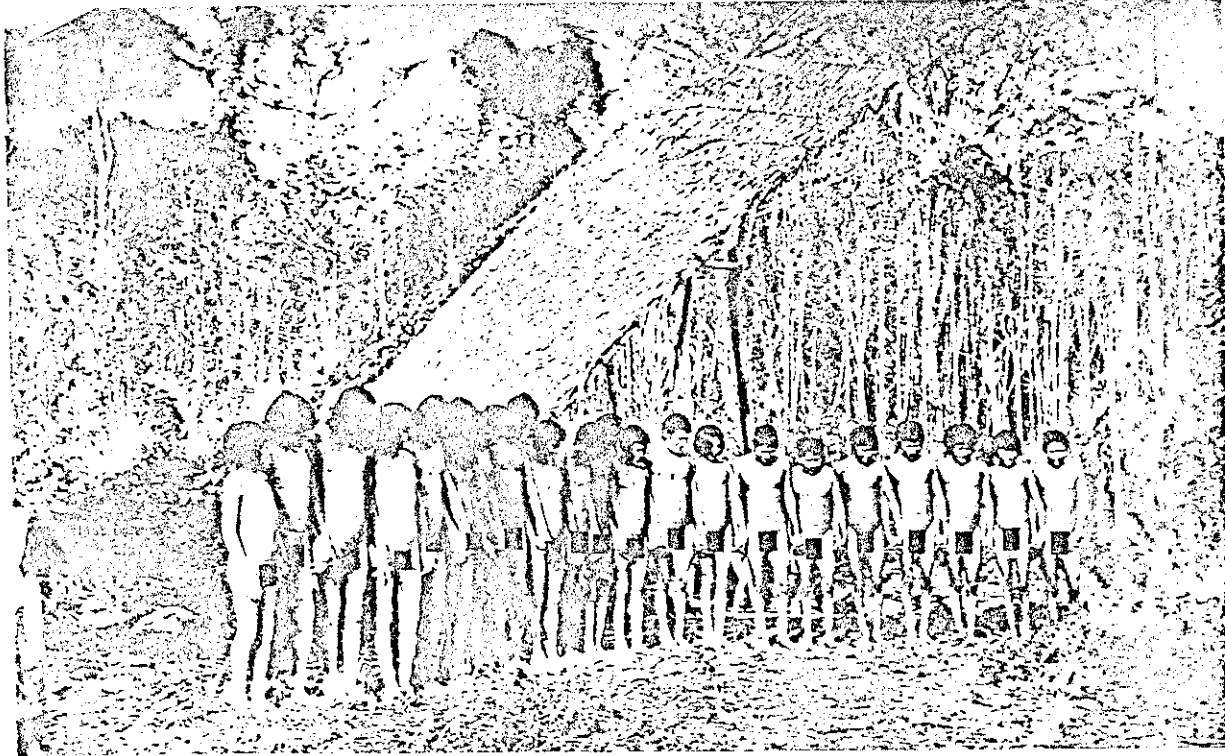
E a Expedição "O Cruzeiro" está, agora, seguindo o caminho da "Expedição Mafra", para ver e documentar o dia-a-dia dos Pakaanovas, o que faremos em próxima edição.



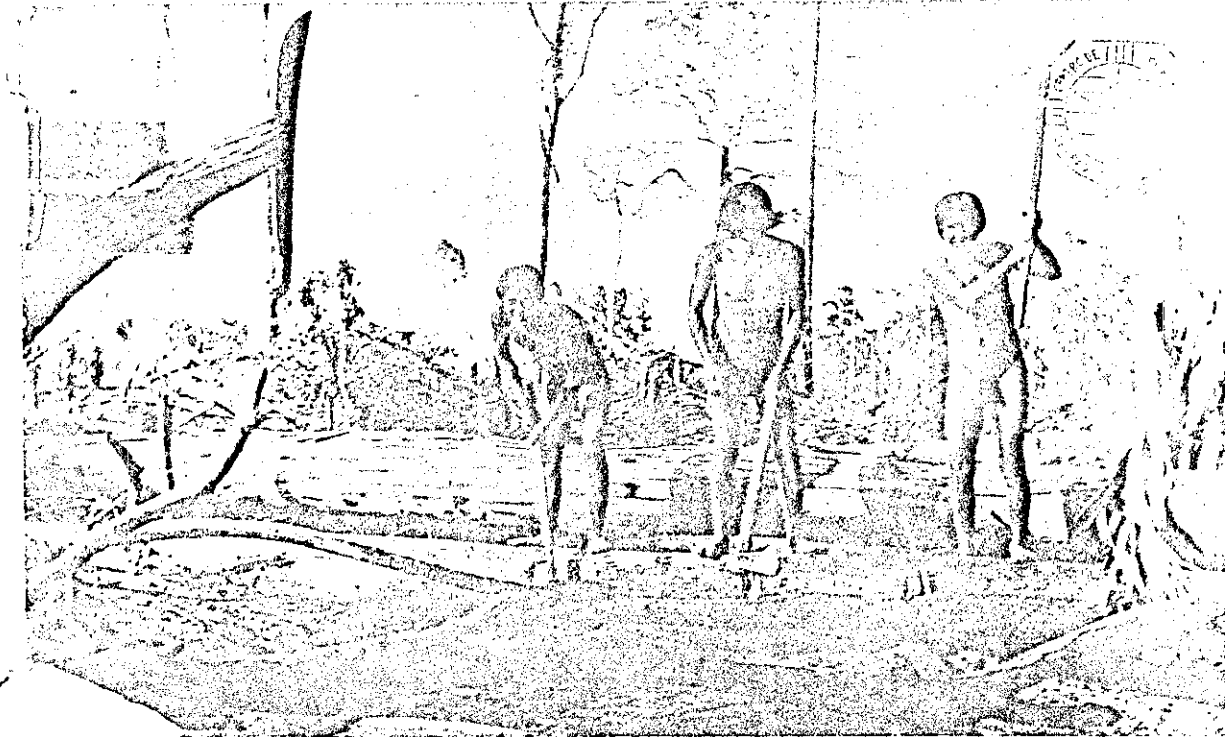




ΠΑΚΑΑΝΟΒΑΣ **ANTROPÓFAGOS**



ESTABELECIDO o primeiro contato com os Pakanavas, cabia aos expedicionários percorrer as aldeias com uma única meta: pacificação. No início, os índios mostraram-se hostis, mas aos poucos foram-se habituando com as facilidades da civilização. Ainda não aderiram às roupas, mas já descobriram as vantagens do munição.



## Antropólogos reunidos em "O Cruzeiro" examinaram documentário

**D**ESDE que a fronteira econômica do Guaporé foi aberta à exploração extrativista, seringueiros entraram em implacável luta contra os tribos indígenas, genericamente chamadas Pakaanovas. E luta armada. Cada corte nas árvores da hevea brasiliensis representava um índio abatido a tiros. E os índios respondiam à agressão à sua maneira, com arcos e flechas, atacando acampamentos. De vez em quando, tanto do lado esquerdo do Guaporé, em território da Bolívia, como do lado direito, em terras brasileiras, apareciam intrusos mortos, sem as pernas, decepadas na parte superior do fêmur, e também sem olhos, sem braços. Os povoados de Guajará-Mirim e de Guayarámirim (Bolívia) escondiam-se com os índios — "malditos e cruéis" — mas acumplicavam-se com os criminosos brancos que lhes invadiam as terras e desgraçavam aldeias.

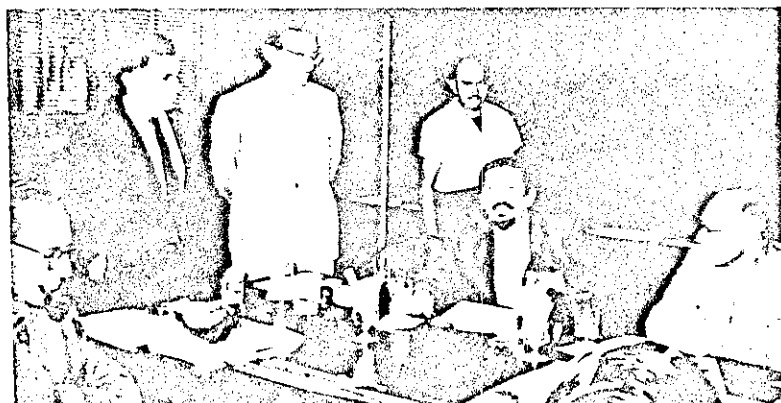
A espiçadaria contra a flecha era esta a luta. E o Serviço de Proteção aos Índios a tudo observando, e vendo, seguidamente, expedições punitivas subindo o rio. Nas capitais, nos gabinetes de ministros, seringueiros lamentavam a decadência da produção da borracha — "os índios não deixam, matam os seringueiros..." A ignorância e a estupidez davam-se as mãos sangrentas, e ninguém lhes dizia dos direitos do índio, direitos constitucionais; ninguém lhes lia o Artigo 216 da Carta Magna, que garante aos silvicultores a posse das terras onde se achem permanentemente localizados.

Mesmo as notícias de que os índios Pakaanovas praticavam antropofagia não impediam as penetrações ousadas. Em Guajará-Mirim ninguém desconhecia a acusação de que os Pakaanovas haviam devorado, em 1950, o Padre Mauro Wirth, do Mosteiro de São Bento, de São Paulo. Militares da 6ª Companhia de Fronteiras, sacerdotes da Prelazia de Guajará-Mirim, autoridades de todo o Território, e da cidade fronteira de Guayarámirim, boliviana, ninguém do povo desconhecia a acusação de antropofagia, que todos entendiam como barbárie, abominável prática que devia ser abolida, mesmo à força, a bala de espingarda.

A "Expedição Maíra" teve o mérito da pacificação. Os contatos com os índios Urucu, Urutai, Uruboin, Ururá e Urucúção permitiram aos expedicionários sob a chefia de Fernando da Cruz estabelecer um "modus vivendi" entre silvicultores e brancos. A prática antropofágica natural e comum entre eles, foi constatada e documentada. Pela primeira vez na história da humanidade se conseguiu uma documentação de antropofagia. Documentação que, agora, está em nosso poder. Antropólogos, etnólogos e sertanistas renomados já a examinaram em memorável reunião no Salão Nobre de "O Cruzeiro". A autenticidade do documentário é incontestável. Nenhum cientista opôs a menor objeção à validade do material fotográfico, porque todos conheciam e conhecem o traço cultural da antropofagia entre os Pakaanovas.



O PACIFICADOR dos Pakaanovas (à esquerda), Fernando da Cruz, em "O Cruzeiro", com os inspetores do SPI, Jovias Macedo, Chico Meireles, Alfredo José da Silva e Moto Catral. Todos eles conhecem Rondônia.



ENTRE as participantes da Conferência de Cientistas promovida pelo "O Cruzeiro", para e ministrar exame da documentação antropofágica dos índios Pakaanovas, figura o famoso sertanista Orlando Villas Boas.





## Assim vivem e foram vistos na selva os indígenas Pakanovas

**S**OB um verde teto de folhas, as fraldas e cipós entrelaçados que filtravam tênues faixas de sol, fundido o rio Guaporé estava adormecido e aquela manhã de julho. Suas águas ribeiras escondiam-se na mata rã e repousavam no leito de argila, sinuoso, retreto e raso. Um poético debramar de Ingararas lhe decorava as margens de quietos remansos. Longe, muito longe, lá no recôndito da selva umida, ecoavam alegres cantos de pássaros bulbosos.

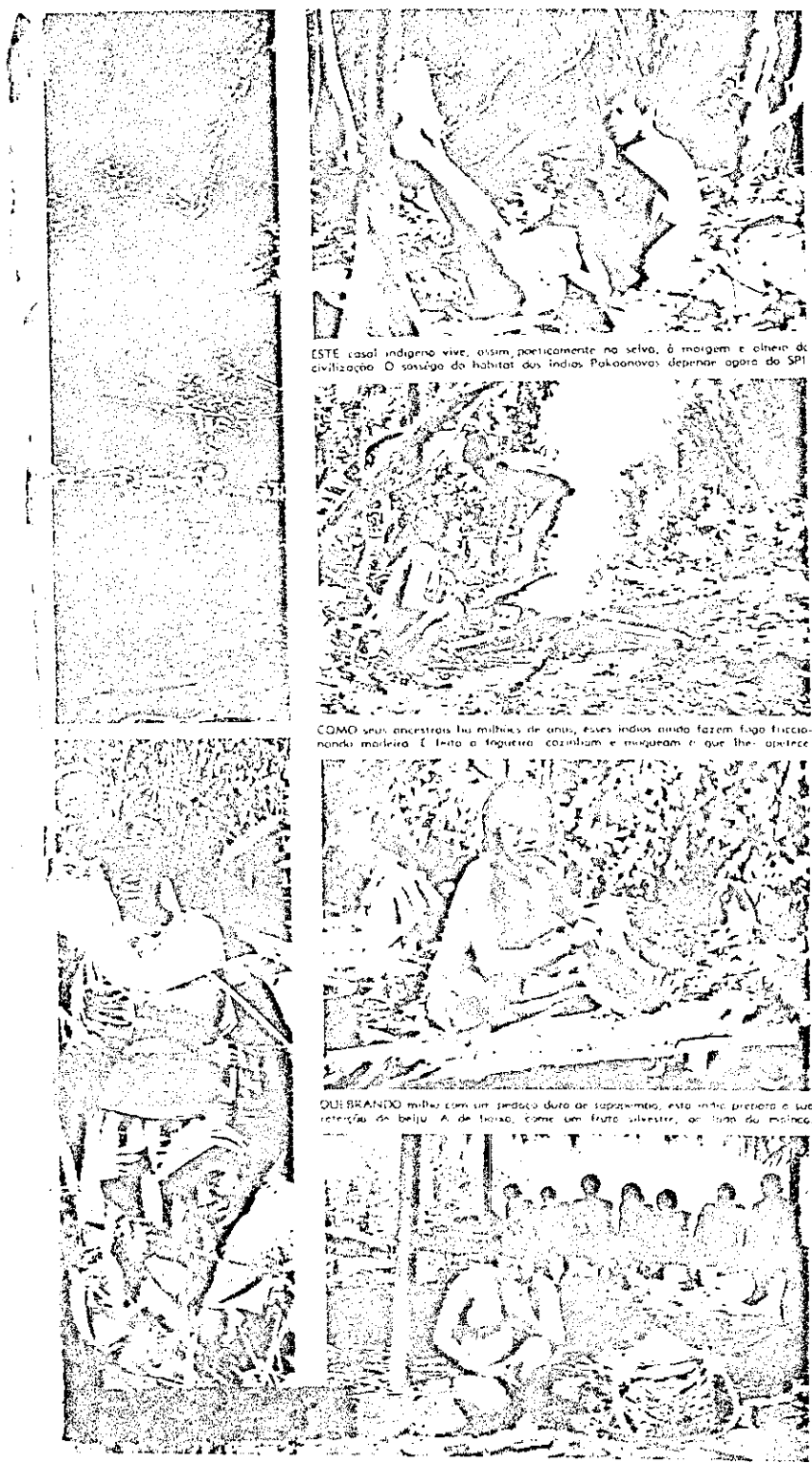
Aquela hora da manhã, a proa de uma uba audaciosa, primeira de uma flotilha com homens rijos e habéis no remo, lhe penetrava pelo curso médio no rumo de suas nascentes, violando tenebramente a nação dos índios Pakanovas.

Era a "Expedição Maíra" que viajava pelo rio ao encontro das temíveis tribos para tentar a pacificação das aldeias.

### CORAGEM NO DESCONHECIDO

Pacificar os índios Pakanovas constituía um objetivo político e econômico do então governador de Rondônia, Ten-Cel. Alvaranga Maíra. Sabia ele que, desde a década de 40, quando o intrépido sertanista Francisco Meireles pela primeira vez entrou aqui por aquele afluente da margem direita do Guaporé, intrusos aventureiros passaram a explorar os produtos vegetais e minerais da floresta ripiã. E que, dez anos depois, quando outro sertanista do SPI, Alfredo José da Silva, instalou ao sul de Guajará-Mirim, a margem do Guaporé, um posto de ação indígena, o aventureirismo econômico da indústria extrativista colidia com os interesses do Território e com os direitos do gentio açudado. Firmou-se o militar, logo que assumiu o governo do Território de Rondônia, ciente de elaborar um plano de pacificação indígena, plano esse que se ajustava ao propósito do então diretor do SPI, Coronel Tasso Aquino. E foi que, em abril do ano passado, chegou a Rondônia o Sr. José Fernando da Cruz, recomendado pelo meu colega do Exército para cuidar dos preparativos da expedição planejada. Não tinha, entretanto, o SPI verba nenhuma. Depois-me estive com apoio do Presidente Jânio Quadros, a promovê-la. De qualquer modo, teria de arranjar dinheiro, e o arranhei, depois da Reunião de Governadores em Curitiba, onde, em detalhes, expus meu plano ao Presidente; a verba veio destinada pela SPVEA. Devo admitir que só tomei tais iniciativas graças à demonstrada coragem do homem indicado pelo SPI, José Fernando da Cruz que, afinal, provou do que é capaz em difícil missão. A expedição ganhou o rio Guaporé, saindo de Guajará-Mirim, em 27 de abril, com destino à foz do rio Negro, afluente do rio Pakanovas, tributário do Guaporé. Durante três meses, fome e má-laria somaram-se a muitos sacrifícios. A coragem tudo venceu no desconhecido mundo".

CONTINUA



ESTE casal indígena vive, assim, poeticamente na selva, à margem e oitavo da civilização. O sossego do habitat dos índios Pakanovas depende agora do SPI.

COMO seus ancestrais há milhares de anos, esses índios ainda fazem fogo friccionando madeira. É feita a fogueira, cozinhando e aquecendo o que lhe apetecer.

QUEBRANDO milho com um pedaço duro de sapotagem, esta índia prepara a sua refeição de milho. A de baixo, come um fruto silvestre, ao lado do milho.

CONCLUSÃO

Como podemos ver a situação dos PAKAA-NOVAS não é das melhores, trabalhando para a FUNAI e obrigados a mudarem sua estrutura religiosa.

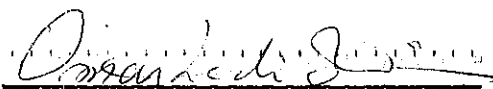
A sua integridade física ameaçada pela incapacidade da equipe de saúde da FUNAI e forçados a se emanciparem pela Igreja.

Tudo isto nós sabemos, ocorre com os outros índios e porque não dizer, com a população brasileira, visto que as atrocidades do Estado são as vezes muito maiores.

É por isto que tentamos mostrar a verdadeira realidade dos índios PAKAA, concentrando nos quadros populacionais, classificando família por família, casamento por casamento, número de solteiros e viúvos. Concordamos existir até um exagero na linguagem matemática, mas, foi a única maneira encontrada para demonstrar os casamentos interlinhagens, e que o leitor trabalhe nos dados, a fim de também tirar conclusões.

Os anexos foram colocados, por serem as únicas linhas que conseguimos, relacionando a nação PAKAA-NOVA.

Por fim, a idéia do trabalho, além de mostrar a verdadeira realidade dos índios brasileiros, é um grande berro contra essa política indigenista no país, onde se vê claramente uma política de extermínio ao índio brasileiro.



OMAR LANDI SANTOS

R.A. 760828 - UNICAMP